



Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Amazonas  
Mestrado Interinstitucional (MINTER)  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Jose Roberto Costa de Azevedo

AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY  
EM PARINTINS (AM) POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Porto Alegre (RS)  
Manaus (AM)  
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Universidade Federal do Amazonas  
Mestrado Interinstitucional (MINTER)  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY  
EM PARINTINS (AM) POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no Mestrado Interinstitucional como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos (PPGAV-UFRGS)  
Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Alfonso Moreno Baptista (UT)

Porto Alegre (RS)  
Manaus (AM)  
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Azevedo, Jose Roberto Costa de  
AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO  
MACURANY EM PARINTINS (AM) POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS / Jose Roberto Costa de Azevedo. -- 2022.  
165 f.  
Orientadora: Maria Ivone dos Santos.

Coorientador: Ricardo Alfonso Moreno Baptista.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Imaginário amazônico. 2. Narrativas Oraís. 3.  
Histórias em Quadrinhos. 4. Comunidade. I. Santos,  
Maria Ivone dos, orient. II. Baptista, Ricardo  
Alfonso Moreno, coorient. III. Título.

AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY  
EM PARINTINS (AM) POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

JOSE ROBERTO COSTA DE AZEVEDO

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção de Título de Mestre em Artes Visuais, e aprovada em sua forma total pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS.

Aprovada em 14 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Ivone dos Santos – Orientadora (PPGAV / UFRGS).

Prof. Dr. Ricardo Alfonso Moreno Baptista – Coorientador (Universidad del Tolima/Colômbia).

Profa. Dra. Fabiana Feronha Wielewicki (FAARTES / UFAM).

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern (PPGAV / UFRGS).

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras (PPGAV / UFRGS).

Porto Alegre (RS)  
Manaus (AM)  
2022

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos em primeiro lugar ao Pai Celestial que nos dotou de força, inteligência e sabedoria para que pudéssemos chegar ao final dessa caminhada.

À professora Dra. Maria Ivone dos Santos, orientadora e, antes de tudo, uma amiga; obrigado pelo carinho e, sobretudo, pela paciência. Foi muito bom tê-la conhecido e podermos olhar juntos na mesma direção, o agradecimento é pouco para expressar minha gratidão.

Ao professor Dr. Ricardo Afonso Moreno Baptista, coorientador, pelo o total apoio nessa caminhada, pela paciência comigo, a minha gratidão.

Aos professores Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern e Dr. Eduardo Ferreira Veras, pelas considerações tanto no exame de qualificação quanto na defesa, com importantes contribuições e a professora Dra. Fabiana Feronha Wielewicky por ter aceitado participar do meu exame de defesa nesta etapa final. Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS, pela atenção e prestatividade.

À professora Dra. Camila Alexandrini pela importante contribuição na revisão do trabalho como um todo, colocando-se sempre à disposição, o meu muito obrigado

Aos moradores da Comunidade do Macurany que permitiram a realização da pesquisa em seu território imaginário, possibilitando corroborar na composição desse trabalho através de suas histórias sobre as narrativas da localidade.

Aos meus pais avós, Raimundo Ribeiro de Azevedo e Maria Aurea de Azevedo; pela maravilhosa criação que me deram e a educação para a vida.

À minha filha Ana Roberta Silva de Azevedo por ser a minha grande razão de viver; és a minha vida. A Jucinara Bulcão da Silva, companheira, amiga e incentivadora por compreender a necessidade do distanciamento para a escrita.

Aos meus amigos; companheiros de classe; da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP; em especial aos meus amigos Rob Barbosa, Neto Barbosa, Jofre Mendes, José Valdenilson Simas e a todos pela ajuda nas horas que mais precisei.

Aos meus amigos de longa data Geone Angioli, Dejarde Vieira, Gerson Albuquerque pelo o incentivo e apoio nessa caminhada acadêmica.

Aos meus colegas de mestrado pela confiança e pelo carinho.

Ao MINTER UFAM/UFRGS por nos proporcionar esse programa de mestrado com grande relevância para a minha vida pessoal e profissional.

A todos que de alguma forma contribuíram para a concretização de um sonho, o qual foi possível graças à ajuda obtida através de amigos, familiares e professores. O meu muito obrigado!

*Dedico esse trabalho ao meu saudoso irmão Raimundo Anacleto Costa de Azevedo (In memoriam), grande incentivador da minha carreira acadêmica, e à minha saudosa professora Ivaney Machado Teixeira (In memoriam) minha primeira orientadora na universidade.*

## RESUMO

Esta dissertação tem como proposta apresentar o processo criativo da materialização das narrativas orais dos comunitários do Macurany, em Parintins, Amazonas, por meio das Histórias em Quadrinhos. Veremos que o processo de transposição da oralidade para a visualidade se dará a partir de uma prática coletiva que inicia com a coleta de narrativas do imaginário local repercutindo igualmente na minha experiência artística. Procura-se materializar os relatos dos contadores de histórias, em imagens poéticas nas linguagens, no intuito de compreender o simbolismo presente nessas narrativas. Por meio de um processo de experimentação, busca-se traduzir as três narrativas mais populares da comunidade em desenhos nos quadrinhos com a participação de estudantes e de dois membros da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins (AAPP). Partindo de um laboratório em contexto, realiza-se uma prática artística social com os comunitários da localidade, onde é oferecida uma oficina de Histórias em Quadrinhos, para que os mesmos possam materializar suas narrativas orais por meio HQ's. Essa proposta se ancora nas experiências de Práticas Artísticas de Participação Comunitária (PAPC) do artista Plástico Ricardo Moreno. Nesse processo, contei com valorosa colaboração dos Coletivos: Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins e, da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP, que contribuíram significativamente para a realização da proposta na comunidade. Os participantes da oficina tornaram-se interlocutores da materialização do imaginário da cultura local, contribuindo para a produção da Revista “As Narrativas Orais dos Comunitários do Macurany”, valorizando, assim, o sentimento de pertencimento que têm pela sua comunidade, refletindo sobre a importância de seu papel como comunitário, diante do local onde vive ou escolheu para viver.

**Palavras-chave:** Imaginário Amazônico. Narrativas Orais. Histórias Em Quadrinhos. Comunidade.

## ABSTRACT

This dissertation aims to present the creative process of the materialization of the oral narratives of the community members of Macurany, in Parintins, Amazonas, through Comics. We can see that the process of transposing orality to visuality will take place from a collective practice that will start with the collection of narratives from the local imaginary, also having repercussions on my artistic experience. We try to materialize the storytellers' reports, in poetic images in the languages, in order to understand the symbolism present in these narratives. Through a process of experimentation, we seek to translate the three most popular narratives of the community into drawings in comics with the participation of students and two members of the Association of Plastic Artists of Parintins (APAP). Starting from a laboratory in context, a social artistic practice is carried out with the local community, where a comic book workshop is offered, so that they can materialize their oral narratives through comics. This proposal is anchored in the experiences of Artistic Practices of Community Participation (APCP) of the plastic artist Ricardo Moreno. In this process, I had the valuable collaboration of the Collectives: Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins and the Association of Plastic Artists of Parintins - AAPP, which significantly added to the realization of the proposal in the community. The workshop participants became interlocutors in the materialization of the imaginary of the local culture, confident for the production of the Magazine "The Oral Narratives of Macurany Community Members", thus valuing the feeling of belonging they have for their community, reflecting on the importance of their role as a community, in view of the place where they live or chose to live.

**Keywords:** Amazonian Imagination. Oral Narratives. Comics. Community.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sede do município de Parintins/AM .....	22
Figura 2 - Mapa da Comunidade do Macurany .....	23
Figura 3 - “O Pau da Visagem”. Arte: Roberto Azevedo – 2020.....	47
Figura 4 - “A mulher de Branco”. Arte: Rob Barbosa – 2020.....	48
Figura 5 - “O calça molhada”. Arte: Neto Barbosa – 2020 .....	49
Figura 6 - Netto Barbosa, Roberto Azevedo e Rob Barbosa – AAPP, AM.....	49
Figura 7 - Prédio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP .....	52
Figura 8 - Pintura Mural “BORIWI” (2021).....	52
Figura 9 - Membros da equipe da Oficina de Histórias em Quadrinhos .....	53
Figura 10 - Coordenador da Oficina – José Roberto Costa de Azevedo.....	54
Figura 11 - Painel: Oficina de História em Quadrinhos no Macurany.....	55
Figura 12 - Apresentação da proposta da oficina para a comunidade .....	55
Figura 13 - Revista Contos, Lendas e Mitos da Região de Parintins-AM, 2018.....	56
Figura 14 - Rob Barbosa, Presidente da AAPP.....	57
Figura 15 - Apresentação de suas produções aos participantes da oficina (2021) ...	59
Figura 16 - Levi Gama, ministrante da oficina de HQ's .....	61
Figura 17 - Participantes da Oficina .....	62
Figura 18 - Participantes da Oficina na Associação Nipo Brasileira de Parintins .....	63
Figura 19 - Instrutor ensinando a linguagem dos quadrinhos .....	64
Figura 20 - Participantes construindo personagens .....	65
Figura 21 - Planos: aberto, médio e fechado.....	66
Figura 22 - Participante apresentando sua sequência dos quadrinhos.....	66
Figura 23 - Narrativa oral: A Lenda do Boto (2018).....	67
Figura 24 - Roteiro (2018) .....	68
Figura 25 - Páginas da Revista: A Lenda do Boto (2018) .....	68
Figura 26 - Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.....	71
Figura 27 - Participante entrevistando sua avó no Balneário Regaço Ecológico .....	73
Figura 28 - Participante entrevistando sua mãe no campo do Macurany.....	75
Figura 29 - Participante entrevistando seu pai no Lago Parananema.....	77

Figura 30 - Participante entrevistando sua mãe em frente a Igreja de Santa Luzia do Macurany.....	78
Figura 31 - Participante entrevistando seu tio na área de preservação das castanheiras .....	81
Figura 32 - Narrativa oral coletada: Rio Negro e Solimões e produção de roteiro ....	83
Figura 33 - Narrativa oral coletada: Rio Negro e Solimões e produção de roteiro ....	84
Figura 34 - Narrativa oral coletada: As Cobras do Parananema e produção de roteiro .....	84
Figura 35 - Narrativa oral coletada: A Sereia do Lago Parananema e produção de roteiro .....	85
Figura 36 - Narrativa oral coletada: O Encantado Marinho e produção de roteiro ....	86
Figura 37 - Narrativa oral coletada: O Bicho Folharal e produção de roteiro.....	87
Figura 38 - Participante construindo sua história em quadrinhos – o Conto do Rio Negro e Solimões.....	88
Figura 39 - Participante construindo sua história em quadrinhos – o Conto do Rio Negro e Solimões.....	89
Figura 40 - Participante construindo sua história em quadrinhos – A Cobra do Parananema.....	90
Figura 41 - Participante construindo sua história em quadrinhos – As Cobras do Parananema.....	91
Figura 42 - Participante construindo sua história em quadrinhos – A Sereia do Lago Parananema.....	92
Figura 43 - Participante construindo sua história em quadrinhos – A Sereia do Lago Parananema.....	93
Figura 44 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Encantado Marinho .....	94
Figura 45 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Encantado Marinho .....	95
Figura 46 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Bicho Folharal .....	96
Figura 47 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Bicho Folharal .....	97
Figura 48 - Capa e páginas da revista .....	98
Figura 49 - Mapa conceitual.....	101

Figura 50 - Elaboração do trabalho prático .....	117
Figura 51 - Rabiscos no papel.....	118
Figura 52 - Composição inicial do cenário .....	118
Figura 53 - Desenho da Igreja de Santa Luzia .....	119
Figura 54 - Processo de colorização no Core Draw .....	120
Figura 55 - Colorização no Corel Draw do desenho da Igreja de Santa Luzia.....	120
Figura 56 - Processo de colorização da composição .....	121
Figura 57 - Composição materializada “As narrativas orais do Macurany .....	122
Figura 58 - Entrega dos exemplares aos participantes da produção da revista .....	124
Figura 59 - Participante: Iasmin Cris Silva Mendonça .....	125
Figura 60 - Participante: Vinícius Caldas de Andrade .....	125
Figura 61 - Participante: Yan Gabriel de Azevedo Castro .....	126
Figura 62 - Participante: Emily Souza Batista .....	126
Figura 63 - Participante: Layne Ribeiro Graça .....	127

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

HQ - Histórias em Quadrinhos

AS - Arte Sequencial

AAPP - Associação dos Artistas Plásticos de Parintins

PPAC - Práticas Artísticas de Participação Comunitária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>1 IMAGENS POÉTICAS DO IMAGINÁRIO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY E A CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS</b> .....	21
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DO MACURANY.....	21
1.2 O SIMBOLISMO DAS NARRATIVAS ORAIS PARA COMPREENDER O IMAGINÁRIO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY.....	31
1.3 O IMAGINÁRIO POÉTICO DAS NARRATIVAS ORAIS COMO FUNDAMENTO DA ARTE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	39
<b>2 A MATERIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY</b> .....	44
2.1 OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO MACURANY .....	51
2.2 O PROCESSO CRIATIVO DAS HQ'S COMO FORMA DE ENSINOAPRENDIZAGEM.....	57
2.2.1 Linguagem dos Quadrinhos.....	63
2.2.2 Construção dos Personagens.....	64
2.2.3 Sequência dos Quadrinhos.....	65
2.2.4 Produção de Roteiros .....	66
2.3 OS PARTICIPANTES DA OFICINA COMO INTERLOCUTORES DA MATERIALIDADE DAS NARRATIVAS ORAIS .....	69
2.3.1 Escola Municipal Santa Luzia do Macurany .....	70
2.3.2 As Narrativas Oraís.....	71
2.3.2 Produção de Roteiros e Desenhos.....	83
<b>3 A RELAÇÃO COM OS COMUNITÁRIOS E A RECEPÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS MATERIALIZADAS</b> .....	100
3.1 O ARTISTA PESQUISADOR.....	100
3.2 A PRÁTICA ARTÍSTICA SOCIAL NA COMUNIDADE DO MACURANY .....	105
3.3 A MATERIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS POR MEIO DAS HQ'S.....	110
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	128
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	132
<b>ANEXOS</b> .....	135
1. Revista .....	135
2. Portfolio .....	135

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar as narrativas orais envolvendo o imaginário amazônico dos comunitários pertencentes à localidade do Macurany, situada no Município de Parintins, AM. A partir de uma metodologia baseada em visitas à comunidade e em coletas de narrativas orais, trabalhei na materialização dessas narrativas para a construção de histórias em quadrinhos. A Amazônia brasileira é conhecida por muitos pela riqueza de sua fauna, flora e rica biodiversidade, tendo em seu contexto cultural a tradição da oralidade de seu povo. É interessante pensar a Amazônia baseada numa reflexão sobre seu universo em relação à cultura de seu povo, num processo de observação das questões relacionadas às manifestações dentro de uma localidade específica. Permito-me repensar por meio dessa perspectiva uma abordagem acerca das narrativas orais dos comunitários do Macurany, uma vez que o foco dessa pesquisa está fundamentado no imaginário amazônico.

A comunidade do Macurany, escolhida como contexto local da pesquisa, é constituída por moradores que trabalham nas mais diversas atividades, dentre as quais se destacam: pescadores, caçadores, castanheiros, agricultores, lavadeiras, etc. Esses povos ainda cultivam a memória viva de um tempo pretérito, onde as pessoas se sentavam à sombra de enormes cajueiros ou a luz de suas lamparinas e ouviam histórias que eram contadas pelos mais velhos e que a partir daquele momento passavam a compor o imaginário de seus moradores. Através das histórias orais presente nas memórias dos comunitários, busca elaborar possibilidades de construção de histórias em quadrinhos com base no minuto da imagem. Este é um recurso em que a imaginação atua no processo de transposição do registro oral para a materialidade, enfatizando, principalmente, a produção artística no processo de desenvolvimento do trabalho. No decorrer da pesquisa de campo, tive conversas informais com alguns contadores de histórias da comunidade do Macurany, os quais nasceram e se criaram naquela região.

Entrevistei diretamente 03 (três) comunitários e analisei as principais narrativas orais como possibilidade de serem materializadas e transformadas numa única obra de arte “As narrativas orais do Macurany,” no intuito de compreender o simbolismo dos relatos no que se refere ao imaginário amazônico. A partir de então, selecionei as

mais populares da comunidade, tais como: Calça Molhada, Mulher de Branco e Pau da Visagem. Para a materialização dessas narrativas, convidei dois artistas para fazerem a transposição dessas ideias. Essa foi a forma encontrada para retratar o imaginário amazônico dessa comunidade, por meio de uma concepção voltada ao objeto de estudo proposto para a ocasião.

Como procedimento de realização deste estudo, tenho como base precedente as experiências com o projeto “Da leitura à criação artística”, feito a partir de narrativas orais de contos, lendas e mitos da região amazônica pelo Programa Ciência na Escola – PCE, realizado sob minha coordenação com os alunos do 9º ano da Escola Estadual Suzana de Jesus Azedo, no município de Parintins (AM), no ano de 2017. Foi produzida uma revista de Histórias em Quadrinhos, abordando os contos, mitos e lendas da região de Parintins-AM. Foi por meio da elaboração desta concepção que participei e fui premiado na XIII Feira Nordestina de Ciência e Tecnologia - FENECIT em Recife (PE) em 2017, participando ainda da XI Feria de Ciencias y Tecnología – Colegio Girasoles em Encarnación – Itapua – Paraguay, em agosto de 2018. A partir dessas experiências positivas, desenvolveu-se o projeto com os comunitários e alunos da escola da comunidade do Macurany, ainda com o intuito de instigar o processo de construção desta pesquisa que serviu de base para essa dissertação de Mestrado.

Para a execução deste trabalho, fiz um levantamento bibliográfico acerca das temáticas: comunidade do Macurany; imaginário amazônico; as narrativas orais dos comunitários; minuto da imagem; histórias em quadrinhos. Foram utilizados pressupostos teóricos de Loureiro, (2001), Wagley, (1988), Eisner, (2010), Silva (2018), Bachelard (1993), Baptista (2018), Bosi (1994), Marcuschi (2008), Fávero (2019), que subsidiaram a análise e interpretação durante a abordagem de campo, nos permitindo compreender o objeto de estudo.

Quanto ao ponto de vista da sua natureza, a pesquisa foi básica, buscou entender como as narrativas imaginárias da comunidade criam uma relação de pertencimento e reforçam a identidade cultural do lugar. Para tanto, foi necessário coletar dados por meio de observação direta intensiva, realizada por jovens da comunidade, com entrevistas semiestruturadas e utilização de recursos audiovisuais. O contato com os comunitários foi de vital importância já que apresentaram muitas informações sobre os modos de vida daquela comunidade. A essa relação estão atribuídos alguns aspectos fundamentais para o direcionamento da pesquisa com

destaque em pressupostos, tais como: a fundação, a religiosidade, educação, os aspectos econômicos e sociais.

O trabalho está dividido em três capítulos: Capítulo I. Imagens poéticas do imaginário dos comunitários do Macurany e a criação artística de Histórias em Quadrinhos; Capítulo II. A Materialização das narrativas orais sobre o imaginário amazônico dos comunitários do Macurany; Capítulo III. A relação com os comunitários e a recepção das histórias em quadrinhos materializadas. O resultado final desta pesquisa de campo se faz presente com a apresentação dos trabalhos postos em discussão.

Uma importante referência para esse estudo sobre materialização das narrativas está baseado nas estratégias do artista e professor Ricardo Alfonso Moreno Baptista, desenvolvidas junto à Comunidade da Ilha da Pintada (RS) que me possibilitaram alcançar pontos essenciais de aprimoramento do trabalho por meio das técnicas aplicadas durante as oficinas ministradas na localidade. Esse demonstrativo permite analisar os fenômenos relacionados à elaboração estética e artística do conteúdo, pois se torna uma ferramenta que permite assimilar conceitos a partir das discussões existentes na comunidade. A implantação da metodologia consiste basicamente, na inserção de uma série de exercícios, baseados em dicotomias horizontais entre o artista e os participantes. Esse conjunto de ações indica uma troca de saberes e sinergias adquiridas ao longo da criação de um evento entendido como obra de arte, onde surgem as práticas como pontos fundamentais para finalização do objeto materializado.

Em relação à proposta elaborada pelo artista, procurei realizar uma intervenção artística na comunidade do Macurany, onde busquei a criação de uma atividade diferente. Porém, os objetivos assemelham-se a seu método de construção baseada na ação participativa entre os comunitários, contendo uma sugestão que envolve parceiros convidados para ministrarem oficinas na comunidade, como os coletivos: Buriti Artes e Quadrinhos e a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins. Para que pudéssemos construir uma rede de compartilhamento presente nas experiências ligadas às memórias e aprendizados, foi necessário montar um material abordando conteúdos práticos relacionados ao gênero HQ.

Ao longo do processo estético e artístico do ensino, organizei um material no intuito de materializar o imaginário local por meio de histórias em quadrinhos. Durante

o meu Laboratório em Contexto<sup>1</sup> no Macurany, realizei A Oficina de Histórias em Quadrinhos: “As narrativas orais sobre o imaginário amazônico dos comunitários do Macurany por meio das Histórias em Quadrinhos,” percebendo que a minha proposta para a comunidade tinha algo quase em comum com a pesquisa do meu coorientador, o Prof. Dr. Ricardo Afonso Moreno Baptista<sup>2</sup>. O projeto em questão foi desenvolvido na linha de pesquisa Linguagens e Contextos de Criação, que problematiza práticas artísticas em contexto e suas vinculações com os imaginários e com o campo social.

Assim, a pesquisa que Baptista desenvolveu na sua tese de doutorado possibilitou a mim conduzir uma pesquisa metodológica eficaz para atender à necessidade dessa proposta participativa na comunidade do Macurany, haja vista que, no projeto de arte participativa, estão presentes os processos artísticos e a importância da tradição oral dos moradores a partir do imaginário amazônico. Em linhas gerais, veremos que o sentimento de pertencimento contido em cada participante está associado às concepções contidas nas memórias coletivas, envolvendo as questões sobrenaturais preservadas no campo da imaginação. Tais características cumprem o papel de instigar de maneira transversal, a instrumentalização da materialidade das narrativas coletadas no campo de pesquisa. Assim o pertencer aliado às memórias encontra-se, inteiramente, ligado aos dispositivos de aprendizagem e compartilhamento amplamente difundidos nesses estudos postos em discussão.

Em relação à abordagem, a pesquisa tem caráter qualitativo e o tipo de pesquisa escolhida é de aspecto descritivo e etnográfico, uma vez que envolve o contato direto com os sujeitos pesquisados e a investigação com o objetivo de conhecer a gênese e a tradição dessas narrativas em seu contexto. Espero, no decorrer de toda essa jornada, aprimorar meus conhecimentos ao dar um novo sentido acerca dos argumentos apresentados sobre o tema proposto, para que, no fim do

---

<sup>1</sup> A disciplina Processos artísticos em Contexto: arte, natureza e saberes, ministrada por Maria Ivone dos Santos no quadro do MINTER em 2020, foi realizada à distância por conta das restrições decorrentes do COVID-19. A metodologia desenvolvida pela professora buscou por em prática estratégias de trabalho que considerassem a vinculação dos participantes com os distintos lugares, ambiências e culturas onde se encontravam durante o período de confinamento (AM, RS, SC, RJ). Desse modo concebeu cada localidade como centro de um perímetro de ação a partir do qual cada participante da disciplina desenvolveu seu Laboratório em Contexto.

<sup>2</sup> BAPTISTA, Ricardo Afonso Moreno (2018). *Lanternas flutuantes: práticas artísticas de participação comunitária com habitantes das ilhas no bairro Arquipélagos em Porto Alegre, na era do Antropoceno*. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178630>> Acesso em 21 jan. de 2023.

programa, esteja com um material de pesquisa robusto para servir de base para produções posteriores. Que minha dissertação seja fonte de inspiração para futuros pesquisadores que buscam mergulhar no imaginário amazônico, tendo como suporte um estudo mais aprofundamento das questões relacionadas às narrativas e histórias em quadrinhos. Ressalto que essas experiências na comunidade tiveram reverberações em minhas produções artísticas; desenvolvidas concomitantes com as HQS em que transporto alguns registros de processo para a linguagem da pintura, materializando aqueles imaginários. O celular que aparece nessas composições traz questões importantes envolvendo imaginários amazônicos e imaginários midiáticos justapostos, complexidade que apontam pistas para a continuidade da pesquisa e que por necessidade de delimitação deixarei para aprofundar em outro projeto.

**IMAGENS POÉTICAS DO IMAGINÁRIO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY  
E A CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

## **1 IMAGENS POÉTICAS DO IMAGINÁRIO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY E A CRIAÇÃO ARTÍSTICA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**

O objetivo desta pesquisa é explorar o universo do imaginário amazônico através de um estudo mais profundo acerca do entendimento, contido nas narrativas orais dos comunitários do Macurany. Esta é uma localidade pertencente ao município de Parintins, estado do Amazonas, onde pretendo abordar os aspectos primordiais dentro de seu processo histórico, sua fundação, religião, educação, economia e a oralidade na cultura amazônica.

Entende-se como importante a forma de abordar o simbolismo das narrativas e como esta se faz presente no cotidiano da comunidade por meio do imaginário poético, destacando como elemento primordial o processo de criação de histórias em quadrinhos realizadas com a participação dos comunitários como estratégia de materialização e de difusão de práticas sociais baseadas na oralidade. Destaca-se a importância de envolver todos já que essas atividades contribuem para o desenvolvimento da noção de pertencimento, visto que a imaginação é valorizada ao ser transposta. A realidade exteriorizada pelo desenho exalta o aspecto mágico e o local da pesquisa, unindo elementos representativos contidos nas próprias narrativas orais.

### **1.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DO MACURANY**

A Comunidade do Macurany está localizada na zona rural de Parintins, cerca de 8 km do centro urbano e na área sul do município. É uma das mais antigas entre as inúmeras comunidades existentes, onde os caminhos percorridos para se chegar a essa localidade são prioritariamente o meio fluvial e a estrada.

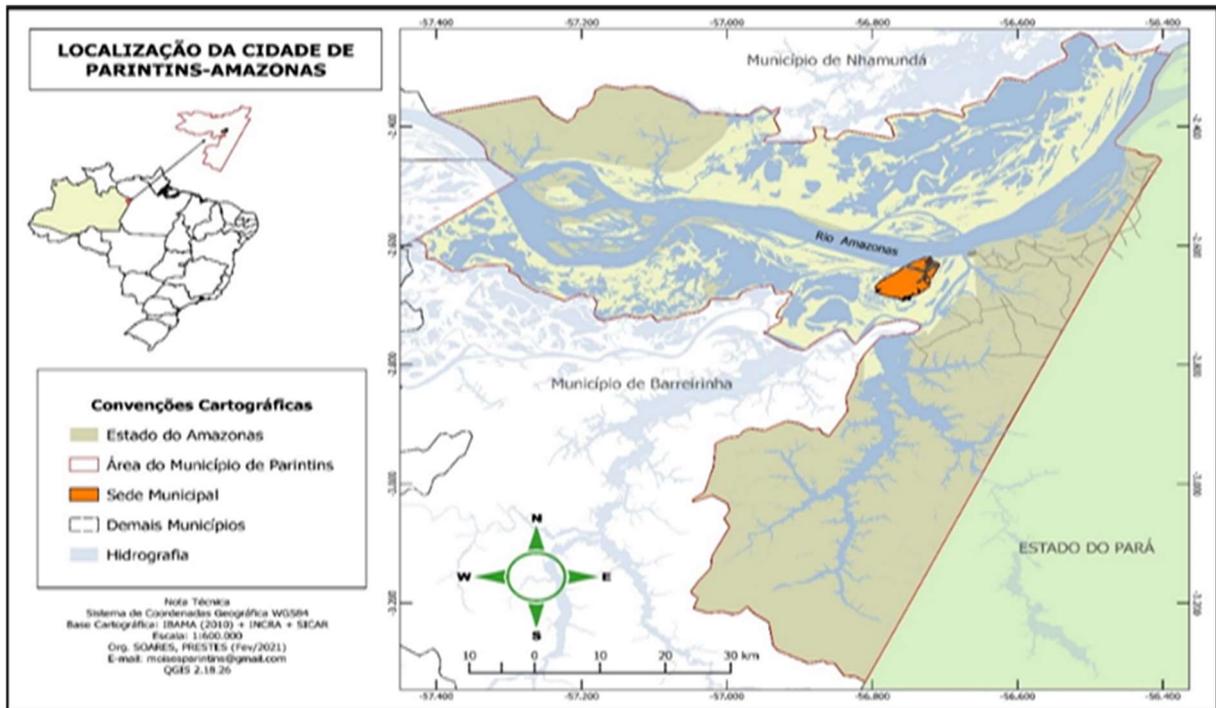


Figura 1 - Sede do município de Parintins/AM  
 Fonte: FARIAS, Vandrey, 2021.

Distante a 369 km da capital Manaus, o município de Parintins está localizado na margem direita do rio Amazonas, na Ilha de Tupinambarana, sendo uma das maiores ilhas fluviais do Estado do Amazonas. Possui uma área de 7,069 km, fazendo fronteira com o Estado do Pará, sendo que sua sede está localizada de frente para o rio Amazonas (VALENTIN, 1998). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE 2020), o município tem uma população judicial de 115.465 habitantes.

O mapa a seguir mostra a localização da Comunidade do Macurany na sede do município de Parintins (AM).

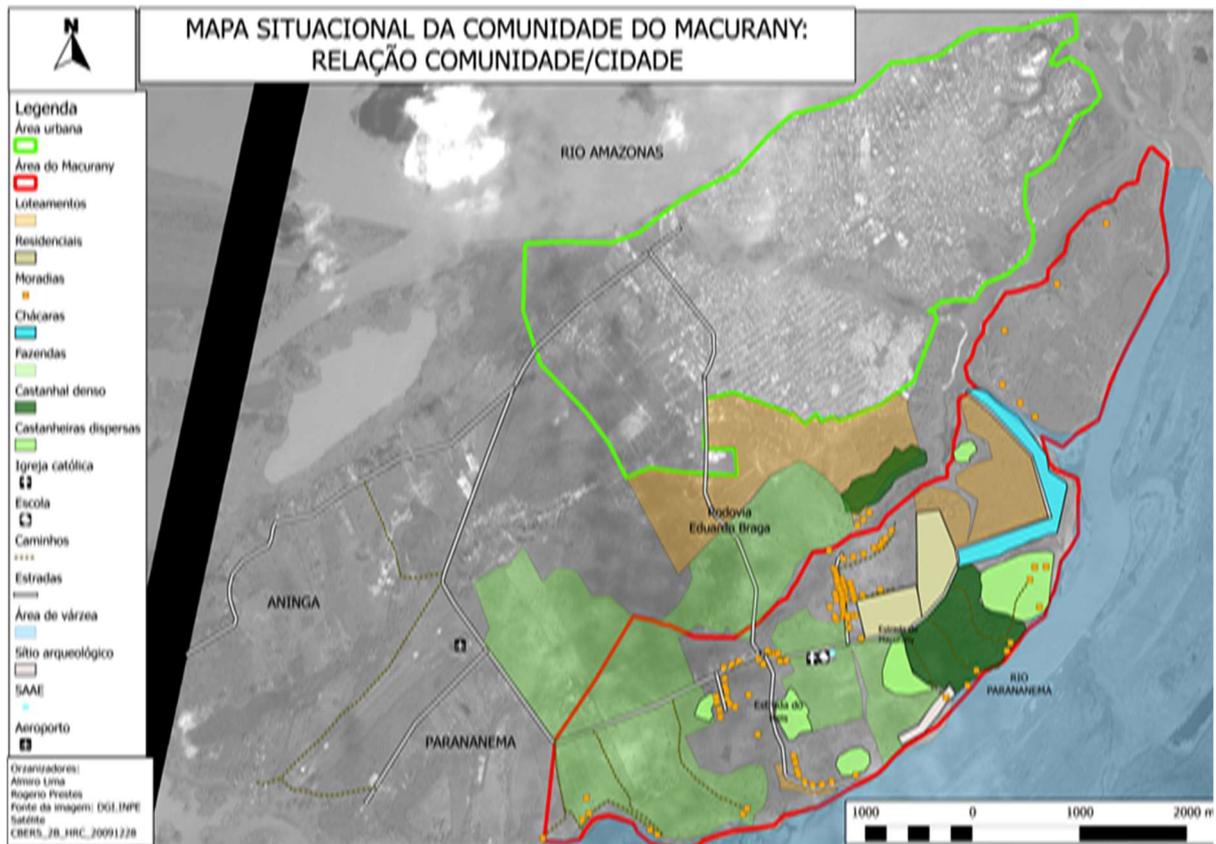


Figura 2 - Mapa da Comunidade do Macurany  
Fonte: SILVA, 2013.

A história do Macurany está relacionada ao processo histórico da fundação do município de Parintins, que, após ser instalado em 1853, foi dividido em dois distritos: Parintins e Ilhas das Cutias (SAUNIER, 2003). O Distrito de Parintins foi dividido segundo Saunier (2003, p. 37), em “oito subdistritos: Parintins, Macurani, Paraná do Ramos, Uaicurapá, Serra de Parintins, Paraná do Limão, Paraná do Xibuí e Paranema”. Nessa perspectiva, essa é a informação mais antiga sobre a comunidade do Macurany, que em 1853 já era habitada (SILVA, 2018).

Apesar de ser já habitada, não existia uma organização social como nos moldes contemporâneos, outrora os seus moradores viviam espalhados pela comunidade. Foi só com a chegada da igreja católica que o processo de organização social se consolidou e, assim, se deu o início da fundação da comunidade. Segundo Cerqua (apud SILVA, 2018), com a chegada dos missionários, em 1960, organizou-se a fundação da comunidade e, em 1969, o nome da comunidade passou a ser Eclesial de Base Santa Luzia do Macurany.

Seu Florivaldo Pereira da Silva, “Seu Catitu,” de 90 anos, um dos moradores mais antigos da comunidade relata o tempo em que ajudou fundar a comunidade do Macurany, em meados da década de 50;

Eu lembro que os primeiros fundadores, que desde o primeiro dia que cortaram o mato, e que trabalharam para fundar essa comunidade aqui, foram: Florivaldo Pereira da Silva, Antônio Avelino, Benedito Lopes, Raimundo Vitória, Júlio Pereira e Henrique Oliveira o “Barbado” é o que eu lembro. (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Essas são as lembranças mais antigas das pessoas pertencentes à comunidade, as quais lembram desse passado guardado em suas memórias. Através da memória, o indivíduo relembra os fatos, os acontecimentos que ficaram marcados em sua vida. Bosi (1994, p. 03) diz que: “A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Para a autora, a memória é como uma riqueza infinita, ficando registrado somente o que é mais importante.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 09).

Nessa perspectiva, o passado está inteiramente relacionado com o tempo presente ao interferir de forma direta e subjetivamente no processo atual da consciência. Reviver por meio de uma lembrança antiga é reconstruir uma realidade de maneira mais poética, pois essas possibilidades tornam-se ferramentas indispensáveis a sutil arte exercida acerca da imaginação de quem lembra. Esse conjunto de ações fundamenta-se no profundo processo ligado ao exercício da memória, num intenso retorno ao passado como uma possibilidade para acessar lembranças e recordações de outra época.

Para Bosi (1994, p. 14), “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara a consciência na forma de imagens – lembrança.” Essa dinâmica permite que as lembranças se tornem locais de referência do passado, sendo que existe um filtro que escolhe as melhores recordações e situações, e isso, de certa forma, embeleza a trajetória do acontecido e contribui para o fortalecimento da cultura local.

Em relação ao nome da comunidade, seu Florivaldo posiciona-se a respeito do assunto, destacando que: “Eu lembro que, é por causa de uma família de cearenses que vieram morar aqui, era a família Macura; e por causa dessa família, virou Macurany, o nome daqui da comunidade”. Vale ressaltar que esse nome é umas das versões dadas ao nome da comunidade do Macurany, onde se argumenta ainda que nos primórdios a palavra Macura era utilizada como uma forma de zoar um ao outro, por se tratar de um vocábulo com carga pejorativa. Dentre os motivos citados acima, convencionou-se escrever o nome da localidade com o sufixo terminado em “y,” para acabar definitivamente com as questões provocativas. Assim, a denominação Macurany, escrita dessa forma, assume de maneira conclusiva a alcunha do lugar, ao mesmo tempo em que acaba com equívocos históricos provocados pelos antigos moradores. Dessa forma, busca-se aproximar um sentido semântico bem mais apropriado e próximo da cultura indígena.

A Comunidade do Macurany, de acordo com a Associação dos Moradores, tem uma população com cerca de 500 famílias, estima-se que sejam aproximadamente mais de 2.000 habitantes. Possui uma escola municipal que vai do ensino infantil ao fundamental; uma igreja católica que festeja todo ano a festa de Santa Luzia; padroeira da localidade (SILVA, 2018). A organização da comunidade deu-se pela presença da igreja:

A implantação oficial da igreja na localidade influenciou diretamente a organização social dos moradores, pois foi instituída uma diretoria eclesial comunitária que, além de cuidar das questões religiosas, tratava também de assuntos de interesse político e social, colocando em grande parte as formas de sociabilidade sob o controle da igreja, como, por exemplo, o time de futebol Atlético Clube Macurany, fundado em 20 de setembro de 1957, pelo morador Antônio Venâncio (conhecido como Faz Tudo). (SILVA, 2018, p. 39).

Sobre o aspecto econômico, sabe-se que antes a economia da comunidade se caracterizava pela pesca, agricultura e extrativismo vegetal e animal (SILVA, 2018). Atualmente, de acordo com a Associação dos Moradores, a economia da comunidade é baseada na agropecuária de pequeno porte; pesca; agricultura; extrativismo; beneficiários de programas sociais; aposentados; funcionários públicos e autônomos. Muitas comunidades na Amazônia, assim como a do Macurany, apesar de fazerem parte da complexidade amazônica, apresentam suas particularidades distintas uma das outras, em relação a seus aspectos geográficos, econômicos e socioculturais.

Nessas particularidades, o antropólogo norte americano Charley Wagley (1988, p. 43) especifica que cada comunidade possui:

Suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que as integram. Existem instituições e poderes sociais de âmbito regional, nacional e até internacional, que determinam a tendência de vida de cada pequena comunidade.

Diante desse contexto, muitas comunidades mantêm sua organização social, apesar de sofrerem interferências externas do sistema que a controlam. Mesmo que haja uma determinação nacional ou internacional para o funcionamento de uma comunidade, percebe-se que, na Comunidade do Macurany, a relação homem x natureza se traduz de maneira simbólica, onde o canto dos pássaros anuncia a manhã e o silêncio da floresta anuncia a chuva. Em sua obra “Uma Comunidade Amazônica” Wagley (1988, p.44), discorre que:

[...] nas comunidades existem relações humanas de indivíduo para indivíduo, e nelas, todos os dias, as pessoas estão sujeitas aos preceitos de sua cultura. É nas suas comunidades que os habitantes de uma região ganham a vida, educam os filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, têm suas superstições e seus tabus e são movidos pelos valores e incentivos de suas determinadas culturas. Na comunidade, a economia, a religião, a política e outros aspectos de uma cultura parecem integrados e formam parte de um sistema geral de cultura, tais como o são na realidade. Todas as comunidades de uma área compartilham a herança cultural da região e cada uma delas é uma manifestação local das possíveis interpretações de padrões e instituições regionais.

Nessa colocação, Wagley (1988) pensa de maneira geral a comunidade como um espaço de relações interpessoais e culturais, onde os indivíduos se relacionam entre si sociavelmente de acordo com a cultura da região que estão inseridos. Nessa perspectiva, em relação às comunidades de uma mesma região, cada uma se apresenta dentro de suas particularidades, mesmo que compartilhando a mesma herança cultural de sua região.

Existe um entendimento dentro dessas comunidades que são fundamentadas nas relações humanas, ou seja, no convívio de um indivíduo com o outro. Essa forma de organização é uma possibilidade de estabelecer normas capazes de atender às

necessidades de todos os sujeitos, ao adquirir no contexto de suas experiências a criação de preceitos essenciais para a própria existência da cultura.

Na Amazônia, existem dois tipos de comunidades, as de zona rurais de várzea e de terra firme. As comunidades rurais de várzea são aquelas que, no período das cheias dos rios, ficam alagadas; as de terra firme são as que não ficam alagadas. A comunidade do Macurany é considerada como de terra firme, assim como muitas outras pertencentes à região norte do país, visto que, em meio à imensidade amazônica, vive e respira os hábitos, costumes e as tradições de seu povo.

A respeito das comunidades na Amazônia, cada uma têm particularidades no ato de se manifestar e manter as tradições da oralidade dentro de sua cultura. Loureiro (2001) nos possibilita um entendimento, sendo que a ancestralidade indígena está presente na formação das comunidades tradicionais da Amazônia. Entende-se, dessa maneira, como morador tradicional dessa vasta região o caboclo ou ribeirinho, assim como em sua origem aliada à cultura amazônica. Contudo, sua ação sofre forte influência dos elementos indígenas que caracterizam sua localidade, estabelecendo laços da ancestralidade ao transpor no imaginário os subsídios essenciais à difusão das tradições orais incorporadas na cultura do caboclo.

A comunidade do Macurany se insere numa realidade, como destaca Loureiro (2001, p. 65): “A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica”. Assim, o Macurany se identifica como uma comunidade ribeirinha.

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mas vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casa, barcos, etc. (LOUREIRO, 2001, p. 66).

Falar de comunidade amazônica é fazer também uma viagem nas narrativas orais dos comunitários de cada localidade, onde em cada fala se caracteriza uma narrativa de um mundo imaginário, apresentados acerca de um ponto de vista com grandes possibilidades de encontros. O sobrenatural; o natural; o inóspito; o fantástico e o maravilhoso buscam em algum momento da narrativa uma proximidade de coexistência, mas essa possibilidade mostra-se mais viável quando atribuída as concepções ligadas ao imaginário.

A esse respeito, assim se posiciona Loureiro (2001, p. 16), “o imaginário estabelece uma comunhão com o maravilhoso, tornando-se propiciador de epifanias”. Seguindo essa linha de raciocínio, todo e qualquer morador de uma comunidade rural - ribeirinha está condicionado a ter uma relação de epifania com a força do imaginário, pois cada palmo de chão dessas localidades está repleto de maravilhas que vão além da nossa razão.

Cada vez que se busca um aprofundamento maior em relação ao imaginário encontrado no contexto da Amazônia; pretende-se atingir principalmente o entendimento desse universo místico baseado na realidade dos próprios comunitários, onde as experiências relatadas por esses moradores mantem vivas as memórias culturais de seu povo. O imaginário amazônico de uma comunidade se intensifica a partir da tradição presente na oralidade, como define Loureiro:

No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada a conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. (LOUREIRO, 2001, p. 65).

Em relação ao imaginário amazônico dos comunitários do Macurany, os fatos constituídos através desses relatos estão inteiramente enraizados dentro da cultura amazônica. A partir das narrativas coletadas nessa pesquisa, encontram-se os fenômenos essenciais à transmissão da cultura por meio da tradição ligada à oralidade, a qual está presente no cotidiano dos moradores desta comunidade.

Quanto aos relatos adquiridos no próprio local constituem uma fonte inesgotável de saberes, estes são alicerçados no processo comunicativo que garante a sobrevivência das memórias adquiridas ao longo dos anos. Esses acontecimentos permitem resguardar elementos fundamentais para a concretização e difusão das concepções estabelecidas pelos antigos moradores em torno da formação da própria localidade e os princípios imaginários dos seres sobrenaturais que permeiam a identidade cultural desse povo.

As trocas de informações asseguram que os relatos instituídos se perpetuem numa intensa formação de percepções, as quais são repassadas às gerações vindouras com o intuito de se manterem preservadas. Apesar da comunidade do Macurany ter uma relação bem estreita com a cidade de Parintins, muitos de seus

moradores, principalmente os mais antigos, ainda mantêm vivas nas memórias as crenças herdadas pelos seus antepassados.

Assim, muitos destes moradores com idades avançada resgatam lembranças longínquas e procuram, de alguma forma, dar seguimento aos ensinamentos adquiridos a seus filhos e netos, pois esta é a forma encontrada para que sejam perpetuadas as experiências pessoais como contribuições significativas no processo de desenvolvimento de narrativas amplamente difundidas no tempo e no espaço. Segundo Silva (2018, p. 41):

Moradores mais antigos da comunidade do Macurany, por exemplo, relatam ter visto e sentido a presença de seres sobrenaturais debaixo de uma árvore de pau-ferro que ficava à beira da estrada que liga a comunidade à cidade de Parintins. Lá, dizem ter visto um touro muito bravo, que bufava e desaparecia subitamente debaixo da árvore. Viram também uma menina ensanguentada, que corria pedindo socorro e desaparecia debaixo da árvore. Esses e outros casos relatados sempre ocorriam às 6h, 18h, ou às 00h.

São relatos, acontecimentos, histórias contadas que ficaram marcadas na vida dos comunitários dessa localidade, as quais foram se mantendo vivas na memória de seu povo. Esse legado é basicamente composto por elementos transmissores previamente existentes, os quais se transformam em ferramentas úteis para a formação de concepções significativas que servirão de fonte para novos conhecimentos arraigados de aspectos sociais, culturais e de costumes próprios de um povo. Os fatos sugeridos servem para o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, o aprimoramento das características apresentadas no decorrer do estudo, pois apontam para a representatividade do homem amazônico.

A comunicação oral é para muitos o único e principal meio de transmissão utilizado para se manifestar as ocorrências empregadas no transcorrer dos tempos, permitindo conduzir os episódios com mais segurança de geração a geração. O ato da comunicação ganha destaque e maior visibilidade quando ligado ao trabalho da imaginação, por conseguinte, justifica-se essa intenção como uma alternativa viável para o concreto alcance das contribuições adquiridas entre os moradores de uma localidade específica. O conhecimento é formado por uma estrutura amplamente criada para ser fonte geradora de discussões pertinentes sobre determinado aspecto preexistente, culminando no processo de armazenamento de informações acerca da

oralidade inteiramente vinculada à memória cultural e reflexiva de um povo. Como destacam Meihy & Sccawryght (2020, p. 32):

Oralidade caracteriza um conjunto de expressões preexistentes que se constituem em manifestações sonoras, expressadas em tradições culturais mais ou menos resistentes. Letras de músicas, orações, “receitas típicas,” remédios tradicionais” e/ou mitos contados por gerações, por exemplo, ganham foro de análise quando captados e escriturados porque geram reflexões distintas.

Sendo uma expressão verbal, essa configuração se retrata fielmente como uma ferramenta indispensável para que se repassem as informações encontradas neste ambiente comunitário. Tais implicações são decorrentes de percepções tornadas reais por intermédio de análises estruturadas com maior precisão sobre as tradições orais, possibilitando atingir reflexões profundas com o intuito de difundir saberes necessários para conservação das manifestações culturais e tradicionais de determinada época.

As narrativas orais ao longo dos tempos se tornam a própria história oficial do lugar, onde são desfeitos alguns exageros e excessos da imaginação. Nesse entendimento, tudo fica registrado no que tange os elementos ligados a seus ritos religiosos, canções folclóricas, medicina popular, gastronomia e rituais familiares se perpetuam acerca da oralidade. Ainda, segundo os autores:

A transmissão oral feita em família ou comunidades de afeto é sempre possibilidade de pensar as relações definidas pelas regras não escritas. O mesmo se diz do respeito aos mais velhos, aos indivíduos que se qualificam como “reserva de memória” – tipos existentes em todos os segmentos e bem quistos principalmente em comunidades étnicas. (MEIHY E SCCAWRYGHT, 2020, p. 86).

Entende-se, como importante nesse contexto, o conhecimento das narrativas orais do povo da comunidade do Macurany, seus costumes e tradições que vão além do simples relato de uma memória do passado. Seguindo essa linha de pensamento, chega-se à percepção de que, ao se repertoriar narrativas, cada indivíduo é convidado a entrar no universo do imaginário amazônico. Esses acontecimentos são constituídos até mesmo sem querer, pelo simples fato de retratar os tempos pretéritos acerca da memória. A partir daí, começa o entendimento de que a magia envolve a arte de viver juntamente com as experiências fantásticas do caboclo, do ribeirinho e do índio.

A manifestação é demonstrada por meio da oralidade em determinado agrupamento de pessoas, seja em família ou em comunidade social. Esses atributos

nos remetem à reconstrução de memórias organizadas de forma natural em decorrência dos valores de ordem histórico e sentimental. Mais tardiamente, as questões imagéticas se compõem principalmente quando vão ao encontro com a identidade visual. As circunstâncias descritas são consequências de narrativas encontradas nos espaços comunitários, ou seja, é o momento propício para se legitimar as expressões ligadas à oralidade nas mais diversas possibilidades de transmissão das experiências adquiridas ao longo da vida.

A esse conjunto de características estão presentes as passagens extraordinárias que asseguram por meio das narrativas os elementos primordiais para que as histórias sejam criadas e recriadas no decorrer dos tempos. Isto posto, justifica um melhor esclarecimento dos acontecimentos baseados na sabedoria popular através do encontro do passado com o presente. A partir de então, assume-se um caráter alicerçado na transformação social por se estabelecer normas essenciais para o equilíbrio das questões lógicas e imaginárias em relação aos elementos de representatividade do homem local com a ancestralidade amazônica.

A sabedoria popular transborda uma nova linha de raciocínio quando se ouve os relatos de todas essas narrativas, pois estas possibilidades são transfiguradas em fatos da imaginação como meio de pertencimento dos moradores da localidade. Esses fenômenos habitam e ao mesmo tempo ecoam no meio de nossa floresta, abrindo espaço para se aprimorar as questões relacionadas à transcrição ou materialização das imagens. Os efeitos desse trabalho são a concretização dessa temática posta em discussão. Assim considero importante coletar essas narrativas para *a posteriori* transcrevê-las em formato de HQ's.

## 1.2 O SIMBOLISMO DAS NARRATIVAS ORAIS PARA COMPREENDER O IMAGINÁRIO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY

A comunidade do Macurany, assim como as demais comunidades da Amazônia, tem em seu repertório cultural muitas histórias sobre o imaginário regional, pois essas narrativas habitam o raciocínio dos próprios comunitários ao permitir o surgimento poético de elementos representativos acerca das florestas que brotam em meio a rios e atmosferas celestes. Os relatos são fenômenos que transcendem o pensamento pessoal e criativo, onde são desenvolvidos os princípios de criação e recriação dos fatos pertencentes à determinada localidade.

A partir dessa concepção, os acontecimentos se tornam essencialmente incorporados ao universo do caboclo com ênfase na riqueza da região amazônica. Essa estrutura abarca os grandes seres fantásticos acrescidos de poderes sobrenaturais que muito enriquecem os processos narrativos ao dar visibilidade a representações simbólicas e fundamentais adquiridas ao longo dos tempos. Tais possibilidades transformam-se em concepções oriundas de conceitos históricos culturais e sociais, mantendo-se conservadas as memórias repassadas às gerações vindouras.

As marcas são formas de personificações encontradas para obtenção de uma linguagem ligada inteiramente à epiderme da alma, por conseguinte, corroboram para que a transmissão oral seja perpetuada de uma maneira significativa e pessoal. As narrativas são compreendidas como fontes de inspiração amplamente decorrentes do simbolismo imaginário dentro de um processo oriundo das diversas formas de manifestações, sendo importante lembrar também dos símbolos como veículos indispensáveis para um profundo estudo sobre o imaginário.

Para se ganhar forma e conteúdo, esses elementos discorrem a imagem como ponto de partida para a inserção das florestas e rios da Amazônia no contexto fantástico, gerando uma profunda reflexão no que tange ao simbolismo e cultural e social presentes no modo de pensar e agir de cada comunitário. As prerrogativas presentes nos diálogos retratam de maneira real as experiências transpostas durante o período compreendido como base no cotidiano dos comunitários locais.

São pessoas de fala mansa que ainda têm o costume de contar as histórias ouvidas por seus antepassados nos fins de tarde, embora as características pessoais assumam um caráter bem mais significativo quando se trata de repassar os ensinamentos pertinentes à transmissão oral por intermédio da sabedoria aliada à cultura e à região local. Isto posto justifica o fato de serem atribuídos os assuntos predominantes principalmente quando estes estão relacionados às concepções sobre os encantos e mistérios amazônicos. Tais implicações justificam-se através dos acontecimentos narrados pelos comunitários ao dispor de informações precisas acerca da localidade e dos fenômenos encontrados com frequência durante a coleta deste estudo.

O local habitual para a apreensão das passagens se dá de forma exclusiva em ambientes propícios com a própria construção do enredo, ocasionalmente na casa de seus conhecidos através de longas conversas a partir da rica imaginação do contador

dessas histórias. As narrações que habitam o imaginário desse povo, geralmente são ainda constituídas por parentes e vizinhos próximos, tendo como ponto de partida as vivências adquiridas no contexto das tardes amazônicas repletas de episódios ora fantásticos, ora assombrosos.

O que não pode faltar nesses intermináveis relatos é o bom café típico da região, o qual se destaca pelo fato de ser frequentemente produzido nos tradicionais fogões à lenha. Essas características remetem a uma Amazônia contada a partir do ponto de vista do caboclo com base na tradição, costumes e crenças preservadas diante do processo de construção e percepção aliado à oralidade.

As narrativas ou acontecimentos baseados no aspecto oral, estabelecem fortes ligações ao se aproximarem das situações imaginárias, uma vez que a força criativa e natural desses moradores está basicamente na transmissão das histórias em sua simplicidade. O próprio morador sabe cultivar e preservar a cultura através de um raciocínio lógico e transparente sobre os fenômenos naturais transmutados em imaginários simbólicos.

Essas características servem de suporte para que sejam expressos os fatos ligados ao cotidiano do povo, isto é, a forma utilizada a partir de aspectos sobre as narrativas. As circunstâncias apresentadas são sugestões propícias para momentos únicos encontrados no decorrer dos enredos bem construídos pelos contadores acerca desses tipos de histórias, nas quais são incorporados os elementos simbólicos relacionados à sabedoria popular adquiridos por meio das vivências comunitárias.

A presença das narrativas orais torna-se pontos essenciais para se discutir de forma mais ampla os assuntos ligados às comunidades típicas dessa imensa Amazônia, onde são carregadas de simbolismo em suas realizações sobre o que representa o imaginário do homem amazônico para o mundo. O conjunto dessas ações é repleto de alegorias envoltas a seres maravilhosos, deuses, mitos, lendas, contos, encantarias, crenças e outros.

O comunitário tem uma incessante busca pelo conhecimento como meio alternativo para encontrar-se com as questões naturais, isto é, a base concreta dessa percepção está no alcance da compreensão sobre o que de fato é o desconhecido. Essas reflexões constituem-se a partir dos relatos sobre os seres fantasmagóricos que ganham mais dinamismo com a difusão das informações sobre o imaginário e os espaços comunitários. A abrangência desses acontecimentos é refletida em visita aos lugares escolhidos para se realizar uma pesquisa dessa natureza, principalmente

quando se busca a realização de um estudo mais aprofundado dos assuntos colocados em discussão.

Os relatos coletados na comunidade do Macurany representaram em sua simbologia um encontro do real com o imaginário através de conversas adquiridas nos mais longínquos espaços dentro da própria comunidade. É justamente nessas localidades que se encontram os elementos necessários à compreensão dos ambientes representativos do imaginário concebidos nessa comunidade. Essas asserções implicam delinear um panorama específico com base nas fabulosas histórias que são retratadas sobre a imensidão da grande floresta amazônica, a qual assume uma visão estratégica para se estabelecer fontes inesgotáveis de sabedoria através da percepção do caboclo e dos recursos naturais encontrados nas margens dos rios. João de Jesus Paes Loureiro<sup>3</sup> em seu livro, “Cultura Amazônica: uma poética do imaginário”, sua tese de doutorado publicada em 1995, aprofunda e destaca a convivência do Amazonida com seu imaginário na construção de um sistema cultural singular. O homem se cria poetizando a vida, como habitante de rios, florestas e de comunidades ribeirinhas:

Incansável doador de sentido, um mundo insaciável de sentido do, assim se foi constituindo o homem amazônico. Constituindo-se em um modo de ser que redescobre e transvive a existência sempre dentro de si (LOUREIRO, 2015, p. 121).

A respeito das narrativas orais, estas são encontradas na forma de vários gêneros: mitos; contos; lendas; memórias; causos; etc. Cada gênero narrativo tem sua peculiaridade, mas, ao mesmo tempo, busca-se ter um sentido mais completo quando se assemelham com outros gêneros da mesma categoria. Em linhas gerais, sobre essa questão sabe-se que existem particularidades, por exemplo, a lenda apresenta muitas similaridades com o conto, porém são diferentes. Uma vez que a lenda tem quase sempre um sentido religioso, assume também um caráter de uma narrativa imaginária, fantasiosa, alegórica, assim como o mito. Em relação ao conto, este é uma narrativa curta e sem rodeios, pois vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada vírgula; cada palavra é uma pista; uma descrição tem informações valiosas; cada

---

<sup>3</sup> João de Jesus Paes Loureiro é poeta, prosador e ensaísta. Professor de Estética e Arte, doutorou-se em Sociologia da Cultura na Sorbonne, em Paris, com a tese Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Sua obra poética tem sua universalidade construída a partir de signos do mundo amazônico – cultura, história, imaginário – propiciando uma cosmovisão e particular leitura do mundo contemporâneo. Disponível em: <<https://paesloureiro.wordpress.com/paesloureiro/>> Acesso em 21 jan.de 2023.

adjetivo é insubstituível. O conto parte da noção de limite, em primeiro lugar limite físico, “no sentido de que sua breve extensão vem a ser uma de suas principais “marcas” definidoras e com o mínimo de meios”.

Há, portanto, muitas singularidades presentes dentro dos processos narrativos empregados a círculos com grande representatividade simbólica dos comunitários ribeirinhos. Os acontecimentos ora mencionados possibilitam a abertura de um amplo debate, onde são encontrados termos essenciais de adequação perante as situações que envolvem enredos contados sobre o ponto de vista dos comunitários.

O foco dessas questões ligadas à imaginação se fortalece grandemente quando atribuídas aos espaços amazônicos, assim como é o caso, da comunidade do Macurany, com base nas múltiplas possibilidades de narrativas que abordam os contos, os mitos e as lendas.

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encantar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas. Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo o estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor. Explicam os ilegítimos pela paternidade do boto; os meandros que na floresta fazem os homens se perderem pela ação do curupira; as tempestades pela ação enraivecida da mãe-do-vento, etc. Porque não somente eles imaginavam que as causas de todas as coisas personificavam suas próprias ideias nas coisas que eles admiravam. (LOUREIRO, 2001, p. 110).

A vida social dos comunitários do Macurany foi se construindo ao longo dos tempos por uma linguagem sempre poetizada, tendo como base aquilo que eles acreditam ser o real. Não obstante a isso, acreditam ainda naquilo que sempre imaginaram desde sua infância por intermédio de um imaginário alimentado pelas as coisas do seu cotidiano. Loureiro (2001) assiná-la que na Amazônia a mitologia funciona como uma linguagem própria da faculdade natural, onde é intensamente levada pelos sentidos transfigurados em imaginação e na descoberta das coisas. A partir dessa concepção, a metafísica poética é impulsionada pela presença do significado constituído fundamentalmente na crença do impossível tornar-se possível. Ainda se acredita que o incrível se torna crível e o sobrenatural resulta em natural.

O imaginário nas comunidades amazônicas se manifesta pela oralidade ribeirinha com base na linguagem e dos processos continuamente tornados como real,

ou seja, o ato de comunicar-se depende do estabelecimento firmado sobre o signo. Essa questão reflete na oralidade como uma marca importante no processo de construção das narrativas, pois essas resgatam as vivências e histórias de um povo, região ou comunidade. Para Gilbert Durand<sup>4</sup>, no seu livro “As estruturas antropológicas do Imaginário”, no imaginário isso não acontece, pois:

[...] é capital que na linguagem, se a escolha do signo é insignificante porque este último que não possa ser arbitrário, já não acontece o mesmo no domínio da imaginação em que a imagem – por mais degradada que possa ser concebida – é ela portadora de um sentido que não deve ser procurada fora da significação imaginária. (DURAND, 2002, p. 29).

O foco deste estudo insere o que observamos na comunidade do Macurany através de uma profunda reflexão em relação ao imaginário amazônico, onde se percebe a presença dos elementos simbólicos a partir de uma ótica aplicada num contexto real e, ao mesmo tempo, fantástico. As formas de habitar e o trânsito entre realidade e o estado poético revelado pelo imaginário assumem nesse texto uma atitude decorrente das experiências adquiridas ao longo dos tempos, os quais são estabelecidos por meio de relatos constituídos diariamente no cotidiano dos seus próprios comunitários.

A estrutura desse imaginário é organizada por uma série de imagens conectadas a um espaço prioritariamente baseado em determinadas situações vivenciadas, pois as significações atribuídas a respeito do inexistente ganham visibilidade ao serem incorporadas ao imaginário amazônico desses moradores de forma pessoal e transcendental.

Sobre as imagens no imaginário, Gilbert Durand (2002) destaca que:

O imaginário é “– o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensador do homo sapiens – aparece-nos como o grande dominador fundamental onde se veem encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por outro aspecto de uma outra. (DURAND, 2002, p. 18)

---

<sup>4</sup> Gilbert Durant, Gaston Bachelard e Michel Maffesoli são autores que integram o percurso teórico utilizado na delimitação do tema dos imaginários amazônicos, tal como foi desenvolvido por Paes Loureiro em seu livro.

O autor ressalta ainda qual é a importância desse conjunto de imagens em relação à construção do pensamento humano, pois os conceitos estabelecidos são frutos de uma imaginação fundamentada nas concepções retratadas a partir das relações firmadas nas experiências constituídas com a natureza. Os fenômenos ora mencionados compõem um universo refletido em leituras imaginárias do ponto de vista individual e coletivo, interagindo também em outros aspectos contidos nas lembranças e sentimentos presentes no mundo. Essa linha de raciocínio estabelece conexões quando relacionados ao imaginário amazônico, onde são repercutidos os elementos de transformação entre o passado e o presente. Como destaca Nogueira (2014):

Caracterizo o *imaginário amazônico* como constitutivo de imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real capazes de expressar e/ou de representar modos de vidas, coisas e a natureza de um lugar/região social e territorialmente localizado. O imaginário recria e reordena a realidade e, por isso atua no âmbito do real, mas sem necessidade de quaisquer controles de cunho racional. Dotado de faculdade transgressora, o imaginário poderá recorrer aos tempos imemoriais, a história e ao futuro sem, necessariamente estar preso em nenhum desses lugares-tempo. Ao imaginário é possível reconstruir o passado ou construir o porvir, mesmo que estes não tenham ocorrido ou não venham a ocorrer. (NOGUEIRA, 2014, p. 10 e 11).

Pensar a Amazônia requer atingir espaços propícios para simbolizar os acontecimentos acerca do firmamento dessas imagens configuradas no próprio imaginário amazônico. As prerrogativas aplicadas a esse mundo mágico são decorrentes de encantos e mistérios, possibilitando a atribuição das narrativas como alimentos essenciais para integração e a formação da imaginação das populações ribeirinhas de nossa região. Partindo desse princípio, procurei materializar as narrativas imaginárias ao envolvê-las ao contexto amazônico dos comunitários do Macurany.

As características formais acerca do desenvolvimento do pensamento pessoal e crítico são encaradas como subsídios concretos por se constituírem os meios artísticos compreendidos como suporte de uma experiência estética. Diante de uma pintura em tela que articula o real com o irreal, se desprende uma interpretação dessa obra. Os passos seguintes compreendem-se como os elementos fundamentais da natureza numa interferência em torno da forma direta e indireta presente no simbolismo das narrativas desta comunidade.

A abordagem contida nessas narrativas é feita por meio da materialidade, ou seja, de uma obra de arte que vai além da concepção estética do autor, já que a função mítica se encontra entranhada na cultura que a produziu. Para Coli (2018); “a obra existe na materialidade do suporte e na imaterialidade da memória”. São com base nas lembranças que as memórias a respeito da obra escolhida para o pleno exercício de materialização são fixadas, onde são revelados o imaginário poético de uma comunidade vista sobre o ponto de vista da compreensão do universo e do pertencimento do artista vinculado ao espaço.

A esse caso são aplicados os aspectos ligados à cultura amazônica, tornando-se fundamentais para a construção dessa relação no que tange a representação poética de uma Amazônia em seu estado natural e as representações simbólicas apresentadas diante acerca da imaginação.

De acordo com Bachelard (1998), a materialização da imaginação se dá a partir do pensamento lógico ou dos devaneios encontrados nas vivências contidas acerca da realidade, convertendo-se ao sentido de uma existência bem próxima à materialidade da obra. Essa transposição se dá por intermédio da linguagem oral e de aspectos vinculados à questão visual, uma vez que está sempre interligada às narrativas imaginárias de uma comunidade amazônica. A transcendência vai além da própria imaginação daquilo que é imaginado. Essas concepções assumem um caráter metafísico quando atingem as esferas sociais e espirituais, sendo uma forma de organização baseada no processo de materialização do pensamento humano sobre a obra. Como destaca Maffesoli:

O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. Na aura de obra - estátua, pintura - há a materialidade da obra (a cultura) e, em algumas obras, algo que as envolve, a aura. Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra. (MAFFESOLI, 2001, p.75).

Para o autor a questão do imaginário está presente na sociedade, mas não se pode pegá-lo e sim senti-lo. A partir desse entendimento, as manifestações adquiridas no contexto cultural direcionam-se de forma exclusiva para além de um espaço físico. Esse conjunto de ideias é construído mentalmente pela imaginação, embora seja revelado na produção de uma obra de arte. O que Paes Loureiro, tratando da cultura amazônica, vai definir como atitude criadora de mitos e visualidades:

Por essa atitude imageante o homem amazônico (cuja alma, como de um artista, é aberta ao mundo) se comunica com a natureza de uma forma total, sem as delimitações classificatórias, sentindo-as como um todo, como um cosmos integrado pelo sentimento (2015. p.213).

### 1.3 O IMAGINÁRIO POÉTICO DAS NARRATIVAS ORAIS COMO FUNDAMENTO DA ARTE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Desde os primórdios, o homem sempre procurou expressar seus sentimentos e suas emoções compreendidas a partir de um embasamento concreto e significativo acerca da arte. Através dos desenhos feitos no teto e nas paredes das cavernas, o homem pré-histórico já fazia os seus quadrinhos, transmitindo assim uma forma de comunicação. Eram pinturas de animais, que segundo (JANSON, 1988), para o homem primitivo possuíam magia.

Como desde arte rupestre, o desenho para a humanidade se tornou uma das principais ferramentas de comunicação e de propagação baseado na cultura de um povo, onde a história de um lugar passa a ser conhecida a partir de registro da escrita e da imagem. Partindo desse princípio, a linguagem escrita e a visual nos remete a um entendimento dessa relação de materialização da história ao utilizar-se dos desenhos em quadrinhos.

Ao adentrar ao campo da materialidade nas artes visuais temos como umas das referências da arte sequencial as HQ's (Histórias em Quadrinhos), um dos principais veículos de comunicação em massa inteiramente ligado a uma interação comunicativa e discursiva entre os povos.

As HQ's enquanto signo são carregadas de significados ao humanizar o homem modificando-o, pois o processo dialético que engendram é criado a partir de uma reflexão sobre si mesmo dentro de uma sociedade e a sua cultura. Nessa perspectiva, o homem amazônico cria um mecanismo de comunicação cultural, onde as HQ's passam a divulgar a cultura de uma comunidade com base nas narrativas orais.

Como uma das principais referências da arte sequencial, o norte americano Will Eisner (2010) argumenta sobre as histórias em quadrinhos:

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usadas vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. É essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da arte sequencial (EISNER, 2010, p. 8).

Desde muito tempo as HQ's foram estereotipadas e marginalizadas pela elite letrada, outrora seja gerada por consequência do processo criação e comunicação de ideias concebidas e gramaticadas em forma sequencial. Como profissional que atua na área de artes, percebo que as histórias em quadrinhos recebem pouca atenção e a valorização desejada por aqueles que vivem dessa arte.

Essa desvalorização é realizada a partir de uma visão elitista e racionalista, isto é, a história com a tipologia em quadrinhos é discriminada tanto pelos estudiosos da língua quanto pelas artes. Essa modalidade não foi descartada pelas instituições escolares, porém estimulou a estigmatização desse tipo de literatura através de um público altamente estereotipado. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Dondis (2007) afirma que:

[...] vivenciamos o que está acontecendo de maneira direta, descobrimos algo que nunca havíamos percebido, talvez nem mesmo visto, conscientizamos-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos por reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações travas da observação paciente. Ver passou a significar compreender. (DONDIS, 2007, p. 65).

Quanto mais se vê uma ilustração, acaba-se interpretando com maior precisão as entrelinhas do texto, mas se aprende ou até mesmo se criam imagens visuais. Logo, quanto mais abrangentes forem os conhecimentos, maiores serão as interpretações e aprendizagem. Assim, as HQ's se aproximam do real em sua própria maneira de ser ou expressar uma realidade, onde se lança mão do abstrato puro.

No cotidiano escolar, por exemplo, percebe-se que as histórias em quadrinhos tornam o ensino mais prazeroso pelo simples fato de se incentivar o interesse pelos conteúdos. Estimular a curiosidade é incitar o senso crítico ao considerar a relação existente entre texto e imagem, se permite a ampliação das possibilidades sobre um entendimento acerca do desenho. Ao entender esses dispositivos, argumenta-se a contribuição das questões interpretativas voltadas para uma melhor concepção sobre a formação de hábitos de leitura, culminado com o enriquecimento do vocabulário por ser dinâmico e lúdico. Dionísio (2007) argumenta:

[...] imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais. (DIONÍSIO, 2007, p. 141).

Construir significados por meio de imagens ajuda o indivíduo num entendimento relacionado ao seu lugar no mundo com uma percepção das coisas a sua volta. A percepção imagética é um processo de aprendizagem que se materializa cotidianamente, tendo as imagens como um suporte para o exercício desse poder mágico nas pessoas. Essas prerrogativas vão além das palavras em seu movimento em pleno desenvolvimento das capacidades leitoras. Como confirma Rojo (2008):

[...] é preciso ir além da leitura de textos escritos para os quais desenvolvemos as teorias para efetuar o ensino da leitura. Tornou-se imprescindível colocar imagens em relação ao texto escrito com signos de outras modalidades de linguagens (imagens estáticas e em movimento, fala, música, infografias). (ROJO, 2008, p. 25).

O uso de textos advém de um conjunto de modalidades variadas em relação à utilização da linguagem no ensino, conquanto certamente expressem uma contribuição capaz de formar um raciocínio mais amplo do leitor nos ambientes escolares. Tais ações favorecem a aplicação dos conteúdos ministrados pelo professor quando se divulgam aspectos contidos principalmente na cultura. A história em quadrinhos enquanto signo é, portanto, carregada de significados numa ampla discussão da humanização do homem com base no processo de modificação dialética criada para a inserção dessa modalidade específica, onde o homem reflete aspectos sobre si mesmo, da sociedade e da sua própria cultura. É uma maneira lúdica e artística de se problematizar a condição humana ao entender o processo de nossa formação cultural.

As HQ's têm um valor intelectual importantíssimo dentro do processo ensino-aprendizagem, pois assim como a leitura a linguagem visual abre aos alunos um leque para várias interpretações, tanto no lado cognitivo quanto no lado afetivo. Mesmo com toda essa relevância, as HQ's ficam marginalizadas, é o que analisa Vergueiro (2017):

Infelizmente, no entanto, tanto no Brasil como em muitos outros países, as histórias em quadrinhos ainda parecem enfrentar dificuldades no que diz respeito a sua legitimação. Tendo sido consideradas, durante muito tempo, materiais de segunda ou terceiras categorias por parcelas influentes da sociedade, sofrem, todavia, muitos aspectos, o efeito dessa oposição. (VERGUEIRO, 2017, p. 5)

Assim, como outros tipos de texto, essa tipologia característica é fonte condutora para se atingir outras possibilidades de abordagem alicerçada nos conceitos. Esse fato é decorrente principalmente de histórias que se atêm a trazer os mesmos em seu enredo, inclusive em subsídios para o desenvolvimento trabalho docente em relação às práticas pedagógicas. Como afirma Eisner (1999) que “nos convida a considerar as HQ’s como uma forma de leitura, admitindo-as como uma atividade de percepção”.

É inegável a importância da utilização das HQ’s no processo ensino-aprendizagem uma vez que além de trabalhar no campo do significado dá uma melhor atenção a práticas docentes, pois estão presentes em várias possibilidades de atuação envoltas a linguagens como: a visual, verbal e a escrita. As HQ’s conseguem se comunicar com todas as idades e com a massa, trazendo uma comunicação e entendimento rápido e fácil por ser uma arte híbrida. Assim diz Vergueiro (2017):

Como meio de comunicação de massa, pode se dizer que as histórias em quadrinhos sempre se constituíram um produto bastante completo. Mesmo considerando as diversas versões sobre o surgimento dos quadrinhos, pode-se afirmar que eles nasceram ligados àquele que em seu tempo era considerado o meio por excelência de comunicação com as grandes massas – os jornais diários –, e nele deram seus mais significativos passos (VERGUEIRO, 2017, p. 45).

Embora tenham se popularizado via jornais impressos, hoje em dia estas ganham mais visibilidade e aceitação devido ao contato com as novas tecnologias e a internet. Tanto é que na realização da pesquisa de campo, muitos comunitários abraçaram a ideia de materializar as narrativas orais do local em HQ’s. Através do contato com as tecnologias eles já conhecem e valorizam a produção das histórias em quadrinhos. A partir dessa minha intervenção por meio de oficina, espero que no futuro os próprios comunitários consigam materializar suas próprias histórias em formato de quadrinho.

**A MATERIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O IMAGINÁRIO  
AMAZÔNICO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY**

## 2 A MATERIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS ORAIS SOBRE O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY

“Os artistas colhem narrativas da vivência cotidiana dos cidadãos, dos caboclos e indígenas, principalmente em fontes primárias e secundárias, entre elas contadores de histórias, livros e documentos religiosos e, assim realizam a interpretação artística da produção intelectual dos povos amazônicos”. (NOGUEIRA, 2014, p. 171).

Nascido e criado no coração da Amazônia, na Ilha de Tupinambarana, no município de Parintins, AM, trago nas veias as descendências do colonizador português, assim como as dos nativos parintintin, tribos indígenas que aqui nessa terra habitaram. Herdo a arte dos nossos ancestrais, de um povo que vive e respira a arte o ano inteiro por ocasião do envolvimento com o grande evento aqui realizado, o Festival Folclórico de Parintins<sup>5</sup>, considerado atualmente Patrimônio Cultural do Brasil.

Desde a minha infância até os dias de hoje, a arte sempre se fez presente em minha vida, os primeiros rabiscos no papel iam me indicando o caminho que iria seguir. Como artista visual e arte-educador, sempre procurei retratar Amazônia em minhas obras em relação aos seus mais diversos aspectos. Algo sempre me chamava bastante atenção no que diz respeito à cultura amazônica, em especial, as narrativas orais que envolvem o imaginário amazônico. Cresci ouvindo histórias dos meus avós, tios e outros mais velhos sobre as encantarias, visagens e seres sobrenaturais presentes no nosso cotidiano amazônico. Dentro desse cenário, passei a materializar os temas amazônicos, desenvolvendo minha poética utilizando a linguagem da Pintura.

A pesquisa foi afetada pelo contexto do Covid 19, o que me levou a buscar uma comunidade onde pudesse desenvolver o trabalho proposto no projeto de Mestrado. No desenvolvimento da pesquisa realizei algumas viagens de motocicleta pela estrada que dá acesso à comunidade do Macurany, zona rural, distante 15 minutos da sede do município de Parintins, localizada à margem esquerda do rio Parananema, assentada geograficamente em área de terra firme.

Foram nessas viagens que passei a conhecer melhor o universo místico de uma comunidade cercada de muitos mistérios dignos de espaços exuberantes, onde

---

<sup>5</sup> Festival Folclórico de Parintins que é realizado todo ano no último fim de semana do mês de junho, que tem como os símbolos da festa o Boi-bumbá Garantido e Caprichoso.

somente a natureza é capaz de encher os olhos logo na primeira ida ao lugar. Percebi que o foco das minhas pesquisas estava diretamente ligado ao imaginário amazônico presente na oralidade de seus comunitários, pois estes buscam através do discurso a preservação de seus hábitos e costumes. O simples fato de contarem suas experiências por intermédio das histórias, determinam imensamente os pontos essenciais em relação às informações coletadas em campo e a temática posta em discussão.

A prática de campo foi desenvolvida em duas etapas. A primeira dedicada às coletas de narrativas acerca dos aspectos sociais, econômicos e culturais da comunidade junto à produção artística. No segundo momento, propus, como artista pesquisador, uma oficina de histórias em quadrinhos com os comunitários da localidade, constituindo-se a partir de, então, ferramentas necessárias para que os mesmos pudessem auxiliar na construção das características próprias dessas concepções para o desenvolvimento do objeto a ser materializado.

A minha chegada a campo de pesquisa deu-se por conversa informal com os moradores da localidade, foram estabelecidos os laços de confiança. Na ocasião, conheci o presidente da comunidade, o senhor Silvano Souza (40), com o qual tive uma conversa sobre o objetivo do trabalho e a contribuição dos comunitários para a realização desta pesquisa.

O senhor presidente Silvano me indicou um informante da comunidade, um grande conhecedor dos mais diversos aspectos do Macurany, o senhor Odiley Silva (40), nascido e criado na localidade, que colaborou bastante para o desenvolvimento desta temática. O informante me apresentou toda a comunidade e os moradores mais antigos desse lugar, onde estes relataram algumas histórias sobre a fundação da comunidade e as narrativas relacionadas ao imaginário local.

A pesquisa foi realizada por intermédio de uma entrevista semiestruturada. Entrevistei três moradores com perguntas pautadas no conhecimento que eles têm sobre as narrativas orais e imaginárias da comunidade. Em comum, existem algumas particularidades com outras partes da região amazônica, isto é, nesses relatos permeiam muitas narrativas orais semelhantes com as apresentadas pela comunidade estudada, dentre elas: O Boto, A Sereia do Pedral, O Pau da Visagem, O Mapinguari, A Mulher de Branco, A Mãe da Mata, O Calça Molhada.

Com a escolha das narrativas acima citadas procurei materializar cada sequência por meio de uma obra de arte, em especial a pintura em tela. Este

procedimento serviu para que eu pudesse me situar em relação do imaginário local através da minha imaginação poética. Busquei desenvolver essa pintura baseado na oralidade e permeado pela função mítica e encantarias que se desprendem do lugar. Tendo a floresta e os rios como base fantástica onde se assentam as atividades que constituem a vida social e cultura do Macurany, busco fixar e explorar as formas e cores da nossa arte. Posteriormente, as concepções utilizadas nessa obra compreendem a forma como se deu a pesquisa com base no simbolismo das narrativas orais, pois o processo aplicado neste contexto assume uma forte influência no comportamento social e cultural dos moradores desta comunidade. Reitero o trabalho que busca elaborar os modos de sentir, transpor e materializar o imaginário dos comunitários a partir de uma produção de narrativas no formato HQ, numa proposta construída com os comunitários.

Passei três dias no Macurany para fazer as entrevistas, onde cada comunitário marcava o melhor horário para ceder à entrevista, embora geralmente acontecessem nos fins de tarde após o dia de trabalho. Cada entrevistado optou em contar uma narrativa oral que achava mais popular na localidade. Dentre elas estão, O Pau da Visagem, A Mulher de Branco e o Calça Molhada.

A intenção da pesquisa é estudar as possibilidades de transposição sobre a oralidade para a visualidade, consistindo na materialização dos fenômenos em relação ao imaginário dos comunitários do Macurany. Para um melhor desenvolvimento dessa etapa convidei dois artistas plásticos da AAPP (Associação dos Artistas Plásticos de Parintins), Rob Barbosa e Neto Barbosa, para que juntos pudessemos materializar três das narrativas citadas com base nos desenhos em quadrinhos que apresento a seguir:

#### “Pau da visagem”

Há um bom tempo atrás, existia no início da estrada que dá acesso ao Macurany, uma grande árvore chamada de Carapanaubeira, as pessoas que estudavam ou trabalhavam na cidade tinham que passar antes ou depois das 18h, pois, caso descumprisse era castigado pelo o “pau da visagem”. Sofriam perseguições como: visões de caixões, velas acesas, gritos, agressões com tapas no pescoço, ou seja, eram assombrações que perturbava as pessoas que vinham andando ou com algum outro meio de transporte. (Maria do Carmo da Silva, 62 anos, setembro de 2020).

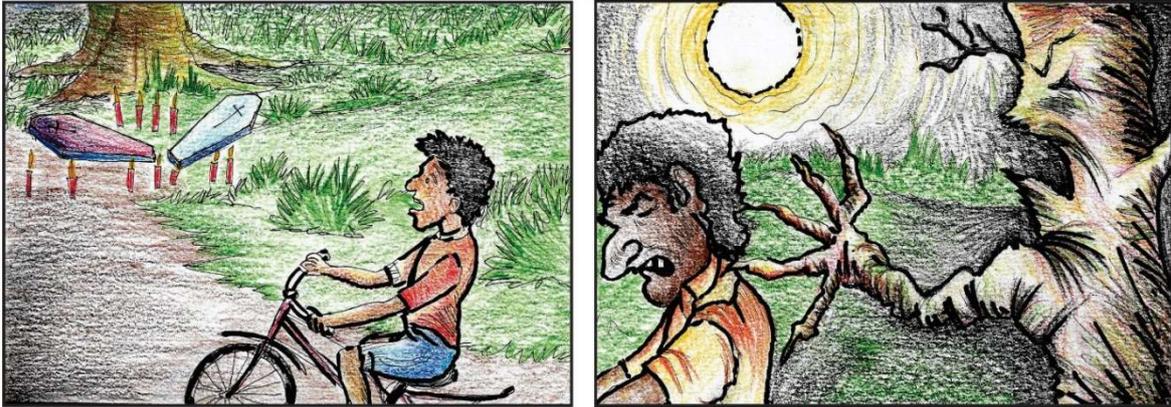


Figura 3 - “O Pau da Visagem”. Arte: Roberto Azevedo – 2020<sup>6</sup>

No relato da comunitária, a senhora Maria do Carmo, percebemos o poder das narrativas orais sobre os moradores da comunidade, pois impõe respeito, regras e principalmente o medo, circunstâncias essas que acabam afetando diretamente o convívio social dos comunitários dessa localidade. Uma árvore de Carapanaubeira a partir de um certo horário era chamada o pau da visagem. De acordo com Silva (2018, p. 41): “Há décadas a árvore foi derrubada, atualmente o local faz parte de um loteamento, mas o “pau-da-visagem”, como a árvore ficou conhecida pelos moradores, ainda permanece vivo em suas memórias”.

Para materializar a história, busco trazer a imagem do cenário noturno, onde aparecem caixões rodeados de velas acesas, uma grande árvore com cavidades parecendo olhos e boca, e uma pessoa pedalando em sua bicicleta olhando para atrás muito assustado vendo mãos de galhos.

#### “A mulher de branco”

Ali na estrada que passa pela lagoa da Cristina aparecia uma mulher de branco, e ela seguia as pessoas que passavam por ali, principalmente tarde da noite, assustava com gritos, chamando para irem ao encontro dela. Uma vez um morador que trabalhava na cidade ao retornar para a comunidade tarde da noite, falou que viu a mulher de branco, e que ela gritou pedindo para ele ir ao encontro dela, e ele muito assustado, pedalou bastante em sua bicicleta para fugir da mulher de Branco. (Leonilson Batista Tavares, 59 anos, setembro de 2020).

<sup>6</sup> As figuras sem menção de fonte são todas do autor deste texto.

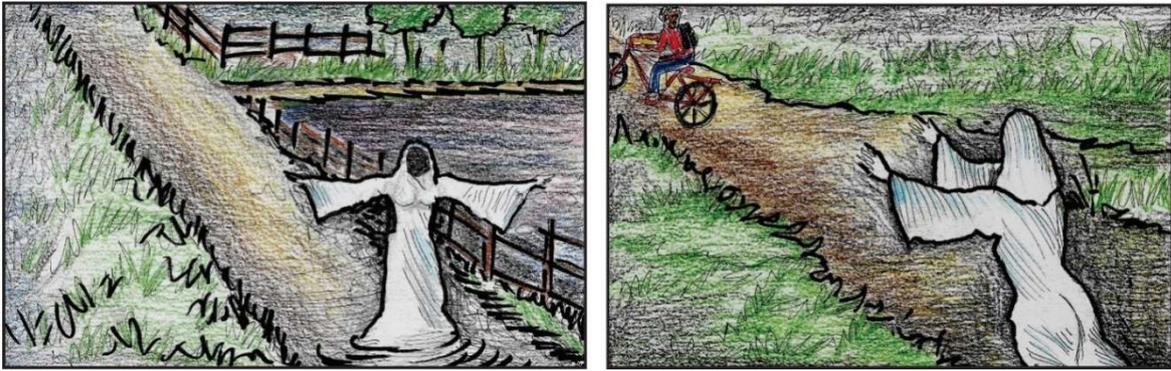


Figura 4 - “A mulher de Branco”. Arte: Rob Barbosa – 2020

O artista Rob Barbosa procurou construir uma imagem poética a partir da qual ele transpôs no desenho e na pintura tudo que imaginou sobre a história narrada. Em sua ilustração, ele mostra um ser sobrenatural “A mulher de branco”, no período da noite, aparecendo numa estrada para um morador da comunidade, que assustado pedala mais rápido em sua bicicleta, apresentando medo. Notamos que pelo o relato do comunitário seu Leonilson que a história da mulher de branco alimenta a imaginação de seus moradores, impondo medo, aterrorizando, assustando o comunitário que precisa se deslocar da comunidade para ir até a cidade e que ao retornar precisaria seguir o horário, pois, caso não cumprisse, conseqüentemente sofreria as punições.

#### “O Calça molhada”

Aqui na comunidade, muitas pessoas já contaram sobre um fantasma que assusta quem anda de noite sozinho por aí, é o “calça molhada”. Uma vez um morador aqui da comunidade, ele e a mãe dele estavam em casa na cozinha jantando, quando eles ouviram um barulho de uma pessoa andando como se estivesse com roupa molhada, e saíram para o quintal pra ver o que era, mas não viram nada, só mesmo aquele ruído assustador. (Creuza Silva, 63 anos, setembro de 2020).

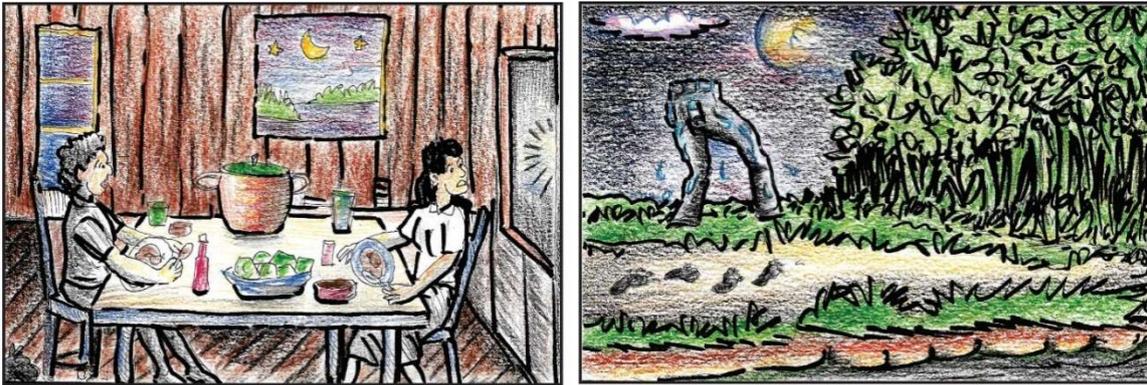


Figura 5 - “O calça molhada”. Arte: Neto Barbosa – 2020

Causando medo, assustando os moradores, que andam sozinhos pela a comunidade à noite, segundo a senhora Creuza, “O calça molhada” é um fantasma que assusta com barulhos de quem está seguindo, acompanhando, impondo medo em quem ousa ficar andando sozinho pela a comunidade. Com um olhar amazônico, o artista Neto Barbosa expõe sua imaginação, detalhando as características da localidade, mostrando como seria esse ser sobrenatural de acordo com os fatos narrados. Na subjetividade da imagem poética, o artista ilustra as pegadas na terra como se fosse de uma pessoa e simbolicamente uma calça molhada como que se tivesse caminhando sozinha, caracterizando o fantasma citado pelo o comunitário. Nessa compreensão, a criação da imagem poética produzida pelo o artista não tem a necessidade de ser compreendida, pois é um presente da consciência ingênua (BACHELARD, 1993).

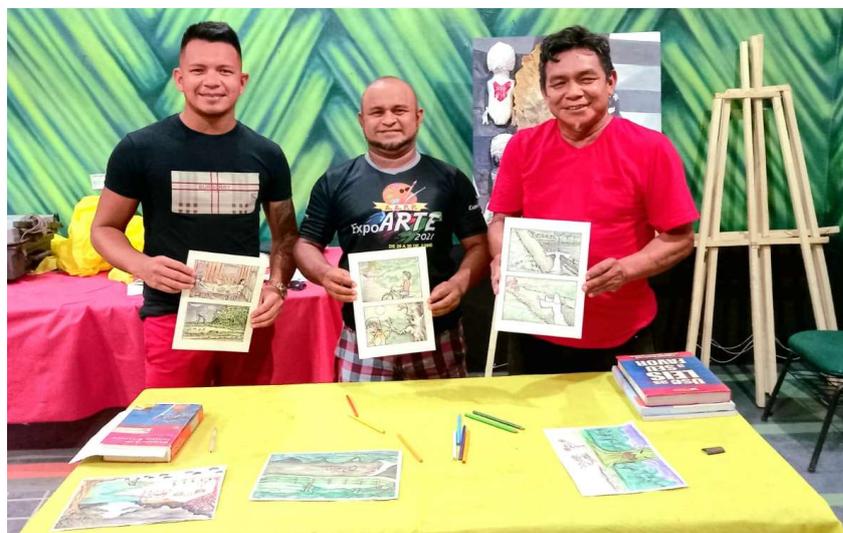


Figura 6 - Neto Barbosa, Roberto Azevedo e Rob Barbosa – AAPP, AM

Como vemos a comunidade do Macurany é permeada pelas muitas narrativas orais relacionadas ao imaginário amazônico, histórias repassadas de geração a geração. Lembranças guardadas nas memórias dos seus antigos moradores que por serem contadas contribuem para a manutenção da cultura do lugar. Dentro dessas ações estão outros aspectos da memória coletiva e as questões relacionadas às narrativas acerca da sabedoria popular. As possibilidades de ativar imaginários tornam-se alternativas viáveis quando são compreendidos dentro de um processo preestabelecido no convívio social, embora os membros desta localidade transmitam os saberes fundamentais para a efetivação destas narrativas nas relações sociais constituídas em grupo.

Segundo Simões e Costa (2020):

Os saberes orais são repassados entre famílias e entre membros de uma mesma comunidade ou vila por narrativas orais, através de lembranças guardadas na memória e que preservam informações selecionadas como necessárias para a continuação do grupo. A oralidade, a memória e a narrativa são elementos essenciais na compreensão das relações sociais. (SIMÕES & COSTA, 2020, p. 344).

Os comunitários desta localidade convivem com esse rico acervo, porém, com o passar do tempo e diante das mudanças de hábitos decorrentes dos processos econômicos, essas lembranças guardadas na memória de seus moradores parecem cair nas asas do esquecimento. Muito dessa sabedoria popular vem se perdendo pela falta do registro material, restando para contar nos antigos moradores que ainda seguem vivos. Pela ausência de provas documentais, muitas dessas histórias vão e as futuras gerações correm o risco de desconhecer aspectos de sua própria cultura.

Numa etapa seguinte, tive o apoio da Associação dos Comunitários pertencentes ao Macurany através de seu presidente Silvano Souza, o qual me autorizou a desenvolver uma oficina de histórias em quadrinhos para os comunitários, que estudam na escola local. Para a realização das oficinas foram convidados os coletivos de artes, os quais se destacam a AAPP (Associação dos Artistas Plásticos de Parintins) e o Buriti Artes e Quadrinhos. Tais pressupostos ocorreram transversalmente com a participação dos comunitários ao possibilitar uma profunda transformação de suas produções em revista de histórias em quadrinhos. O resultado do produto final consiste na apresentação dos trabalhos materializados em formato de HQ's.

## 2.1 OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO MACURANY

Ofereci uma oficina de HQ's aos comunitários e alunos da escola pertencente à localidade, que se desenrolou em três finais de semana, para que os mesmos pudessem construir uma revista de Histórias em Quadrinhos com as fantásticas histórias contadas pelos comunitários repletas de encantos e magias que envolvem o imaginário amazônico e caboclo.

A partir da aprovação da Associação dos Comunitários do Macurany, recebi trânsito livre, encarregando-me da organização do espaço e da convocação dos alunos pertencentes à escola da comunidade. Os indivíduos selecionados tanto no ambiente escolar como fora dela foram convidados a participarem da oficina, que no primeiro momento contou com a participação de 32 inscritos. As palestras aconteceram em três finais de semana pelo horário da tarde, nos dias 11, 19, e 26 de junho de 2021, onde o local do encontro foi à área externa da Igreja de Santa Luzia sob a sombra da grande mangueira centenária da comunidade.

Para a realização da oficina, contei com a parceria da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP e do Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins, que prestaram total apoio para que a atividade proposta fosse realizada com sucesso.

Fundada em 1982, a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP, desde muito tempo, vem colaborando para o crescimento da arte parintinense. Tem como colaboradores sócios e artistas que expressam sua arte em diversos contextos. A maioria dos artistas são autodidatas, outros são formados em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). A Amazônia sempre é muito presente em suas produções, pois os artistas procuram na expressão o cotidiano amazônico como uma forma de apresentar a biodiversidade e a cultura da região.



Figura 7 - Prédio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP

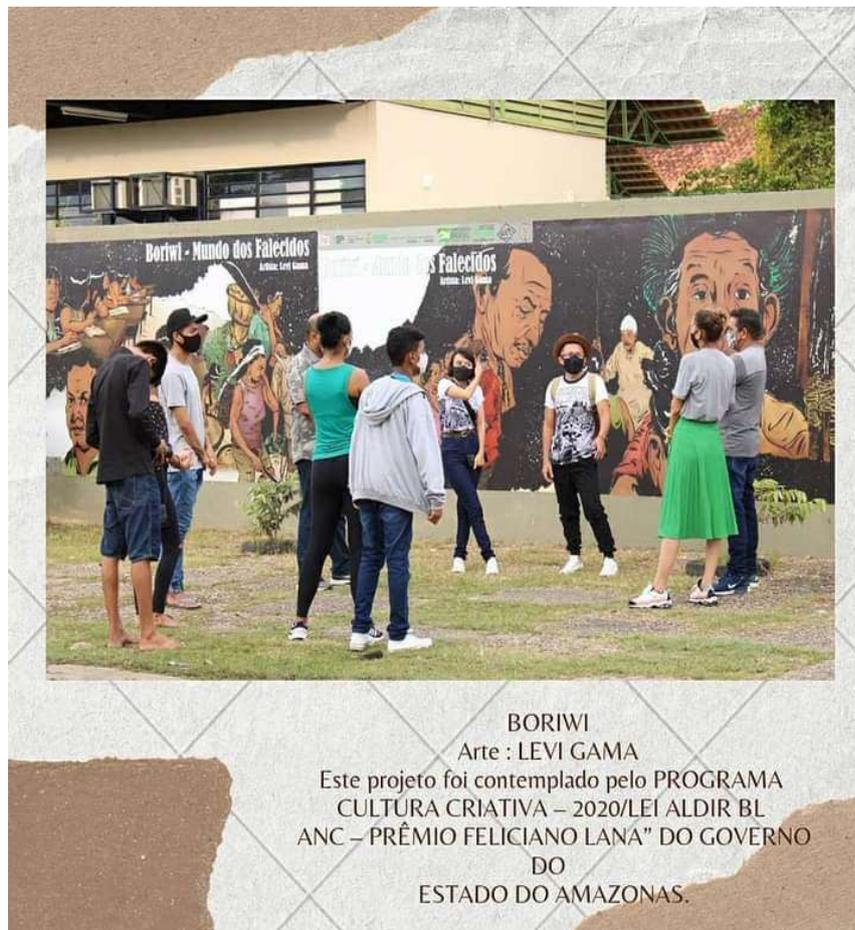


Figura 8 - Pintura Mural “BORIWI” (2021)  
Fonte: Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins (2020).

Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins tem dois anos de atuação na cidade, sendo coordenado por dois acadêmicos; o artista visual e quadrinista Levi Gama e pela dançarina e roteirista Rafa Pimentel. Tem como membros artistas visuais; arte-educadores; desenhistas; ilustradores; quadrinistas e roteiristas. Tem como objetivo incentivar e fomentar a produção das Histórias em Quadrinhos no município de Parintins.

A oficina começou com uma equipe formada por um grupo reunido pelo coordenador da proposta, o arte-educador e pesquisador, José Roberto Costa de Azevedo. Os participantes por parte da AAPP foram: Rob Barbosa (Presidente da AAPP); André Ribeiro (membro), Anselmo Sateré (membro); assim como contamos com a presença do Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins, Levi Gama Santos (coordenador); Rafaela Pimentel (coordenadora) e Eduardo Mello (fotógrafo).



Figura 9 - Membros da equipe da Oficina de Histórias em Quadrinhos

Para começar os trabalhos, apresentamos os participantes das palestras e o nosso objetivo da oficina na comunidade. Explicamos que prioritariamente faríamos uma oficina de histórias em quadrinhos, com o intuito de materializar as narrativas orais sobre o imaginário dos comunitários do Macurany. Esses procedimentos

influenciam de forma direta com os aspectos relacionados com o valor cultural juntamente com o sentimento de pertencimento presente entre os comunitários desta localidade.

Na apresentação, falei para os comunitários sobre a oficina, esclarecendo que fazia parte do laboratório da disciplina Tópico Especial II - Processos Artísticos em Contexto: Arte, Natureza e Saberes, da professora Maria Ivone dos Santos, orientadora da minha dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Minter – UFAM/UFRGS. Expliquei que a oficina é parte da prática de campo, elaborada a partir de um laboratório experimental do processo de criação das histórias em quadrinhos. Os comunitários entenderam o propósito da realização desta oficina e foram bastante atenciosos com todas as informações que eram repassadas.



Figura 10 - Coordenador da Oficina – José Roberto Costa de Azevedo

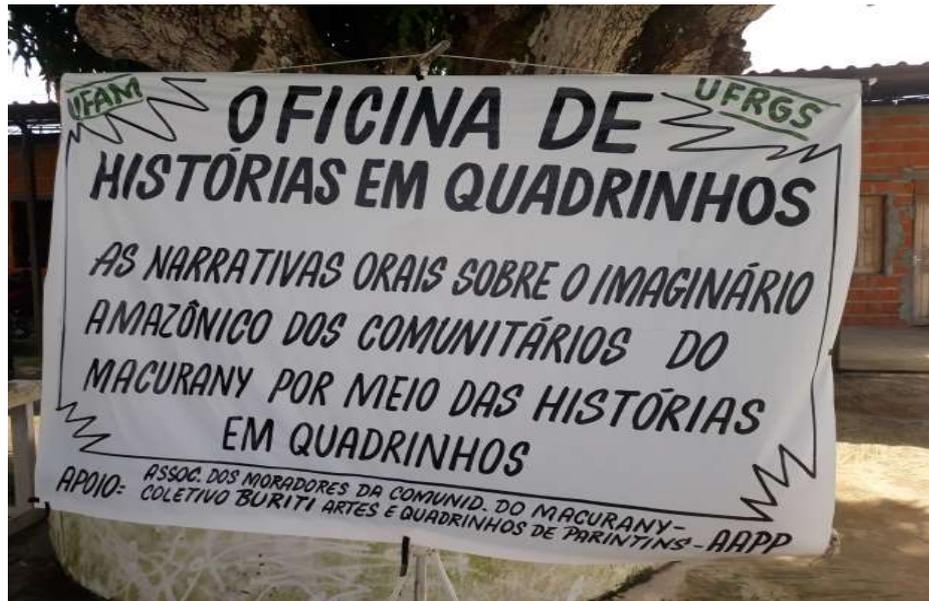


Figura 11 - Painei: Oficina de História em Quadrinhos no Macurany



Figura 12 - Apresentação da proposta da oficina para a comunidade

Esclareci que, para a realização dessa oficina, tive como precedente as experiências com o projeto “Da leitura a criação artística, a partir de narrativas orais de contos, lendas e mitos da região amazônica” pelo Programa Ciência na Escola – PCE, realizado sobe minha coordenação com os alunos do 9º ano da Escola Estadual Suzana de Jesus Azedo no município de Parintins, no ano de 2017.

A partir desse esclarecimento, procurei explicar para os comunitários do Macurany que, a partir da realização da oficina, teriam suas narrativas materializadas por meio das Histórias em Quadrinhos, como uma forma de expressão de conhecimento cultural de sua localidade, onde seriam valorizados os aspectos sociais e o sentimento de pertencimento que t têm pela sua comunidade.

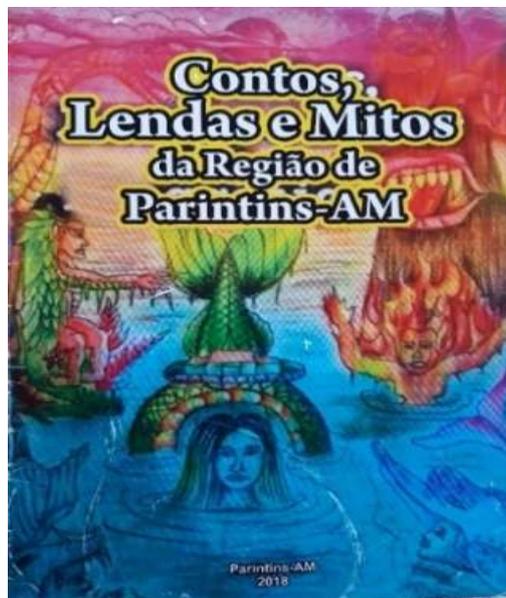


Figura 13 - Revista Contos, Lendas e Mitos da Região de Parintins-AM, 2018

## 2.2 O PROCESSO CRIATIVO DAS HQ'S COMO FORMA DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Levar uma experiência artística para uma comunidade amazônica é uma forma de transferir ensinamentos por meio de um processo criativo, onde são privilegiados os elementos fundamentais para o pleno desenvolvimento do ensino e aprendizagem no contexto de uma comunidade pertencente ao município de Parintins.

A Oficina de Histórias em Quadrinhos, denominada “As Narrativas Orais sobre Imaginário Amazônico dos Comunitários do Macurany por meio das Histórias em Quadrinhos,” contou com o apoio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP e Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins. Teve como participantes, em sua maioria, alunos pertencentes à comunidade do Macurany e adjacências, que passaram a fazer uma reflexão sobre a importância das artes visuais para sua própria cultura.

Neste contexto, privilegiaram-se as narrativas como suporte para a aplicação das narrativas através das histórias sequenciais ou em quadrinhos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (2001, p. 15): “Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.”

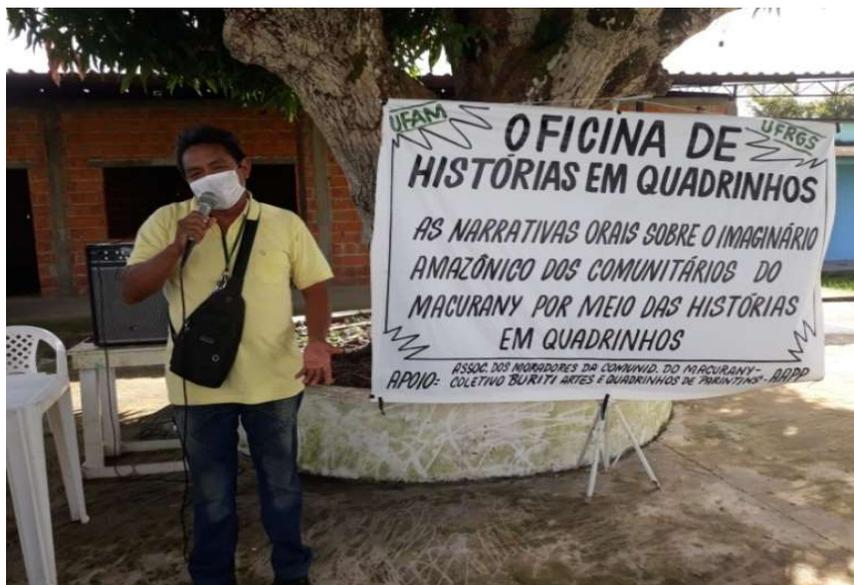


Figura 14 - Rob Barbosa, Presidente da AAPP

O senhor Rob Barbosa, presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP foi convidado para fazer a introdução da Oficina do projeto de

pesquisa. Na sua fala, abordou a importância das artes visuais como ferramenta de propagação da cultura de um povo, destacando-se a relevância das oficinas de Histórias em Quadrinhos para a comunidade. Os moradores da localidade tiveram suas narrativas orais materializadas, fato este que despertou o interesse dos participantes em relação ao senso de criatividade. Estes instrumentos foram indispensáveis para o bom desenvolvimento crítico e cultural dos indivíduos, uma vez que o processo foi importante para se alcançar os propósitos previamente ordenados durante a apresentação das propostas em artes sobre o imaginário.

Para que a oficina ocorresse de forma organizada, foi elaborada uma apostila de apoio para que os participantes acompanhassem o passo a passo a atividade proposta. A apostila foi elaborada sob minha coordenação em conjunto com a AAPP e o Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos e que teve como referência o livro que está em sua 2ª edição “Quadrinhos - Guia Prático” de autoria da MultiRio 2011, que traz em seu conteúdo os elementos básicos para a construção das HQ’s como: balão, timing, o letreiramento, personagens, o texto, enquadramento, Storyboard, passo a passo, e os estilos que fizeram história (em quadrinhos). Foi acrescentada também uma narrativa oral, um roteiro e os quadrinhos da “Lenda do Boto” da revista de histórias em quadrinhos “Os contos, mitos e lendas de Parintins – AM”, para que servisse de exemplo para os participantes da oficina.

Para ministrar a oficina de Histórias em Quadrinhos, tivemos como ministrante Levi Gama dos Santos e Rafaela Pimentel Amaral, coordenadores do Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins. Os dois coordenadores atualmente desenvolvem trabalhos com produção de histórias em quadrinhos e participam de pinturas murais, exposições em movimentos sociais. Suas produções das HQ’s são distribuídas em centros sociais e escolas públicas do Município de Parintins.



Figura 15 - Apresentação de suas produções aos participantes da oficina (2021)  
Fonte: Eduardo Melo (2021).

Na primeira semana, no dia 11 de junho de 2021, os ministrantes falaram um pouco da história de como surgiu o Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins e de suas finalidades. Apresentaram o trabalho desenvolvido no Município de Parintins, entregaram aos participantes os exemplares de suas produções.

Na oportunidade, fizeram uma abordagem teórica do gênero, na qual falaram da arte sequencial dentro do processo histórico das HQ's. A partir deste pressuposto, surgem questionamentos sobre o surgimento desta modalidade textual com base nos principais autores que abordam o assunto. Dentre outros pontos destacados, estão as referências relacionadas a esse gênero específico, as quais foram utilizadas na construção do material sobre o conteúdo das palestras realizadas no contexto da comunidade campo de pesquisa. Montou-se na apostila as figuras representativas como uma proposta para dar uma orientação dos elementos constituintes das histórias sequenciais.

Tais mecanismos foram essenciais para uma melhor explanação das oficinas entre os participantes, uma vez que todos os envolvidos teriam condições de compreender as estruturas textuais. A partir da utilização de alguns procedimentos importantes, se tem uma compreensão mais clara de como são construídas as histórias no decorrer de todo percurso do artista visual, que cria as situações, desenvolvendo-as num conjunto linear de produção artística. Diante do ato de materialização das narrativas, surgem alguns quesitos fundamentais para a

praticidade dos enredos em andamento, sugerindo o emprego de elementos, tais como: balão<sup>7</sup>; timing<sup>8</sup> ou a utilidade de tempo; letreiramento<sup>9</sup> ou forma das letras; personagens<sup>10</sup> (características); noções sobre o texto<sup>11</sup>; storyboard<sup>12</sup> ou pré-produção.

No primeiro momento houve uma grande expectativa por parte dos participantes, em que alguns tiveram a primeira experiência das HQ's durante a aplicação da oficina na comunidade do Macurany. Nesse contexto, entende-se a existência de uma linguagem própria, onde se ressalta a importância de os quadrinhos numa abordagem alusiva sobre a questão serem de fato reconhecidos. Essa prerrogativa parte do princípio de que se torna necessário saber empregar os elementos característicos em relação a essa modalidade textual. Neste questionamento, abarcam-se outros aspectos como as técnicas de produção, sendo estas fontes essenciais para a construção das histórias; além de haver um entendimento básico dos elementos participativos presentes no universo dos desenhos seriais.

Dentre os principais recursos aplicados nas histórias, pode-se citar o balão, que talvez seja o mais famoso de todos. Este tem como função capturar o som dos personagens e que são lidos numa sequência, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Isso acontece nos países do Ocidente, enquanto que nos países do Oriente,

---

<sup>7</sup> Balão: recurso utilizado nas histórias em quadrinhos para captar o som, ativando a percepção do leitor para uma ação específica dentro desse gênero. Em outras palavras, é preciso chamar a atenção especificamente para a fala do personagem.

<sup>8</sup> Timing: trata-se da percepção feita por meio de certos recursos utilizados, principalmente na ideia de tempo e de ritmo que eles transmitem.

<sup>9</sup> Letreiramento: concerne aos traçados e critérios necessários para o entendimento das narrativas, podendo ser utilizadas, por exemplo, numa fala normal de HQ por meio de letras convencionais. Destacando-se, ainda, dentro do processo narrativo o emprego das letras em negrito ou itálico. Mas, o uso das letras vai além dessas situações comuns apresentadas nas histórias, através do elemento gráfico, sendo esta uma ferramenta a serviço da narrativa.

<sup>10</sup> Personagens: está relacionado a uma técnica que consiste em adotar meios concretos para a captação das características humanas, podendo revelar o estado emocional ou, até mesmo, o caráter de um personagem.

<sup>11</sup> Texto: referência da textualidade com a imagem, formando um conjunto que indicam som, diálogos e textos de ligação.

<sup>12</sup> Storyboard: é a fase de pré-produção, muito semelhante a uma cena de um filme e uma cena transposta numa HQ, feitos exclusivamente para fazer cinema. Geralmente, o autor do desenho cria o roteiro, definindo-os através de ângulos e narrativas apoiadas, principalmente, em técnicas cinematográficas. Tais procedimentos contêm continuidade, colocação de câmera e edição; gerando um produto audiovisual com elementos relacionados à fluência e movimentos.

como o Japão, são lidas de trás para frente. Vale a pena ressaltar que, no Japão, o gênero HQ também é chamado de mangá<sup>13</sup>.



Figura 16 - Levi Gama, ministrante da oficina de HQ's

Na segunda semana, no dia 19 de junho de 2021, continuaram a oficina com uma aula prática, onde explicaram sobre o gênero cartun<sup>14</sup> e semi-cartun, na sequência apresentaram as diversas formas de estruturas para a construção de personagens para HQ's, começando pelos olhos, boca, nariz, orelhas, em seguida com as expressões faciais dos personagens por meio de suas emoções. Nesse momento prático da oficina, os participantes ficaram com os olhos atentos a todas as instruções, sendo que alguns puderam ter suas primeiras experiências com os desenhos, onde aprenderam que, para se construir um personagem, é preciso conhecer as diversas formas dos elementos faciais. Os participantes interagiram, fazendo perguntas e indo até a lousa com o instrutor.

<sup>13</sup> Mangá: é o nome dado às histórias em quadrinhos japonesas, possuindo características marcantes que os difere de outras revistas do gênero. As diferenças apresentadas referem-se, ainda, na forma de leitura, publicação, diagramação e traços nos desenhos dos personagens. Muitos mangás originaram séries de desenhos para a televisão, os chamados animes.

<sup>14</sup> Cartum é um gênero jornalístico considerado opinativo ou analítico que critica, satiriza e expõe situações por meio do grafismo e humor. Abrange, hoje, praticamente todos os veículos de difusão da informação gráfica: jornais, revistas e a internet.



Figura 17 - Participantes da Oficina

No término da oficina, os participantes apresentaram os seus trabalhos, demonstrando todo o aprendizado adquirido durante todo o processo criativo das

histórias em quadrinhos. As figuras explicativas sobre as HQ's fundamentaram suas experiências, principalmente entre o conhecimento e a produção artística.



Figura 18 - Participantes da Oficina na Associação Nipo Brasileira de Parintins

Na terceira semana, do dia 26 de junho de 2021, os participantes se deslocaram para a zona urbana da cidade, onde participaram da oficina na Associação Nipo Brasileira de Parintins a convite do coletivo Buriti. Na atividade prática, aprenderam o passo a passo das construções dos quadrinhos e a função das linguagens empregadas nos quadrinhos: verbal e não verbal.

### 2.2.1 Linguagem dos Quadrinhos

No momento oportuno, sobre o emprego dessas funções, explicaram que a linguagem verbal nos quadrinhos vem acompanhada de textos de forma clara e objetiva, enquanto que, na linguagem não verbal, os quadrinhos não vêm acompanhados de textos, apenas com imagens, símbolos e entre outros, citando como exemplo, o desenho de um cigarro dentro de círculo, interceptado por um risco, transmitindo uma mensagem de conscientização contra o tabagismo.

Ressaltou-se também que essas linguagens vêm inseridas dentro das caixas de textos ou de balões, pois, neste caso, cada um tem uma característica de som,

com falas de personagens, pensamentos, gritos, choro, cochicho, admiração, de zangado, de dúvidas, sons eletrônicos e muitos outros, de acordo com a criatividade do artista. (MULTIRIO, 2011).



Figura 19 - Instrutor ensinando a linguagem dos quadrinhos

Dentro desse contexto, os instrutores abordaram a importância das onomatopeias nos balões, explicando que, as mesmas tem a função de representar por intermédio de caracteres gráficos um som, exemplificando na figura 33: BANG! SOC! De acordo com a MultiRio (2011), as onomatopeias, por sua vez, são palavras que imitam os sons, sejam eles da natureza, eletrônicos, mecânicos ou, ainda, ruídos fantásticos e imaginários; como nos exemplos: BUMM! TOC! TOC! MIAU! VRUUM! SPLASH! ou seja, são figuras sonoras que dão sentido ao universo da arte sequencial.

### 2.2.2 Construção dos Personagens

Os personagens são elementos importantes na construção das Histórias em Quadrinhos, pois não existe uma história sem personagens bem construídos numa narrativa. É preciso criá-los a partir de características físicas e emocionais que representem o que são, entretanto, cabe ao desenhista à representação de seu caráter individual. Essas qualidades são facilmente percebidas pela utilização de expressões bem semelhantes às humanas, definindo, assim, a sua função existencial

dentro do processo de criação artística. Nesse processo, cada participante procurou desenhar os seus personagens de acordo com a poética de seu imaginário.



Figura 20 - Participantes construindo personagens

### 2.2.3 Sequência dos Quadrinhos

A partir das construções dos personagens, os participantes interagiram na aula prática com base na construção de histórias sob o seu cotidiano que fora retratado nos quadrinhos como forma de experimentação dentro da proposta estabelecida para a ocasião. As sugestões apresentadas para esta etapa da oficina estão relacionadas, sobretudo, nas noções de perspectivas em que são abordados os aspectos contidos nos esboços; tendo como princípio os seguintes pontos: planos abertos, médios e fechados. Nessa aula prática, os participantes puderam expressar, por meio das sequências dos quadrinhos, a relação estabelecida entre as vivências adquiridas na comunidade do Macurany e as concepções presentes na materialização de seu rico imaginário sobrenatural.



Figura 21 - Planos: aberto, médio e fechado

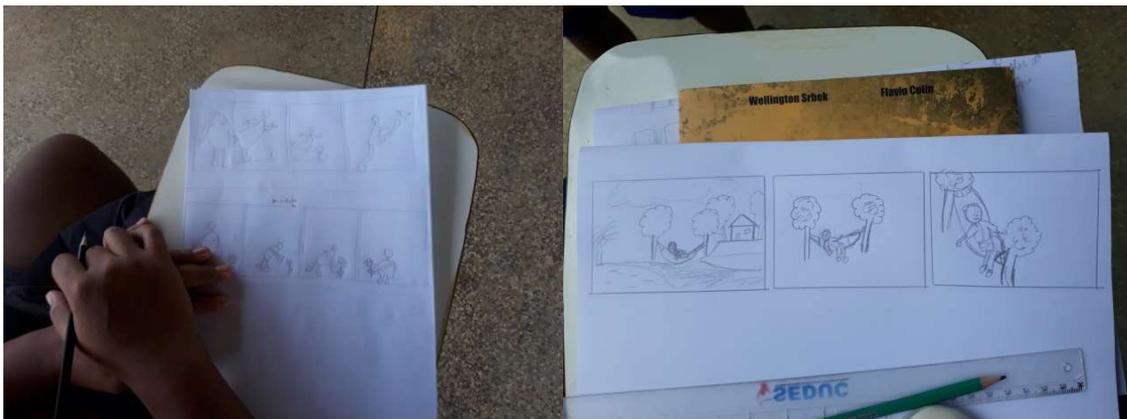


Figura 22 - Participante apresentando sua sequência dos quadinhos

## 2.2.4 Produção de Roteiros

O instrutor ensinou aos participantes como produzir um roteiro simples com histórias do cotidiano, explicando que cada participante poderia construir sua própria História em Quadrinhos. Utilizando a apostila, citou como exemplo uma aluna da Escola Estadual Suzana de Jesus Azedo, participante da produção da Revista de Histórias em Quadrinhos “Os Contos, Mitos e Lendas da Região de Parintins”. Na ocasião, esclareceu que ela iniciou sua experiência através de uma coleta de narrativa oral, em que entrevistou um antigo morador do interior de Parintins.

Na entrevista, o senhor contou a ela sobre a narrativa do Boto de sua comunidade, e que, a partir dessa história coletada, transformou-a num roteiro, ou seja, em falas de personagens para que fossem inseridos nos dez quadrinhos. O material construído por intermédio da roteirização proposta nessa abordagem, integrou as duas páginas da revista sobre A Lenda do Boto.

**A LENDA DO BÔTO**  
Por Benito CasançãoBezerra, 55 anos

Pesquisa: Maria Eduarda  
Local: Comunidade do Caburi de Baixo



Vou contar uma historia de uma lenda, que... A lenda do interior é que... É um boto vermelho. Então é assim, quando eu morava no Caburi, Caburi de baixo, nos tínhamos um vizinho que, também morava... Já sabe que vizinha mora perto da gente? Bom ele tinha uma filha que ela começou a dormir e gemia, e ia ficando magra, e ia ficando pálida. Bom conclusão, ai o pai dela disse... O outro vizinho falou pra ele, ele disse: olha rapaz ela em casa aconteceu o seguinte, a minha filha vivia assim. Nos fomos verificar que era um boto, um boto que tava perseguido ela, e queria ela de qualquer maneira. Bom, ai tudo bem, ai ele contou: - Ah mulher! O vizinho me falou, que esse boto vermelho aparece , ele é uma lenda, ele aparece na figura de um homem. E vamo procurar saber, vamo procurar vê.

Numa noite, tava um luar que uma beleza, ai ele foram e se esconderam no caminho do porto, ai quando olharam aquele homem todo de branco de chapéu na cabeça.

- Rapaz, lá vem o homem, lá vem o homem!

Passou por eles, ai demorou pra lá, demorou... ai lá vem de volta, lá vem ele. Passou, e como eles estavam armado com a astia, ai eles arpoaram, arpoaram e foi aquele barulho danado, TIMBUM na água e procuraram e não conseguiram naquele horário da noite chegaram lá e conversaram lá.

Esse boto quer levar alguma cunhatã daqui, alguma da nossa filha.

Quando foi de manhã eles saíram pra pescar e o boto tava morto com a astia, o arpão, ai eles falaram:

Olha homem, o que aparecia pra nossa filha.

Figura 23 - Narrativa oral: A Lenda do Boto (2018)

**ROTEIRO**

Filha: Pai, me conta uma história?  
Pai: Tudo bem, mas você vai ter que dormir.

Pai: Há uns 20 anos, o bôto começou a encantar todas as noites uma menina lá do Caburi, mas seus pais não sabiam o que estava acontecendo com sua filha.

Pai: Foi então que o vizinho dela ficou preocupado e falou para o pai dela que poderia ser o bôto que estava fazendo isso.

Pai: Ao ouvir isso ele correu para a sua casa

Pai da menina encantada: Mulher! o vizinho disse que a nossa menina pode estar sendo encantada pelo bôto.

Mãe da menina encantada: Tá maluco homem! Esse tal de bôto não existe!

Pai: Então ele esperou a filha dormir. É, como havia acontecido antes, ela levantou-se sonâmbula e foi em direção a beira do rio, ele a seguiu e se escondeu atrás de uma pedra.

Pai da menina encantada: Meu Deus do céu, não é que ele existe mesmo!!!

Pai: No dia seguinte ele contou tudo para sua esposa.

Pai da menina encantada: Eu vi! Era ele.

Mãe da menina encantada: Ele quem, homem?

Pai da menina encantada: O bôto assim que ele saiu da água, ele virou homem!

Pai: Então eles tiveram uma ideia.

Pai da menina encantada: Hoje, assim que ela for se encontrar com ele, eu levo o arpão e mato aquele miserável!!

Pai: Foi dito e feito! Assim que anoiteceu, eles seguiram a menina até a beira do rio, e quando aquele homem menos esperava, o pai dela lançou o arpão em sua costa.

Pai: Assim que ele o mataram, a menina saiu do encanto. Eles foram para casa e no dia seguinte voltaram ao local, mas, a única coisa que viram foi o chapéu que ele usava e um bôto morto na praia.

**Fim**

Figura 24 - Roteiro (2018)

**A lenda do Bôto**

TUDO BEM, MAS VOCÊ VAI TER QUE DORMIR. PAI, ME CONTA UMA ESTÓRIA?

HÁ UNS 20 ANOS, O BÔTO COMEÇOU A ENCHANTAR, TODAS AS NOITES, UMA MENINA LÁ DO CABURI, MAS SEUS PAIS NÃO SABIAM O QUE ESTAVA ACONTECENDO COM SUA FILHA.

FOI ENTÃO QUE O VIZINHO DELA, FICOU PRECUPADO E FALOU PARA O PAI DELA QUE PODERIA SER O BÔTO QUE ESTAVA FAZENDO ISSO.

AO OUVIR ISSO, ELE CORREU PARA A SUA CASA.

MALUCO VIZINHO DISSE QUE A NOSSA MENINA, PODE ESTAR SENDO ENCHANTADA PELO BÔTO.

TÁ MALUCO HOMEM! ESSE TAL DE BÔTO NÃO EXISTE!

ENTÃO ELE ESPEROU A FILHA DORMIR. É, COMO HAVIA ACONTECIDO ANTES, ELA LEVANTOU-SE SONÂMBULA E FOI EM DIREÇÃO A BEIRA DO RIO, ELE A SEGUIU E SE ESCONDEU ATRÁS DE UMA PEDRA.

MEU DEUS DO CÉU! NÃO É QUE ELE EXISTE MESMO!

NO DIA SEGUINTE ELE CONTOU TUDO PARA A SUA ESPOSA.

EU VI! ERA ELE.

ELE QUEM HOMEM?

O BÔTO, ASSIM QUE ELE SAIU DA ÁGUA ELE VIROU HOMEM!

ENTÃO ELES TIVERAM UMA IDÉIA.

HOJE ASSIM QUE ELA FOR SE ENCONTRAR COM ELE, EU LEVO O ARPÃO E MATO AQUELE MISERÁVEL!

FOI DITO E FEITO! ASSIM QUE ANOITECEU, ELES SEGUIRAM A MENINA ATÉ A BEIRA DO RIO, E QUANDO AQUELE HOMEM MENOS ESPERAVA, O PAI DELA LANÇOU O ARPÃO EM SUA COSTA.

ASSIM QUE ELES O MATARAM, A MENINA SAIU DO ENCANTO. ELES FORAM PARA CASA E NO DIA SEGUINTE VOLTARAM AO LOCAL, MAS, A ÚNICA COISA QUE VIRAM FOI O CHAPEU QUE ELE USAVA E UM BÔTO MORTO NA PRAIA.

Figura 25 - Páginas da Revista: A Lenda do Boto (2018)

A partir dessa exemplificação, o instrutor pediu para cada participante construísse a sua própria história em quadrinhos e que tivesse relacionada com imaginário amazônico da comunidade que eles moravam, ou seja, o Macurany. Primeiramente, o participante iria ter que fazer uma coleta de narrativa, nesse caso, entrevistar alguém da família como: tios, avós, pais, parentes, e que a partir dessas narrativas fossem transformadas em roteiro para compor os quadrinhos desenhados.

### 2.3 OS PARTICIPANTES DA OFICINA COMO INTERLOCUTORES DA MATERIALIDADE DAS NARRATIVAS ORAIS

Durante a realização das palestras, percebi o entusiasmo dos participantes em cada detalhe que era explanado, diante dos assuntos abordados por parte dos instrutores da oficina. Notei como se desencadeava o pleno processo criativo de cada um deles, uma vez que rabiscavam os seus sentimentos e próprias emoções com base na arte. Aproveitei o momento para convidá-los a fazerem parte da produção de uma revista de Histórias em Quadrinhos sobre as narrativas orais da comunidade.

Dentre os inúmeros participantes que aceitaram o convite para esta produção, quatro alunos pertenciam à escola da própria comunidade e um estudava numa instituição de ensino, situada na zona urbana da cidade. Na ocasião, expliquei como seria todo o procedimento, como os mesmos contribuiriam para a materialização deste estudo posto em discussão. Informei que o processo produtivo estaria baseado na minha experiência anterior, citado no segundo capítulo, porém, os alunos pertencentes à Escola Estadual Suzana de Jesus Azêdo fizeram parte da composição inicial do projeto.

Orientei a cada participante que procurasse produzir uma história em quadrinhos a partir de uma narrativa coletada dentro da comunidade referente ao Macurany, haja vista que os registros das informações ocorreram no próprio seio familiar num período atípico. Estávamos em meio a uma crise pandêmica iniciada em 2020, a Covid-19, a qual se propagou pelo mundo e que continua a assolar toda sociedade de um modo geral. Com as informações adquiridas na casa de cada aluno, fui capaz de conduzir a oficina com toda segurança pedida naquele instante, pois as recomendações dos órgãos competentes de saúde levavam o isolamento social.

Para que eu pudesse iniciar meus trabalhos sob as narrativas comunitárias, busquei uma alternativa viável em relação à questão procedimental contida no contexto do projeto. Pressupondo que as entrevistas individuais com os familiares são

ferramentas fundamentais para o desenvolvimento dos aspectos ligados à imaginação das comunidades ribeirinhas.

### 2.3.1 Escola Municipal Santa Luzia do Macurany

Segundo dados da secretaria da Escola Municipal Santa Luzia do Macurany, surgiu no final da década de 70, pela necessidade que os jovens da comunidade tinham de estudar e se deslocarem até a cidade. Nessa época, a estrada era cercada de matas e oferecia riscos aos mesmos, precisando de uma alternativa para que todos tivessem acesso à educação. A partir daí, foi doado um terreno pelo o Senhor, Ely de Melo Azedo, em 1979, com a finalidade de construir a escola para a comunidade. Foi então que, em 1980, o prefeito da época, Raimundo Reis Ferreira, construiu 01 sala de aula, com corredor, 01 cozinha e 01 depósito, e, no dia 24 de agosto de 1980 começou a funcionar definitivamente o espaço escolar. O estabelecimento passou por várias reformas com o passar dos anos, através dos gestores municipais.

No ano de 2018, na gestão do prefeito Frank Luiz da Cunha Garcia foi construída uma nova escola, com mais de 5 salas de aula, laboratório de informática, refeitório, banheiros com acessibilidade, secretaria, diretoria, sala de professores, biblioteca e estacionamento. Atualmente, a escola trabalha com 02 modalidades de Ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1º ao 9º Ano, atende alunos da Comunidade, Residencial Vila Cristina e áreas adjacentes. A escola tem como cores, azul, branco e vermelho, com referências as cores da Padroeira da Comunidade.

A escola segue um modelo padrão adotado pelas demais instituições de ensino, o que permitiu oferecer aos alunos espaços mais amplos e climatizados para melhor desenvolverem o processo de ensino-aprendizagem. Com isso, foram destinados lugares mais adequados de aplicação das oficinas, possibilitando resultados mais precisos dentro das propostas trazidas para a apreciação dos alunos e, posteriormente, comunitárias. Enfatizaram-se as narrativas como ponto central de início das atividades, que contou com a participação de parceiros importantes para o dimensionamento das ideias estabelecidas em torno do assunto posto em discussão.



Figura 26 - Escola Municipal Santa Luzia do Macurany

### 2.3.2 As Narrativas Orais

A importância das narrativas pelos comunitários tem como sugestão principal o imaginário amazônico, posteriormente transposto, entre o fantástico e o maravilhoso. As memórias preservadas pelos entrevistados foram aspectos fundamentais dentro desse processo de criação do imaginário amazônico e as HQ's. A partir de então, as ideias expostas serviram de composição deste trabalho, constituindo bases para a etapa relacionada à consolidação das histórias obtidas a campo. Esses mecanismos passaram por alguns procedimentos através dos relatos, como a pintura em 5 telas. Em seguida, elaborou-se uma revista com a reunião de todas as narrativas presentes neste estudo.

Para melhor compreensão do assunto, os cinco participantes realizaram suas coletas de narrativas em lugares mais conhecidos da comunidade do Macurany, na intenção de apresentarem a localidade em que vivem, como o Balneário Regaço Ecológico, o Campo de Futebol do Macurany, o Lago do Parananema, a Igreja de Santa Luzia do Macurany e a Área de preservação do Castanhal. Com o auxílio do gravador de um celular, cada participante entrevistou um parente mais próximo em seu seio familiar, instigando as memórias guardadas e preservadas ao longo do tempo.

Tais feitos serviram como um suporte essencial para a materialização de cada fenômeno colhido pelos participantes, onde buscou-se analisar o conteúdo a fim de alcançar a real intenção em torno do objeto investigado. Por meio de relatos obtidos entre moradores, se conheceu de forma mais aprofundada os grandes mistérios

lendários e fabulosos de seu local de origem. A partir daí, sobressaem as mais interessantes entrevistas baseadas em histórias permeadas de um imaginário caboclo e indígena, pois o pertencimento é algo bastante representativo dentro de uma comunidade ou de um contexto social e cultural.

Por constituir uma riqueza baseada na diversidade de situações vivenciadas por quem vive na área há muito tempo, podemos vislumbrar fenômenos inimagináveis encontrados na vastidão do imaginário amazônico contida no povo deste lugar. Essas histórias permitem fazer uma transição extraordinária entre o maravilhoso e o sobrenatural, uma vez que é dada importância para a oralidade neste estudo. A transmissão de informações é realizada de geração em geração, conservando a manutenção dos elementos representativos e de muitas superstições e fantasias que habitam o cotidiano específico desta população.

A perpetuação dos relatos enriquece e, ao mesmo tempo, enaltece a cultura local através do encantamento causado por quem ouve ou repassa as narrativas, as quais estão tão presentes, principalmente na memória coletiva, a principal fonte de sabedoria guardada como herança social de pessoas ricas e criativas. Dentre as principais narrativas, destacam-se as seguintes.

## Os Rios Negro e Solimões

Por: Maria Lurdes Silva Ribeiro, 76 anos.

Pesquisa: Layne Ribeiro Graça, 10 anos - 5º ano.

Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.



Figura 27 - Participante entrevistando sua avó no Balneário Regaço Ecológico  
Fonte: Layne Ribeiro (2021).

Layne: Dona Maria, a senhora conhece alguma história (narrativa oral) sobre o imaginário amazônico na comunidade do Macurany?

Maria Lurdes: — Sim, eu sei uma história que os mais antigos me contaram. Falaram uma vez do Rio Negro e Solimões.

Um dia, houve no céu grandes trovões e saraivadas de fogo, que foram presenciadas por todo planeta. Era o nascimento de dois grandes guerreiros, que eram tão formosos, um mais valente que o outro; e, ao mesmo tempo, eram tão bonitos que os povos indígenas ficavam encantados com eles.

Eles eram tão belos, mas tinham cores diferentes, por exemplo, o que era moreno como a noite, foi chamado de Negro; o outro, que era quase branco como a cor do barro, chamaram de Solimões.

Viviam sempre juntos, eram tão unidos que viviam para defenderem as tribos indígenas da inveja de um grande feiticeiro de uma tribo distante.

O feiticeiro criou mentiras, indo até Solimões e dizendo:

— Os povos indígenas preferem o Negro, pois ele é tão corajoso, forte e não teme nada. Suas conversas são transparentes e seu jeito é calmo e belo.

— Não é como você, Solimões, que vive agitado e nunca fica calmo.

— O Negro, fala que você é muito falso!

O Solimões ficou tão bravo contra o Negro, por ter falado mal dele; logo ele, o melhor amigo que tivera durante toda a vida. Ele ficou muito zangado, tanto que jurou:

— Vou matar ele e a todos que falaram mal de mim, logo eu, que sempre ajudei a todos com força e coragem.

O feiticeiro saiu rindo, e foi lá com o Negro e falou mal do Solimões:

— Teu amigo está furioso contra você, é que ele acredita no que dizem.

— Ele disse que você é mesmo, muito metido!

Negro saiu triste e disse que ia procurar seu amigo para conversar, atracou-se com ele e o atacou, rolando pelo o chão. Era chute e murro por toda a parte, numa luta quase sem fim.

Negro, como sempre calmo, dizia:

— Amigo, eu te amo, vamos parar com essa luta! Ainda que eu morra, você sempre será o meu melhor amigo que tive.

— Nossa amizade é eterna, sempre vamos ser amigos e unidos para sempre; tudo isso é fofoca daquele feiticeiro.

— Que veio aqui destruir nossa amizade! Solimões parou, e chorou tanto com seu amigo Negro, que suas lágrimas encheram os rios. O feiticeiro viu que seu plano não tinha dado certo e ficou muito zangado, pois não pode fazer nada com a amizade dos dois amigos. O feiticeiro viu negro estar ferido e Solimões sangrando.

Solimões lamentava muito porque via seu amigo agonizar; e, já sem forças pedindo perdão por duvidar da sua amizade. Negro, quase sem força, dizia:

— Você sempre será o meu melhor amigo!

Os dois se abraçaram e sangraram até morrer.

Os índios, orientados pelo pajé colocaram os corpos na água, os quais se transformaram em dois grandes rios. Batizaram-nos como rio Negro e Solimões, conhecidos pelo encontro das águas, onde as águas não se misturam. Além de serem os dois maiores rios do Amazonas, este é o local do encantamento eterno. Hoje, os rios encantam os turistas com suas belezas naturais, sendo lembrados pela fantástica luta de uma amizade que resistiu até a morte.

FIM.

## As Cobras do Parananema

Por Inês Cândido da Silva, 53 anos.

Pesquisa: Iasmin Cris Silva Mendonça, 12 anos - 6º ano.

Escola Municipal Santa Luzia do Macurany



Figura 28 - Participante entrevistando sua mãe no campo do Macurany

Iasmin Cris Silva Mendonça: Dona Inês, a senhora conhece alguma história (narrativa oral) sobre o imaginário amazônico na comunidade do Macurany?

Dona Inês: — Sim, a história das Cobras do Parananema.

Antigamente, aqui no Parananema, nas proximidades do Campo Grande, hoje conhecido como Areal; tinha uma casa bem feita de assoalho e coberta de palha branca, onde morava um casal que não possuíam filhos.

Tinham um belo campo onde os bois pastavam, servindo também para a criação de galinhas e porcos. Uma bela noite de luar estavam dormindo, quando ouviram um assobio fino e forte que parecia “vim” de muito longe.

Então, resolveram ver o que havia acontecido, então pegaram a lanterna e acenderam-na para verificar de onde vinha o assobio. Neste exato momento, resolveram pegar também o rifle

(espingarda), quando se depararam com duas imensas cobras que estavam enroladas neles.

Com a lanterna acesa, pegaram um terçado e saíram pela mata adentro até chegarem na estrada, visto que esta era a única alternativa para pedirem ajuda na cidade. Ao chegarem ao quartel de polícia chamaram vários homens armados para que verificassem o ocorrido, pois ao chegarem na comunidade as cobras tinham ido embora.

Assim, que partiram da propriedade onde morava o casal, as serpentes deixaram uma grande lisura e um terrível pitiú. Os donos foram obrigados a venderem as suas terras, deixando tudo para trás, embora, fosse um local muito bonito temiam que as cobras voltassem para lhes fazerem mal.

FIM.

## A Sereia do Lago Parananema

Por Onildo Souza Batista, 52 anos.

Pesquisa: Emily Souza Batista, 17 anos - 9º ano.

Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.



Figura 29 - Participante entrevistando seu pai no Lago Parananema

Emily Souza Batista: — Seu Onildo, o senhor conhece alguma história (narrativa oral) sobre o imaginário amazônico na comunidade do Macurany?

Onildo Souza Batista: — Sim, como eu nasci e me criei aqui na comunidade, eu conheço algumas histórias. Eu lembro que quando tinha uns oito anos de idade, mas ali na frente no Rio Parananema, tinha um pedral grande, assim como uma laje. Lá aparecia uma sereia com os cabelos pretos bem compridos e, muito bonitos; era uma bela morena com um rabo de peixe.

Quando era meio-dia, eu e outras crianças do meu tempo, íamos lá só para ver essa sereia; eu conto isso, porque eu vi com os meus próprios olhos. Uma vez, fomos lá ver a tal sereia, ela estava cantando, mas tratamos de voltar correndo para casa. O meu pai sempre falava que não prestava ouvir o canto de sereia, porque quem ouvisse ficava encantado pelo resto da vida. Era a forma que ela encontrava para levar as pessoas, para morar no fundo rio encantado com ela.

FIM.

## O Encantado Marinho

Por Tereza Azevedo Costa, 71 anos.

Pesquisa: Yan Gabriel de Azevedo Castro, 6º ano do Ensino Fundamental.

Local: Comunidade do Macurany.



Figura 30 - Participante entrevistando sua mãe em frente à Igreja de Santa Luzia do Macurany

Numa comunidade chamada Santa Maria do Mamuriacá, pertencente à cidade de Nhamundá, localizada próxima a Parintins, situa-se a famosa Ilha das Icamíabas. Nesta localidade, existe uma lenda assustadora contada pelos moradores da região, o qual o autor principal dessa história o famoso “Encantado Marinho;” o dono das águas da região. Marinho foi o nome que recebeu de sua mãe ao nascer, ele impera no lago entre a comunidade do Santa Maria do Mamuriacá até a comunidade de Santo Antônio do Mamuriacá. O Encantado Marinho nasceu como um bebê humano normal, quando sua mãe completou 37 dias após seu nascimento. A grávida teve uma hemorragia intensa, fato considerado como muito grave na época do ocorrido, visto que não havia nenhum tipo de recursos ou transportes além da canoa. Junto de seu filho

recém-nascido e seu esposo, seguiram rumo a Nhamundá; por ser o único lugar mais próximo para se conseguir medicamentos. Ao se aproximarem de uma cabeceira próxima a comunidade de Santo Antônio do Mamuriacá, uma grande tempestade inesperada os surpreendeu. Este acontecimento descrito era carregado de um crescente fenômeno da natureza cercado de um elemento simbólico misterioso, o qual se faz presente na forma de ventos fortes nunca vistos por aqueles ribeirinhos daquela região.

Remaram com todas as suas forças para chegarem até a margem do lago, mas os ventos fortes e a neblina confundiram a visão deles, os levando para o meio do lago. O fantástico episódio é marcado por uma triste ocorrência aliada a uma forte onda que virou a canoa com o casal e seu bebê recém-nascido com 37 dias; em que o esposo conseguiu virar a canoa de bruços. Nesse incidente, estavam juntos a ele, a esposa e o recém-nascido nos braços e, ninguém mais que os pudesse ajudar. Não podiam ficar ali com toda aquela grande tempestade que não cessava, contudo, a consistência dos ventos não permitia colocar a canoa na posição correta. Então, o pai disse: — Mulher segure-se nas beiradas da canoa que irei tentar chegar até a margem do lago pedir ajuda, que sozinho não consigo levá-la com o nosso bebê em segurança.

Então, após o incidente o pai da criança seguiu em busca de ajuda. Segundos depois, voltou um homem idêntico ao esposo e pediu seu bebê, desesperada com o ocorrido a mulher entregou o bebê ao suposto esposo. Num curto espaço de tempo, seu real esposo voltou e pediu o bebê, foi aí então, que perceberam que tinha acontecido um inusitado fato. O fenômeno espantoso vivenciado pela mulher culminou com o abrandamento da tempestade, que por milagre se desfez após a criança ser levada pelo estranho. Essa circunstância deu margem para o surgimento de um ambiente de discussão entre o casal, onde a esposa afirmava com convicção que tinha entregado seu bebê ao seu esposo, e o mesmo, negava. No dia seguinte, juntaram um grande “puxirum,” formado por um grupo constituído de muitas pessoas com o único objetivo de encontrar o corpo do bebê.

Não conseguiram encontrá-lo, mas usavam arrastões de pesca e não obtiveram o tão sucesso almejado, cuja única coisa que acharam foi à toquinha e a camisolinha do bebê; que ficou pendurada no araçazeiro. Após 7 anos do acontecido, o menino veio no sonho de sua mãe e, contou que havia acontecido; pedindo-lhe para que ela não se preocupasse com ele. De acordo com o menino, ele estava bem num lugar lindo e não sofrera com o acontecido, pois havia se tornado o guardião das águas deste mesmo rio que o acometera do assustador naufrágio. Todos teriam que respeitá-lo ou sofreriam com as consequências, por não se tratar de um menino normal como os demais. Mas, especificamente trata-se de um ser maravilhado,

que habita os rios daquela área. Hoje, muitos já foram vítimas desse ser encantado que paira no reino abissal do conhecido como lago do Mamuriacá, região de Nhamundá. Esta localidade é muito temida pelos moradores da região, porém, é o berço desta fantástica narrativa sobre o famoso “Encantado Marinho.” FIM.

## O Bicho Folharal do Macurany

Por José Domingos Ferreira de Souza, 60 anos.

Pesquisa: Vinícius Caldas de Andrade, 14 anos - 9º ano.

Escola Estadual São José Operário.



Figura 31 - Participante entrevistando seu tio na área de preservação das castanheiras

Vinicius: Seu José Domingos, o senhor conhece alguma história (narrativa oral) sobre o imaginário amazônico na comunidade do Macurany?

— Sim, eu sei uma história que a Dona Inêz me contou. Ela me falou que há muito tempo aconteceu um fato interessante na estrada da Comunidade do Macurany.

Contavam que a partir das 18 horas não era aconselhado andar pela estrada com o medo de ser perseguido pelo Bicho Folharal, o qual assustava as pessoas. Ele saía correndo atrás de quem se atrevesse a passar em horário impróprio, várias foram às pessoas que essa visagem judiou. O lugar recorrente para o aparecimento deste ser encantado ficava bem próximo a lugar

conhecido como “Curva da Cristina;” um balneário muito conhecido por ser um riacho de águas correntes que atravessam de um chavascal até o denominado Campo Grande. Então, quem passasse de noite, ignorando as advertências dos mais velhos levava carreira do bicho.

O senhor Januário Costa pertencente à comunidade do Parananema, é conhecido como Januca, tem uma baixa estatura física, é corajoso e de poucas palavras. Segundo informações prestadas pelo morador, este resolveu conhecer o Bicho Folharal quando fez uma viagem para a cidade. Mas, foi precavido com um punhal bem afiado dos dois lados como medida segura de prevenção, caso encontrasse a visagem.

Chegando lá no local, o Senhor Januca não se intimidou e se aproximando, falou:

— Venha, seja quem for, que hoje vamos tirar nossas diferenças. Então chegando perto do bicho, puxou o punhal da cintura e meteu pela folhagem adentro, para alcançar a barriga do bicho. Num grande salto o bicho, gritou!

— Não me fure, seu Januca, sou eu quem assustava as pessoas que passavam por aqui.

— Então, em vez de seu Januário correr, o Bicho Homem que correu dele. Então, todos ficaram sabendo que não existia Bicho Folharal nenhum.

Fim.

### 2.3.2 Produção de Roteiros e Desenhos

A partir das nas narrativas coletadas, os participantes produziram os roteiros e os desenhos, os quais se propuseram a investigar durante todo o processo de criação do imaginário baseado nas vivências comunitárias. Através de duas folhas de papel A4, criaram a partir de suas imaginações, os cenários e os personagens de cada narrativa, coletada por eles. Fizeram os desenhos em dez quadrinhos, seguindo o roteiro da história. Em cada quadro desenhado, uma riqueza de informações é transmitida cuidadosamente, para que seja determinada a interpretação do conto narrado. Assim, eles materializaram suas narrativas orais por meio do aspecto visual contido nos quadrinhos.

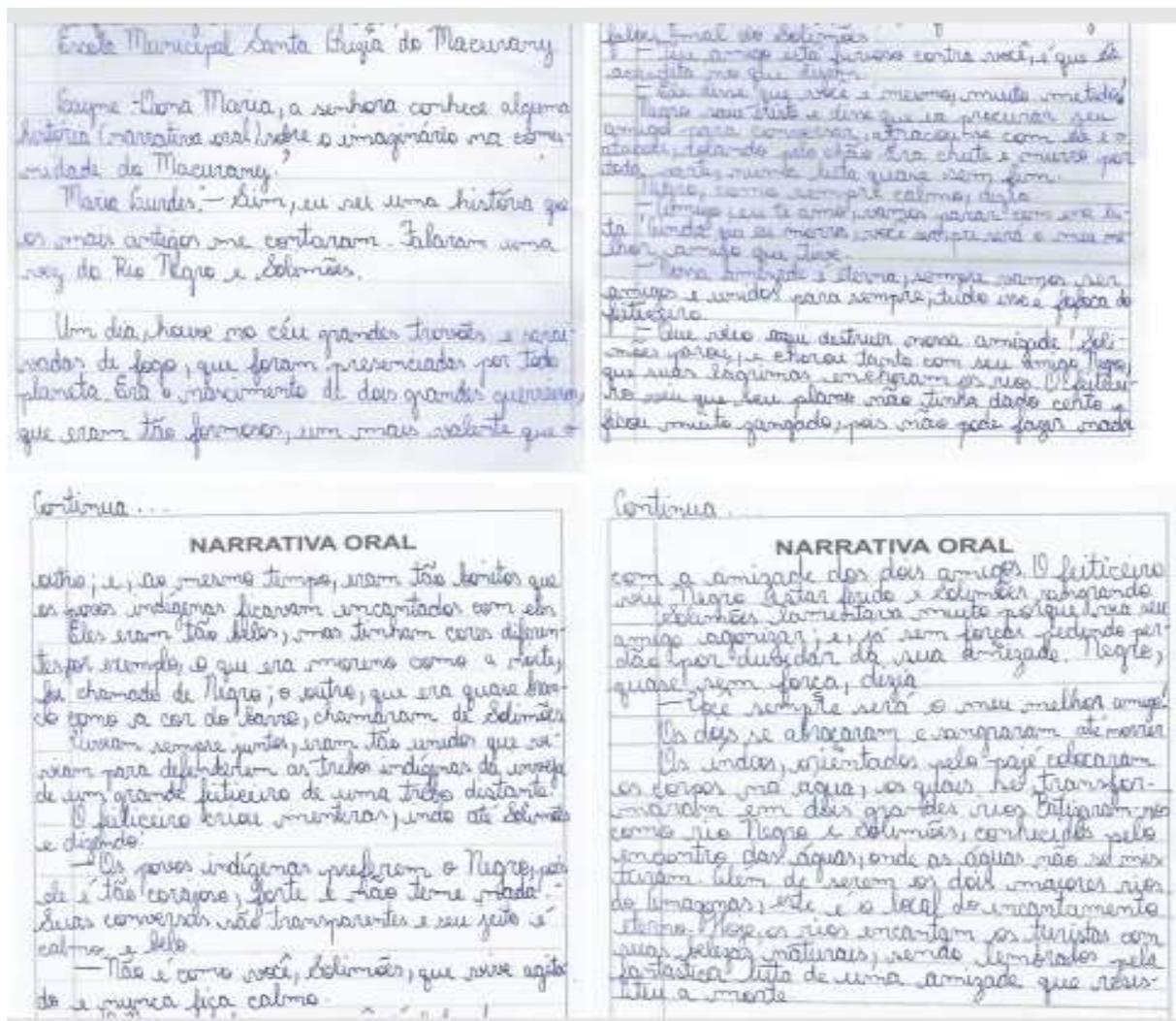


Figura 32 - Narrativa oral coletada: Rio Negro e Solimões e produção de roteiro

ROTEIRO	ROTEIRO
<p>1. Um dia houve no céu, trovozes e raras trovoadas de fogo, por todo o planeta.</p> <p>2. Era o nascimento de dois grandes guerreiros, os quais desceram os povos indígenas encantados.</p> <p>3. O moreno, era o Negro; o branco, era o Solimões. Defendiam as tribos contra a inveja de um feiticeiro gíral.</p> <p>4. Para causar desunião, o feiticeiro criou mentiras. Indo até Solimões, disse-lhes:</p> <p>5. Os povos indígenas preferem o Negro, porque ele é mais corajoso.</p> <p>- Não é como você, Solimões, que vive agitado.</p> <p>- O Negro fica falando que você é falso.</p> <p>6. Quando Solimões viu Negro, não quis conversar e, lutou com ele.</p> <p>7. Longe, Negro, quase sem for-</p>	<p>ca, dizia:</p> <p>- Por que das invejas ao feiticeiro? - Tece é o meu melhor amigo!</p> <p>8. Os dois se abraçaram e sangraram até a morte.</p> <p>9. Os índios colocaram os corpos na água, tornando os Rio Negro e Solimões.</p> <p>10. Hoje, os dois fazem parte do encontro das águas!</p> <p>Fim.</p>

Figura 33 - Narrativa oral coletada: Rio Negro e Solimões e produção de roteiro

NARRATIVA ORAL	ROTEIRO
<p><b>AS COBRAS DO PARANANEMA</b></p> <p>Antigamente, aqui no Paranana, não tinha ninguém que cuidava de tudo sozinho como agora; tinha uma casa com três irmãos e cobras de palha branca, onde moravam um casal que não possuía filhos.</p> <p>Tinha um belo campo onde os bois pastavam, cercado por um muro de alvenaria e porcos. Uma bela noite de luar estava um dormindo, quando ouviu um assobio e foi e ficou acordado um pouco longe.</p> <p>Então, resolveram ir ver quem havia montado, então pegaram lanternas e acenderam as para verificar de onde vinha aquele assobio. Quando chegaram perto, também ouviram o ritmo dos passos, quando se aproximaram com duas linguas cobras que estavam dançando.</p> <p>Com a lâmpada acesa, pegaram um tijolo e batiam pela noite dentro para poderem ajuar a cobra, visto que esta era a única maneira de matá-las rapidamente, depois disso que já estava ocorrendo, pois ao chegar na cama fugiu as cobras, não do medo.</p> <p>Assim, que partem do pântano do onde morava o casal, os serpentes deixaram uma grande fumaça e um terrível pitu. Os filhos ficaram obrigados a vir de cima das terras, deixando tudo paralisado em hora, teve um local muito bonito, temia que as cobras voltassem para lá fazerem mal.</p>	<p><b>ROTEIRO</b></p> <p>1. Mãe, me conta uma história?</p> <p>- Tinha uma...</p> <p>- Vou lhe contar uma narrativa contada pelo meu pai.</p> <p>2. Antigamente aqui no Paranana, não tinha ninguém que cuidava de tudo sozinho como agora; tinha uma casa com três irmãos e cobras de palha branca, onde moravam um casal que não possuía filhos.</p> <p>3. Tinha um belo campo onde os bois pastavam, cercado por um muro de alvenaria e porcos.</p> <p>4. Uma bela noite de luar estava um dormindo, quando ouviu um assobio e ficou acordado um pouco longe.</p> <p>5. Levantaram-se rapidamente a o quanto-pouco para ver quem havia montado, então pegaram lanternas e acenderam as para verificar de onde vinha aquele assobio. Quando chegaram perto, também ouviram o ritmo dos passos, quando se aproximaram com duas linguas cobras que estavam dançando.</p> <p>6. Com a lâmpada acesa, pegaram um tijolo e batiam pela noite dentro para poderem ajuar a cobra, visto que esta era a única maneira de matá-las rapidamente, depois disso que já estava ocorrendo, pois ao chegar na cama fugiu as cobras, não do medo.</p> <p>7. Assim, que partem do pântano do onde morava o casal, os serpentes deixaram uma grande fumaça e um terrível pitu. Os filhos ficaram obrigados a vir de cima das terras, deixando tudo paralisado em hora, teve um local muito bonito, temia que as cobras voltassem para lá fazerem mal.</p>

Figura 34 - Narrativa oral coletada: As Cobras do Paranana e produção de roteiro

NARRATIVA ORAL	ROTEIRO
A Sereia do Lago	1 - PAI, ME CONTA UMA HISTÓRIA?
<p>Como eu nasci e me criei aqui na comunidade, eu conheço algumas histórias. Eu lembro que quando tinha um mês anos de idade, mas ali na fonte no rio Parananema, tinha um pedral grande, assim como uma laje. Lá aparecia uma sereia com os cabelos pretos, longos e compridos e, muito bonitos; era uma bela moçona com um cabelo de peixe. Quando era muito pequena e eu e outras crianças do meu tempo, já nos lá só para ver essa sereia; eu conto isso, porque eu vi com os meus próprios olhos. Uma vez fomos lá ver a tal sereia; ela estava cantando mas tratamos de voltar correndo para casa. O meu pai sempre falava que não prestava ouvidos à conta de sereia, porque em algum dia ela encantaria pelo resto da vida em forma que ela encontrava para levar as pessoas, para morar no fundo do rio encantado.</p>	<p>- SIM. VOU CONTAR A HISTÓRIA DA SEREIA DO LAGO PARANANEMA.</p> <p>2 - EU E OS MEUS IRMÃOS, JÁ MES DO DIA DO DIA DA PARANANEMA.</p> <p>3 - FOI QUANDO AVISTAMOS UMA SEREIA EM CIMA DE UMA PEDRA, QUE ESTAVAM NA BEIRA DO LAGO.</p> <p>4 PASSAVA TODO O CORPO DELA, COMO DE PEIXE, COM OS BEM PRETO. ELA ERA MUITO LINDA.</p> <p>5 - CONTAMOS PARA O TAVÃO? - ELE DISSE MAS NÃO OUVIR E CONTAR DA SEREIA.</p> <p>- MAS PORQUÊ PAI?</p> <p>6 - NÃO SEI MINHA FILHA! - ELE NUNCA EXPLICOU O PORQUÊ DA GENTE NÃO PODER ESPERAR COM O DELA.</p> <p>7 - MAS, ELA NUNCA FEZ NADA PARA NINGUÉM?</p> <p>8 - OS ANTIGOS CONTAM QUE ELA MORAVA NO FUNDO DO RIO. QUEM A OUVISSE CANTAR, FICAVA ENCANTADO E SERIA LEVADO PARA O FUNDO DO LAGO.</p> <p>10 ENTÃO, ESSA É A HISTÓRIA DA SEREIA DO LAGO PARANANEMA. - SIM, MINHA FILHA!</p>

Figura 35 - Narrativa oral coletada: A Sereia do Lago Parananema e produção de roteiro



## NARRATIVA ORAL

### O Bicho Folhal

Contavam que a partir das 18 horas não era permitido andar pela estrada, com o medo de ser perseguido pelo Bicho Folhal, o qual assistiam as pessoas de uma corrente atrás de quem se adiantava a partir em direção a qualquer lugar, várias pessoas em grupos que não se afastavam do lugar recorrente para o apartamento desta ser encontrada se não bem próximo a lugar conhecido como "Linha de Botão", onde havia muita confusão por ser recator de lugares onde se achavam de um chavascal ali o denominado Campo Verde.

Dizem quem passava de noite, ignorando as advertências dos outros, havia certeza do Bicho.

O senhor Joaquim Costa, pertencente à Comunidade de Bom Jesus, é um dos seus filhos, tem uma loja de artigos finos, e sempre se dá para ver um "Bicho" pedindo pela manhã, ali havia outros bichos folhais, mas foi uma viagem para cidade, não foi possível um ou outro bicho, ali se tinha como muito apuro de presença, com a presença a viagem.

Chegando ao seu local, o Senhor Joaquim, não se lembrava e se que se lembra pelo:

• "Bicho", não quem foi, que foi sempre para quem de presença. Este chegou perto do bicho, quem o primeiro da cidade, o bicho pelo folhal, quando para chegar o bicho de bicho.

Não quem ali o bicho que foi!

• Não foi para os filhos, mas de quem assistem as pessoas que se lembram por aqui.

• Então há vez de se lembrar quem o Bicho homem que correu de lá, então, todo mundo sabe que não havia Bicho folhal nenhum.

## ROTEIRO

1. Há muito tempo atrás na estrada da comunidade de Bom Jesus, contavam que a partir das 18 horas da tarde não era aconselhável andar pela estrada.

2. Porque quem deixava passar, era perseguido pelo bicho-folhal que pega as pessoas quando se aproximam e corria atrás de quem passava por ali sem se dar conta.

3. O lugar que ali não ficava era próximo da igreja da Cristina, um fabricão muito conhecido por ter risco de inquirir correntes vindo de dentro de um edifício.

4. Então quem passava de noite, havia certeza de bicho folhal.

5. Há outros da comunidade de Bom Jesus, de nome Joaquim Costa, mais conhecido como um homem bom, sempre fazia, sempre, sempre sempre com um jornal quando não ali lá.

6. Seu Joaquim também conhecia o bicho folhal, ele sempre via a noite e sabia se não se a noite de presença para encontrar bicho.

7. Seu Joaquim não se lembrava, se o bicho folhal chegou ali quem foi, mas sempre havia um bicho.

8. Então, chegando perto do bicho, quem o primeiro da cidade e depois folhal e depois de quem o bicho de bicho, que não grande salto para.

9. Não foi para os filhos, mas de quem assistem as pessoas.

10. Então há vez de se lembrar quem o bicho folhal que corria para lá, então quem ali não havia bicho folhal nenhum.

Figura 37 - Narrativa oral coletada: O Bicho Folhal e produção de roteiro



Figura 38 - Participante construindo sua história em quadrinhos – o Conto do Rio Negro e Solimões

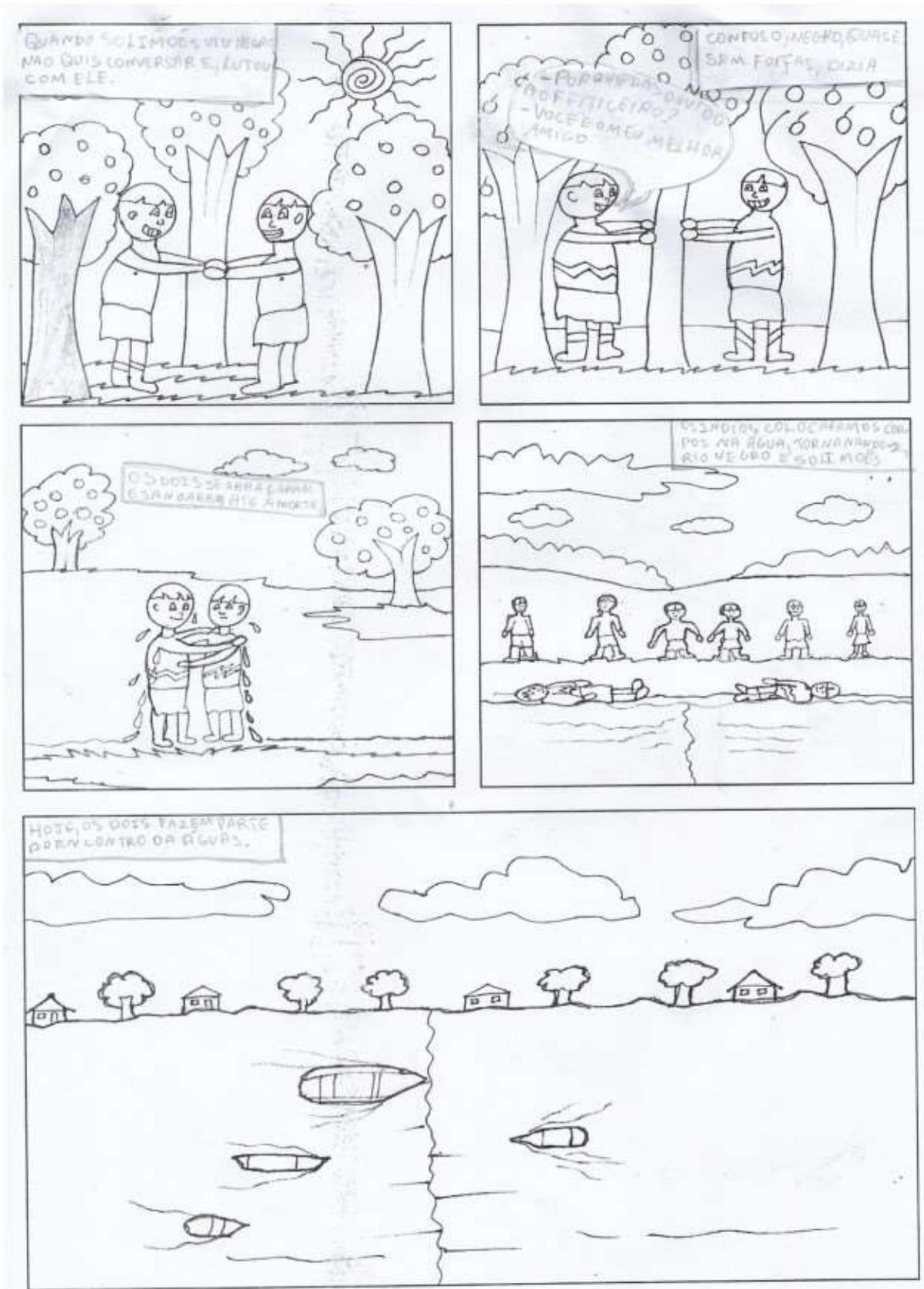


Figura 39 - Participante construindo sua história em quadrinhos – o Conto do Rio Negro e Solimões

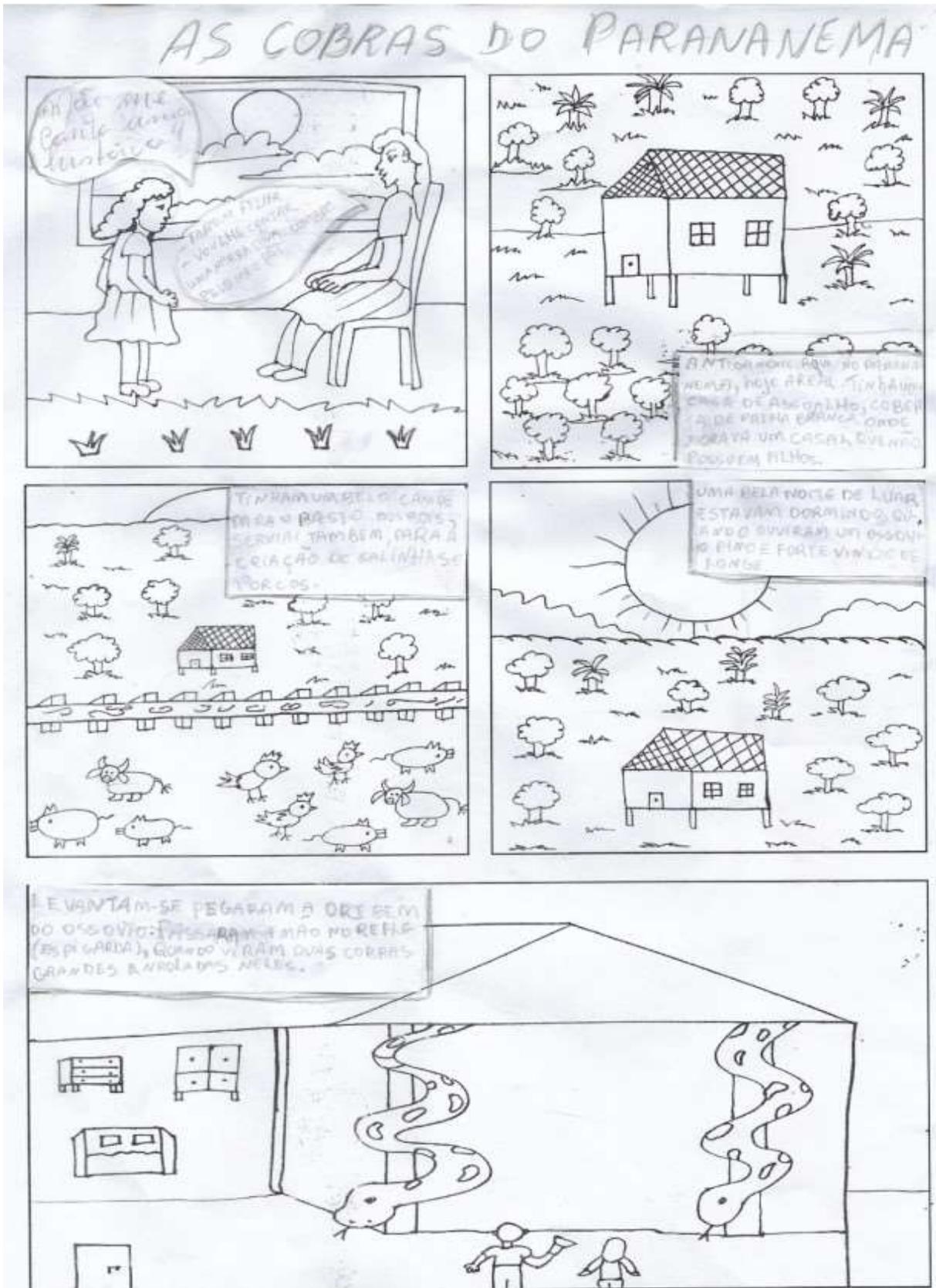


Figura 40 - Participante construindo sua história em quadrinhos – A Cobra do Parananea

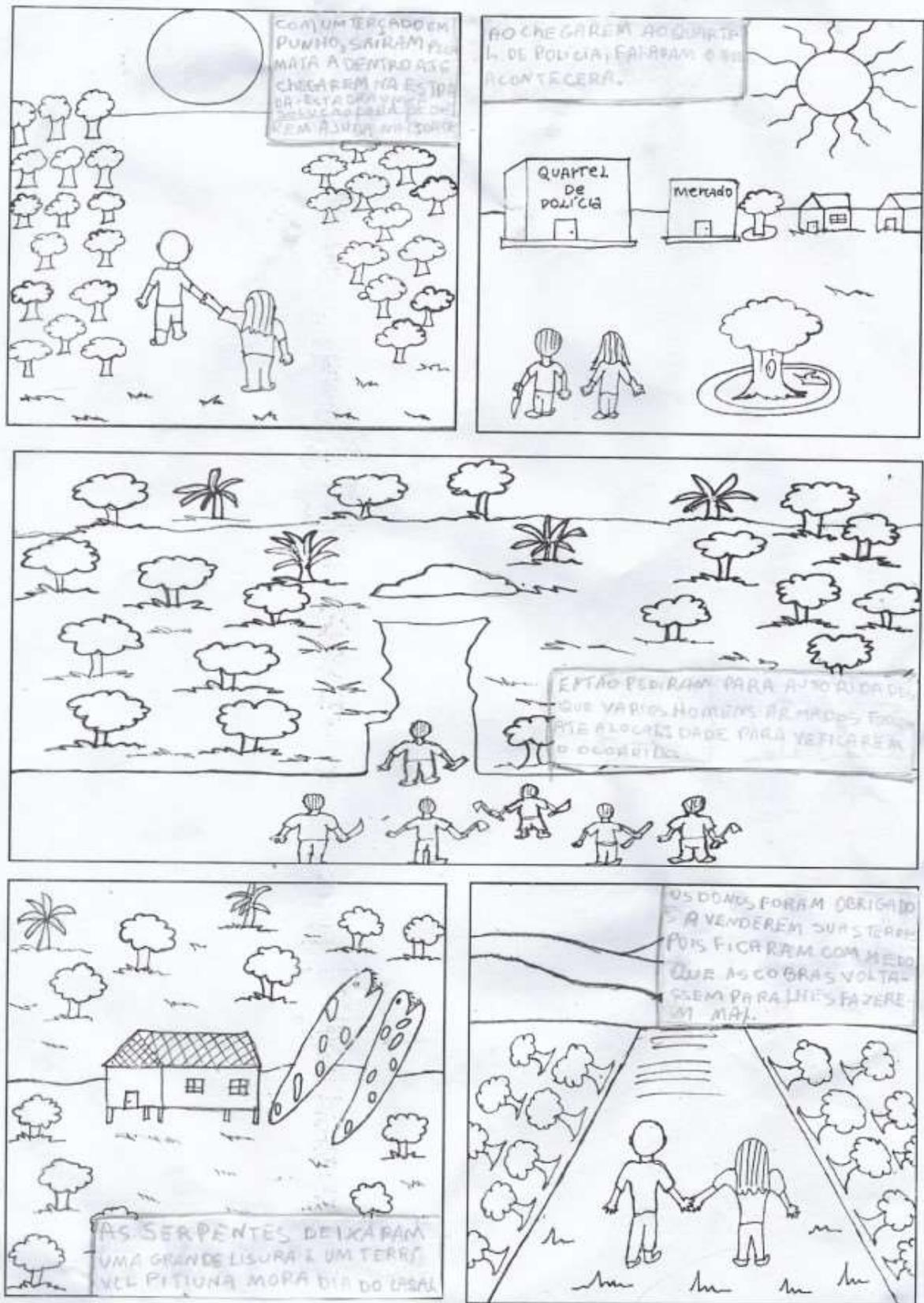


Figura 41 - Participante construindo sua história em quadrinhos – As Cobras do Paranema

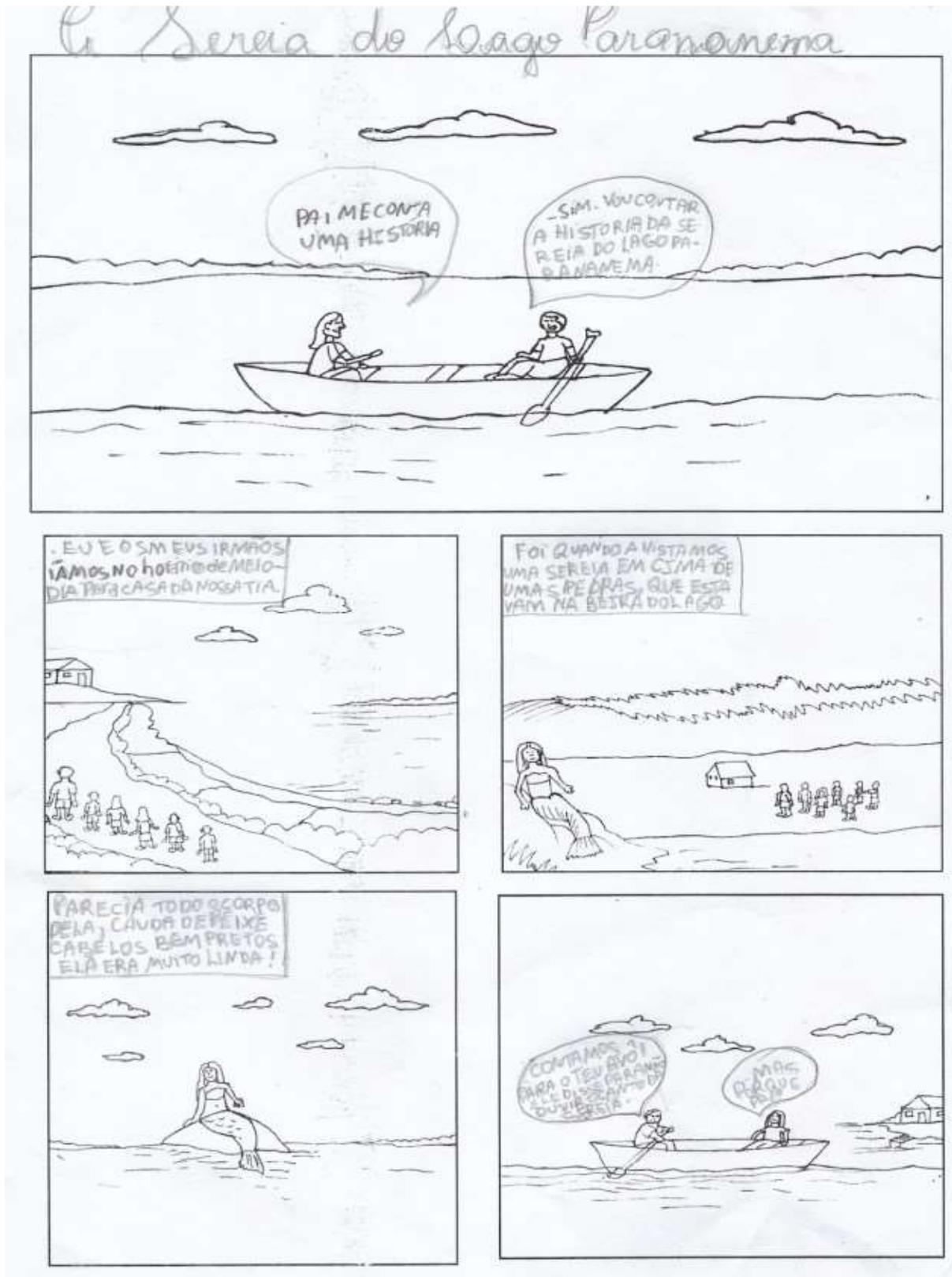


Figura 42 - Participante construindo sua história em quadrinhos – A Sereia do Lago Paranemema

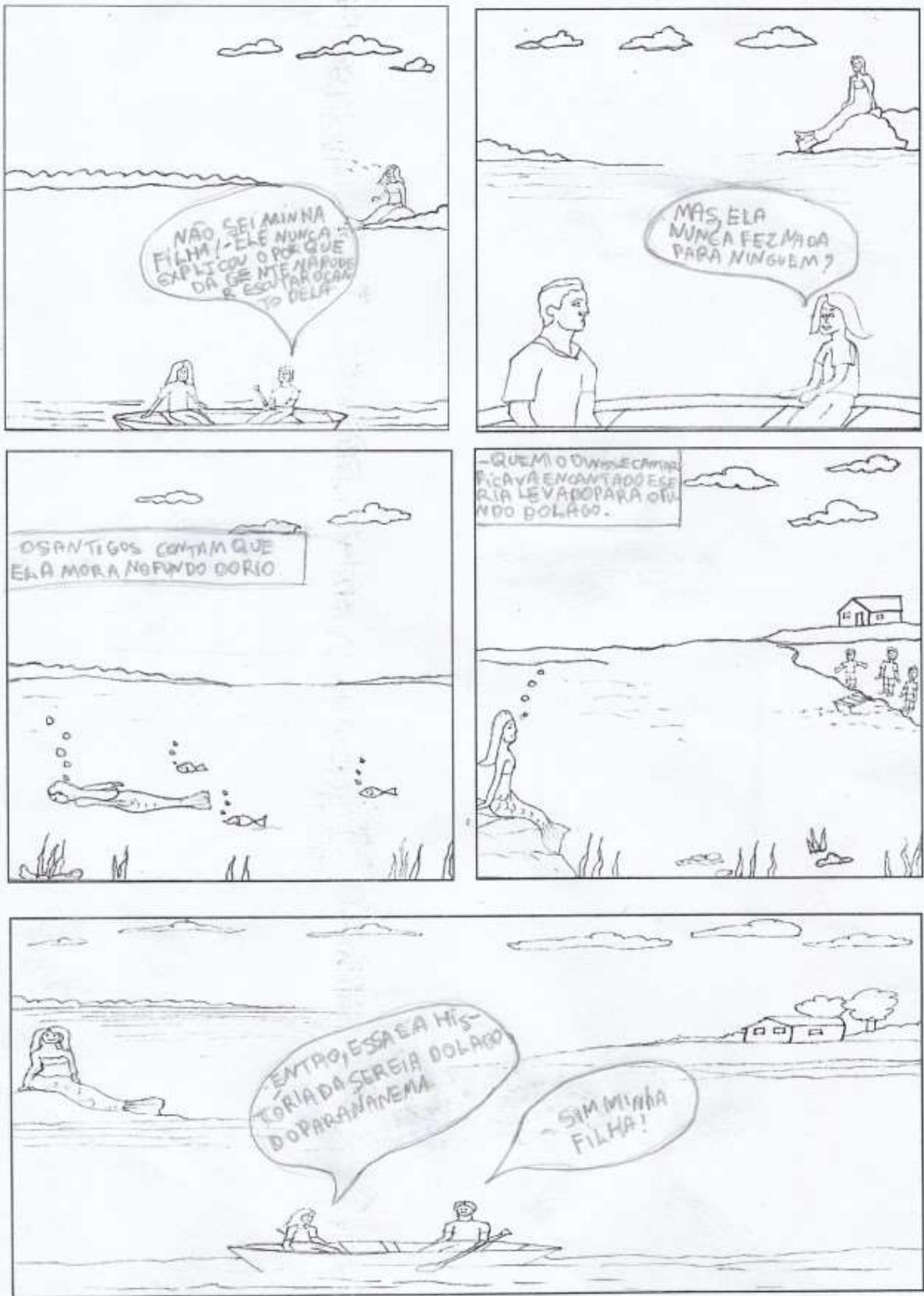


Figura 43 - Participante construindo sua história em quadinhos – A Sereia do Lago Paranema

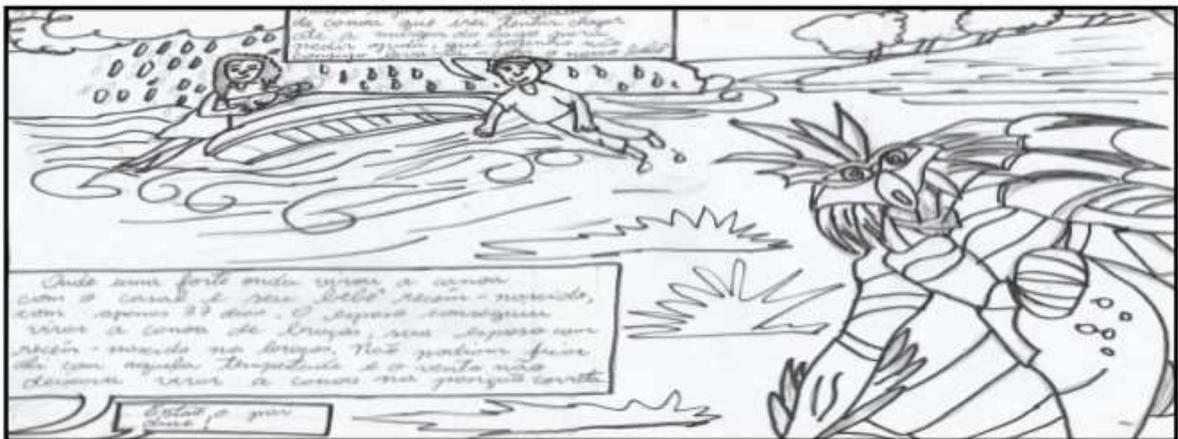
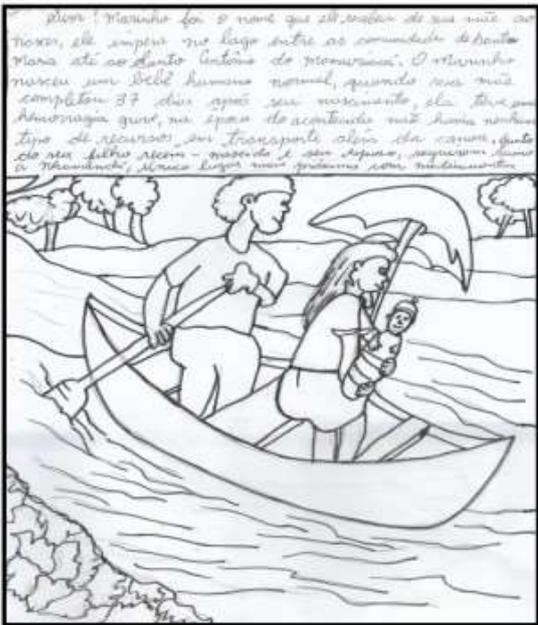
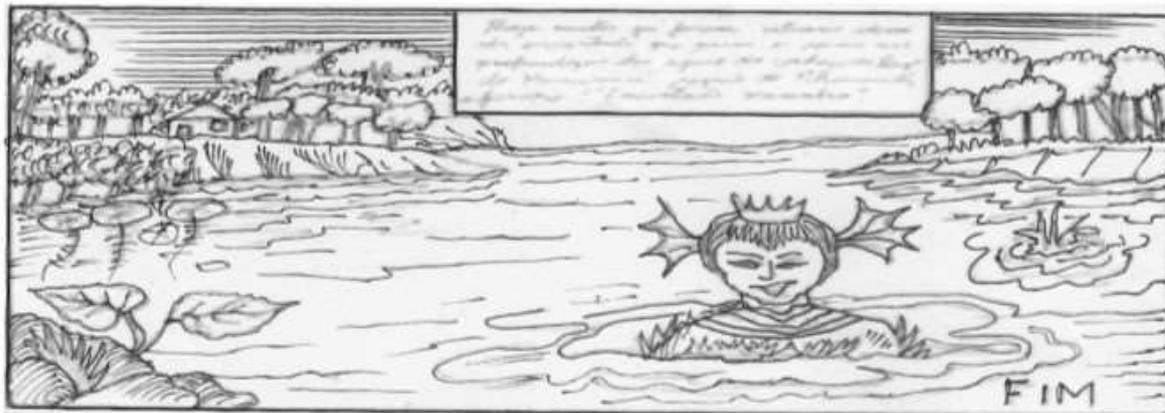
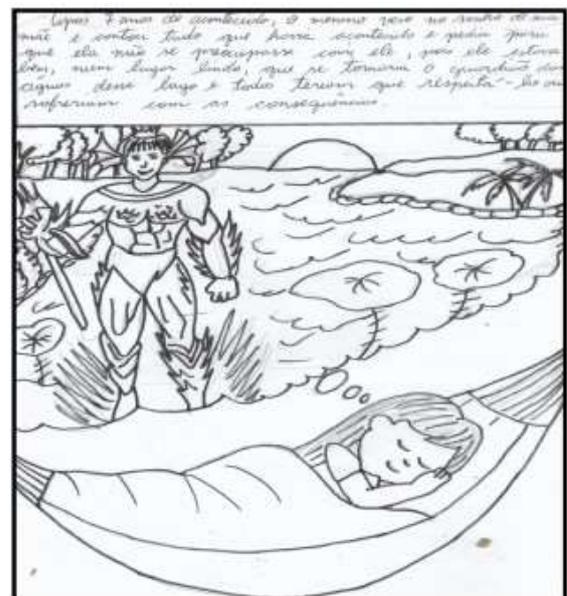
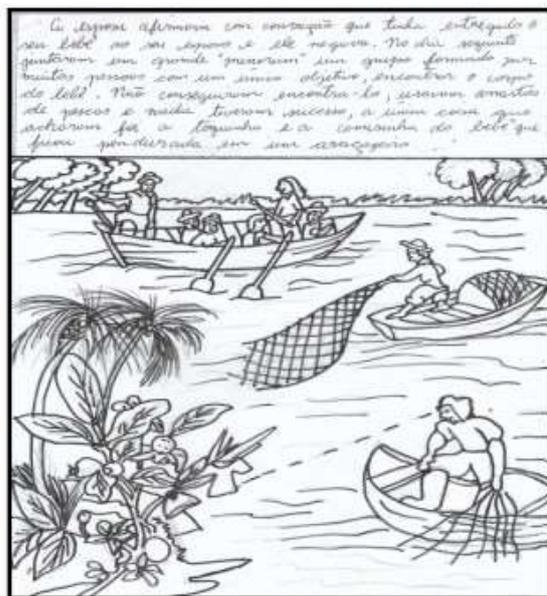
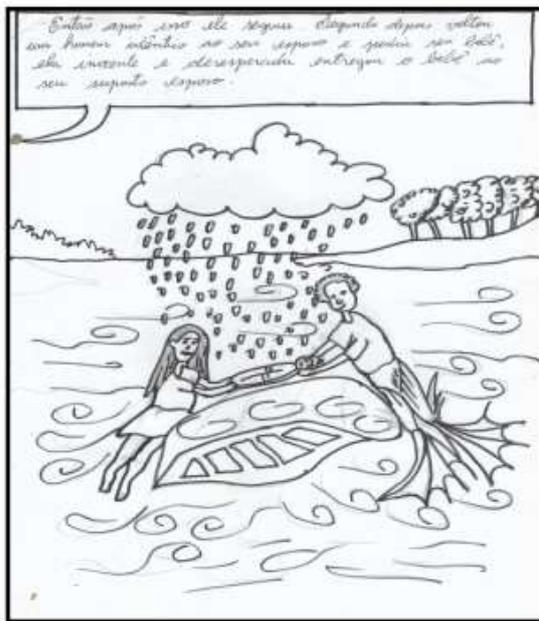


Figura 44 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Encantado Marinho



FIM

Figura 45 - Participante construindo sua história em quadinhos – O Encantado Marinho

# BICHO FOLHARAL

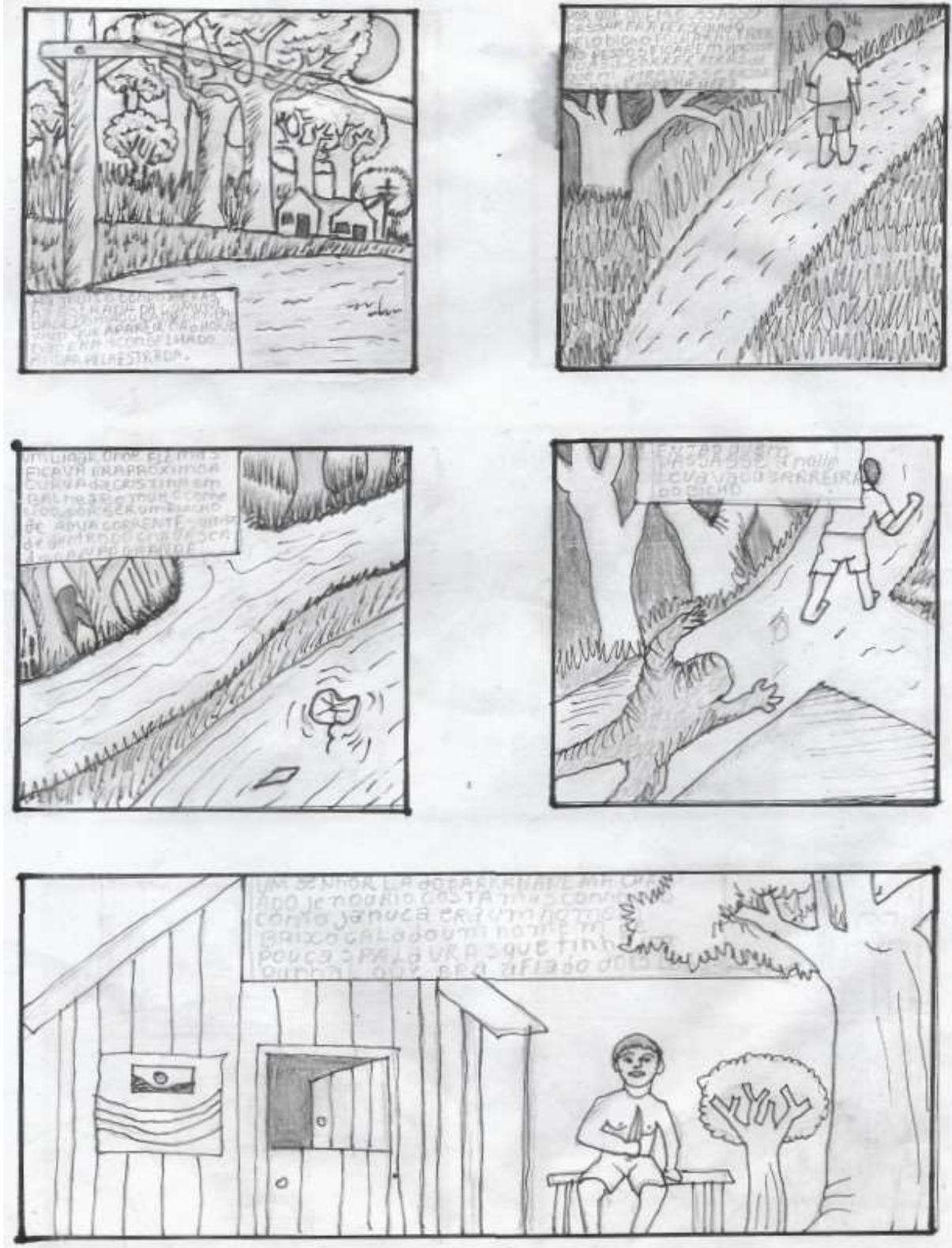


Figura 46 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Bicho Folharal

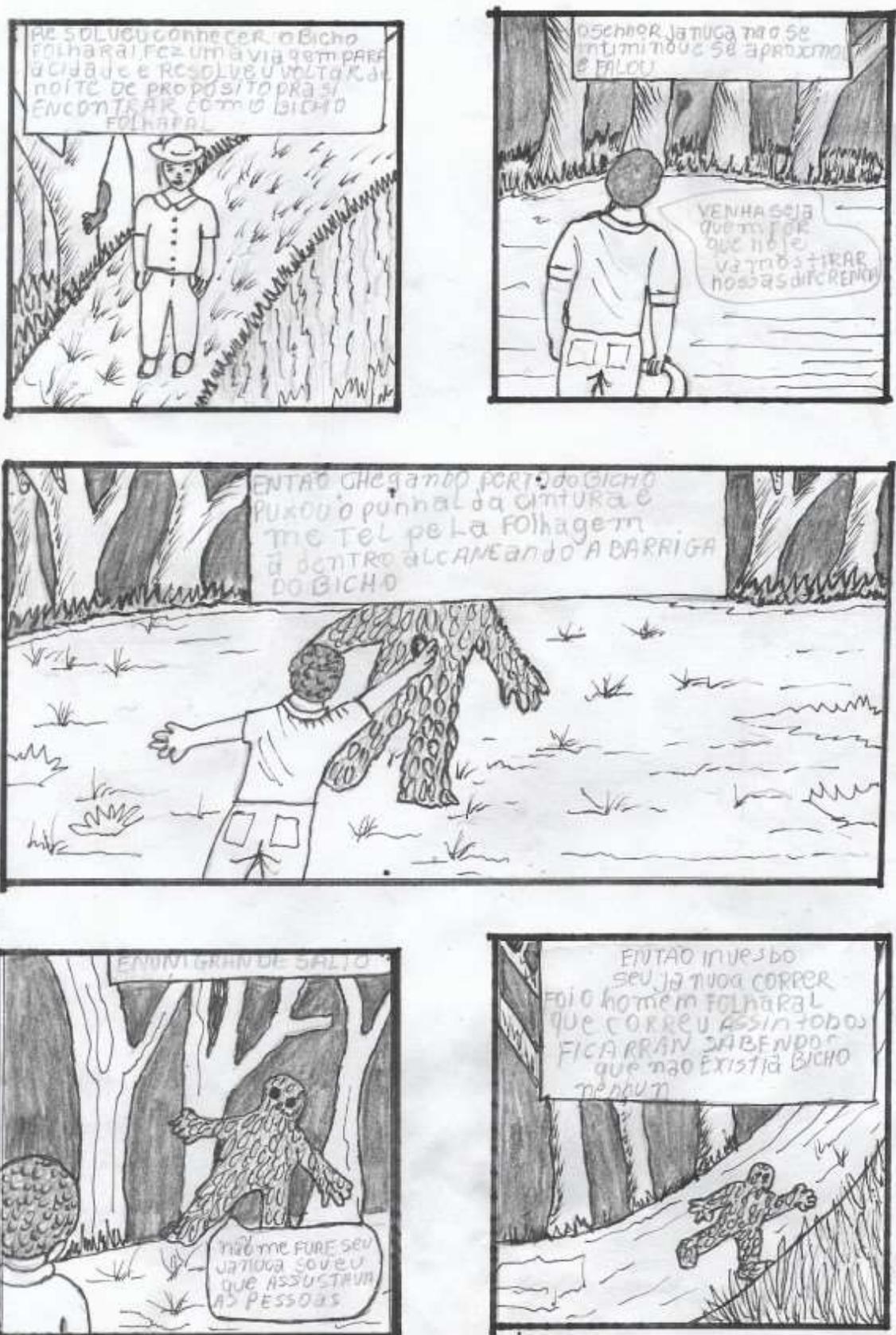


Figura 47 - Participante construindo sua história em quadrinhos – O Bicho Folharel

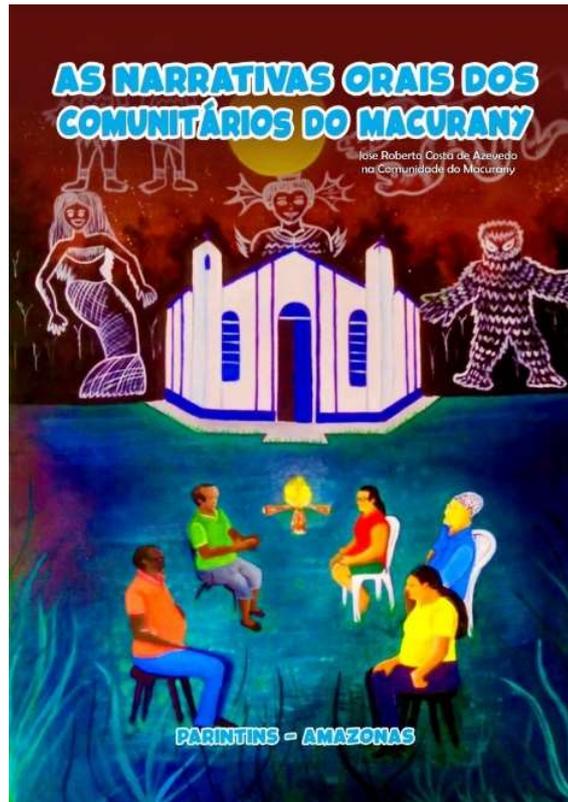


Figura 48 - Capa e páginas da revista

**A RELAÇÃO COM OS COMUNITÁRIOS E A RECEPÇÃO DAS HISTÓRIAS  
EM QUADRINHOS MATERIALIZADAS**

### **3 A RELAÇÃO COM OS COMUNITÁRIOS E A RECEPÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS MATERIALIZADAS**

O assunto retratado neste capítulo tem por objetivo fazer uma análise e reflexão das concepções presentes nas produções artísticas dos comunitários envolvidos no processo de materialização das narrativas orais dos comunitários do Macurany. A partir da produção dessas histórias em quadrinhos (HQ's), pude entender melhor o contexto social e cultural da localidade. A prática do artista pesquisador fica em evidência quando este domina a técnica a ser desenvolvida durante toda sua obra, pois é preciso entender as nuances, contextos, cenários, cultura e tradições de um povo.

Essas características envolvem qualquer tipo de produção em relação ao ensino das artes e devem necessariamente obedecer a critérios básicos estabelecidos dentro das normas de planejamento criado a partir da fundamentação e inserção do processo criativo do imaginário entre os comunitários. Com a materialização das narrativas orais realizadas no Macurany, não foi diferente, toda instrumentalização dos procedimentos foi essencial para a fase de conclusão dos meus estudos. O conjunto dessas experiências formam uma rica fonte de conhecimentos adquiridos, permitindo ampliar as concepções que tinha a respeito das narrativas presentes entre os participantes da localidade.

Os fenômenos constituintes deste estudo influenciam de forma positiva a percepção, não só de minha parte, mas de todos os que tiveram envolvidos nesse processo criativo. Por intermédio das oficinas, tive a oportunidade de mostrar o real motivo por trás de meu questionamento sobre o universo que compreende a materialização das histórias. Este fato é muito debatido em minha pesquisa de campo, em que pude comprovar a riqueza encontrada nos relatos acerca do imaginário amazônico e caboclo.

#### **3.1 O ARTISTA PESQUISADOR**

Através dessa imagem, pretendo mostrar como se dá o processo de realização do projeto na Comunidade do Macurany, e, sobretudo, qual o papel do artista pesquisador nessa construção. Como artista pesquisador mostro no quadro as minhas

atribuições, pois, ao assumir a função de mediador, pretendo divulgar a cultura local dos comunitários da comunidade. Tal pressuposto está alicerçado nos esforços em descobrir como se dá o envolvimento dos comunitários com a questão do imaginário e, acima de tudo, a relação com as oficinas de HQ's. Os passos seguintes consistem na construção das suas próprias histórias por meio dos quadrinhos, uma vez que esse vínculo só vem a facilitar o engajamento neste projeto de pesquisa aplicado no contexto da comunidade do Macurany.

Os recursos aplicados para a organização deste estudo de campo têm como fonte financiadora o próprio organizador da oficina, contando com o apoio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins – AAPP. Indicado pelo presidente da comunidade, o informante (morador) nos apresentou no início da pesquisa três pessoas idosas conhecedoras das narrativas orais mais conhecidas do Macurany. Para que fossem materializadas por meio de quadrinhos, contei com a participação de dois membros da AAPP, convidados para a ocasião. Contei também, com o apoio dos parceiros do projeto: Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos, assim como dos parceiros da AAPP; conseqüentemente minha pretensão é produzir uma revista de Histórias em Quadrinhos sobre as narrativas orais do Macurany.

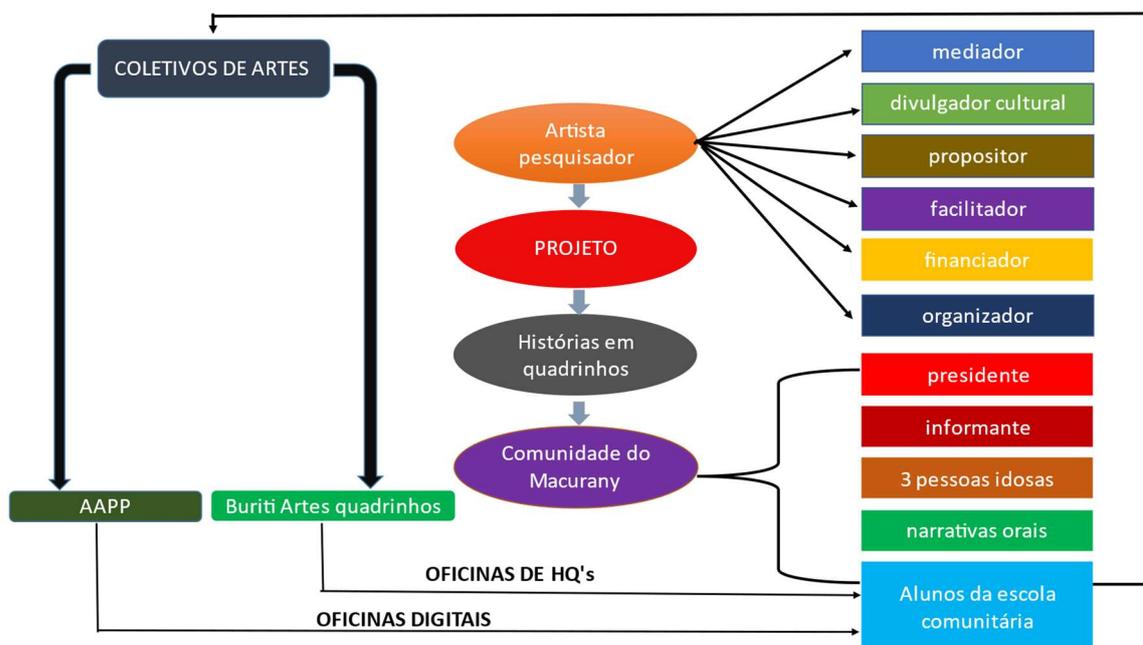


Figura 49 - Mapa conceitual

Logo no primeiro contato com a comunidade, percebi o quão trabalhoso seria realizar uma oficina no local. Falo isso não pela receptividade, que por sinal foi muito

boa, mas sim pelo tema que iria abordar com base na proposta apresentada para a comunidade. A partir da exposição dos conteúdos ministrados no contexto da percepção dos moradores, pude melhor desenvolver os processos envolvidos na materialização das imagens sobre as narrativas orais. Esse método me permitiu utilizar os relatos coletados no Macurany, transmutando-os por meio de histórias em quadrinhos. Só o tema soa um pouco estranho para os comunitários que estão muito acostumados com palestras e oficinas com base nos temas transversais. Nesse contexto, destacavam-se alguns pontos como: saúde, violência, educação, valores, etc.

Contudo, sugeri a eles uma temática acerca do universo das artes e dos processos de aplicação sobre os roteiros e ilustrações contidos em minha pesquisa. Por conta desse histórico, falar de arte e história em quadrinhos dentro de uma visão poética é algo muito fora do comum, porém, no decorrer do desenvolvimento desta oficina, percebi que os comunitários captaram o sentido da proposta apresentada inicialmente. A partir daí, o meu trabalho ficou um pouco mais fácil de compreender, devido à forma como foi apresentada a temática. Posteriormente, ocorreu o desenvolvimento, e pude notar o interesse cada vez mais acentuado pelos participantes em saber mais informações adicionais acerca dos processos envolvidos à construção destas histórias dentro do contexto comunitário.

Através do contato com os membros da comunidade, foi possível abranger a relação que se estabeleceu entre o artista/pesquisador e seu local de pesquisa. Nessa estreita relação, ocorre uma troca de saberes que se constroem com base numa rede de conhecimentos encarados de maneira recíproca, isto é, quando ensinamos também aprendemos. Nesta relação, por se estabelecer um intenso contato entre a aprendizagem e a comunhão com os comunitários, o saber acadêmico se depara com os conhecimentos tradicionais e empíricos. Nessa linha de raciocínio, todos os atores envolvidos no processo, apresentam sua contribuição para o entendimento daquilo que se vai trabalhar durante a trajetória dessa investigação.

No caso específico de meu trabalho, que é a materialização das narrativas orais dos comunitários do Macurany, esta é constituída por histórias fantásticas retratadas acerca dos quadrinhos num universo riquíssimo sobre os aspectos ligados ao imaginário amazônico. Percebi o envolvimento de cada morador da comunidade na participação desta oficina, entretanto, era notório o sentimento de pertencimento

empregado durante a aplicação dos procedimentos em relação à materialização das histórias.

Esse fato se justificou quando os mesmos estavam esboçando seus desenhos, uma vez que, buscavam na sua linha de raciocínio o pleno domínio das competências cognitivas quando se utilizavam de aspectos contidos nas memórias de uso coletivo. Para tanto, se faz necessário que artista/pesquisador seja o protagonista das ações e consiga transmitir aos participantes da oficina os argumentos pertinentes ao assunto abordado.

Como salienta Ricardo Moreno Baptista em sua tese de acerca das Práticas artísticas de participação comunitária (PAPC), é necessário criar vínculos (2018):

El grado de respuesta de los diferentes actores para participar en un proyecto propuesto por un artista depende de alguna medida de su grado de empatía e intercambio horizontal que como actor protagonista desarrolle con los diferentes actores de la comunidad. El artista tiene que ser un actor protagonista en disponibilidad. (BAPTISTA, 2018, p.115).

Levar arte para ambientes não convencionais e explorar os aspectos da natureza e seu imaginário requer um grande esforço quanto à prática de instigar a memória dos comunitários, assim como seus costumes e tradições que irão por meio de nossa pesquisa e trabalho ganhar um novo formato e divulgação. Vimos que esse fenômeno é decorrente dos processos orais fortemente alicerçados no convívio dos comunitários, os quais transmitem aquilo que lhes é contado de geração para geração. As histórias em quadrinhos oferecem a possibilidade de ampliação e de abrangência daquelas narrativas através de um fazer artístico que envolve os próprios moradores da comunidade.

Entendo que o artista/pesquisador precisa ter o embasamento teórico aliado com uma abordagem multidisciplinar, a qual priorize práticas e procedimentos como: observação por meio da pesquisa de campo e laboratórios em contexto. Utilizar uma metodologia adequada assume uma enorme relevância para o bom desenvolvimento de um trabalho pautado na dialética construtiva, onde estão inseridas as narrativas presentes na comunidade do Macurany.

Foi com esse pensamento que explorei o universo dos comunitários da comunidade do Macurany. Observando detalhadamente o comportamento de cada um dos entrevistados, pude intervir no caso de algum eventual contratempo, visto que,

trabalhar com pessoas requer um cuidado e atenção redobrada para que ninguém se sinta desprestigiado ou desrespeitado. É importante ter esse entendimento quando se busca edificar pontos essenciais para se fundamentar uma situação nova para os moradores da localidade, embora todos estejam integrados nesta minha proposta. A preocupação consistia em deixá-los bem à vontade para que concluíssem os passos aplicados em pleno andamento a oficina. Ainda nessa linha de raciocínio é importante nas PAPC se trabalhar com uma atenção ao objetivo comum compondo com cada um.

Para una mejor comprensión y tener la posibilidad de interactuar con la comunidad mediante la realización de PAPC es indispensable poner en práctica un método multidisciplinar que abarque diversos campos del conocimiento académico; sin embargo, centrado en la utilización de técnicas relacionadas con métodos cualitativos especialmente del método etnográfico como el diario de campo, registro fotográfico, conversaciones informales y la observación participante (BAPTISTA, 2018, p.160).

Além de buscar a melhor maneira de me relacionar com moradores/autores nesse processo, aproveitei o espaço para catalogar melhor as narrativas e explorar com mais propriedade o universo das HQ's. Busquei, para além do trabalho com os alunos, implicar também as competências dos parceiros da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins e do Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins. Fiz uma pequena intervenção quanto à realização deste trabalho com a arte, uma vez que esse fato só foi possível com a integração dos conhecimentos. Essa justificativa surge com o intuito de provocar uma inquietação naquele indivíduo morador da comunidade, assegurando-lhes o sentimento de pertencimento e a sensação da valorização sobre os seus costumes e tradições que são detalhados em suas narrativas orais. Como adverte o pesquisador<sup>15</sup> em um processo coletivo todos são importantes (2018):

---

<sup>15</sup> A construção do meu processo de arte participativa na comunidade do Macurany contou com o apoio da pesquisa *Lanternas Flutuantes: Práticas Artísticas de Participação Comunitária com habitantes das Ilhas do Bairro Arquipélago, em Porto Alegre. Na Era do Antropoceno*, em 2018, do meu coorientador Ricardo Alfonso Moreno Baptista. Ele desenvolveu projetos baseados nas Práticas Artísticas de Participação Comunitária (PAPC), realizados na Colômbia e no México, entre 1978 e 2014. Em seu trabalho de investigação, teve como eixo principal a reflexão sobre os processos artísticos envolvendo pessoas distantes dos sistemas da arte, no entanto, ele aborda o papel dos diferentes agentes participantes da comunidade em cada procedimento.

Con cada individualidad se desarrolla un proceso diferente de relacionamiento social, tal vez por afinidades, puede ser por intereses particulares, pero también por curiosidad, el grado de participación de un actor podrá parecer más implicado que otro que realice actividades menos visibles y silenciosas, pero que considere igualmente importantes. (BATISTA, p.115).

Por fim, constatei que em alguns trabalhos feitos pelos comunitários durante a oficina se destacavam alguns aspectos interessantes em relação à transposição da oralidade para o visual. Percebi que os simbolismos materializados nos desenhos traduzem uma imagem poética decorrente principalmente dos elementos ligados à memória e à imaginação daqueles antigos moradores. Os participantes envolvidos tiveram suas narrativas elaboradas pelos mais jovens através de um processo criativo, levando-se em consideração que essas histórias passam de geração a geração. Com a ajuda dos parceiros, aperfeiçoei o material que foi produzido pelos comunitários e, em seguida, mostro o resultado final por meio de uma revista de história em quadrinhos. A materialidade dos relatos obtidos entre os membros da comunidade retrata toda a simbologia do povo, consistindo em concepções ligadas ao sentimento de pertencimento e nas questões contidas no imaginário.

### 3.2 A PRÁTICA ARTÍSTICA SOCIAL NA COMUNIDADE DO MACURANY

Ele aprimora seu olhar artístico como pesquisador-participante, que necessita sentir a experiência *in loco*. Dentre as principais características presentes nesse processo, está o papel do artista na comunidade e como se desenvolvem os processos artísticos. Assim como ele, eu também conduzo meu trabalho de pesquisador, buscando interligar saberes e conhecimentos por meio da arte e da ação social.

Ricardo é um artista propositor que gosta de desenvolver atividades artísticas com as comunidades, pois acredita que a arte tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa. Sua participação com a comunidade é independente da religião, cor, raça, posição política, como fios condutores da pesquisa as quais envolvem questões de interesse da comunidade em que vivem. Para o artista, seu modo de fazer arte participativa, é uma busca por proporcionar experiências compartilhadas dentro de um sistema de rede comunitária. Esses encontros promovem vínculos estabelecidos na base da confiança, contudo, sem o propósito de adquirir benefício próprio.

Em sua trajetória artística, ele promoveu a construção de três eventos acontecimentos de arte participativa na Ilha da Pintada, "Noite das Lanternas Flutuantes," 16 de dezembro de 2015; "Vagalumes no Jacuí," em 29 de junho; "Mboitatá no Rio Jacuí" em 18 de dezembro de 2016. Em cada um, ele ajuda a construir processos artísticos de maneiras unificadas, de modo que cada trabalho possui características instigantes em relação ao desenvolvimento dentro do contexto social. Nesses eventos, Ricardo põe em exercício as PAPC, mobilizando uma rede de compartilhamentos com mais diversos autores sociais. "Para desenvolver um projeto PAPC é necessário que o artista procure um grupo social ou comunidade ao qual possa apresentar-lhe uma ideia inicial com a qual pretende realizar um projeto específico." (BAPTISTA, 2018 p.231).

As Práticas de Participação Comunitária (PAPC) são propostas e realizadas com grupos sociais distanciados dos sistemas institucionais de arte: galerias, museus, públicos informados e bienais, considerando que essas instituições e a forma como se organizam representam, promovem, reproduzem e são ao serviço dos princípios sociais e econômicos do capitalismo baseado no lucro individual (BAPTISTA, 2018, p. 229).

Nas PAPC, nos eventos acontecimentos da comunidade, se propõem intervenções artísticas construídas com os diferentes agentes sociais, como: pescadores, as escolas, as colônias, lideranças, etc. Trata-se uma ação coletiva, em que todos podem participar da realização de um evento festivo na constituição de uma obra de arte. Sendo que, esse processo também pode ser entendido como uma ação social; por se tratar de uma aprendizagem dialógica e com utilização de recursos próprios e sem aportes financeiros. (BIASOTTO, 2018).

Para os eventos acontecimentos "Lanternas Flutuantes e Vagalumes do Jacuí," as lanternas são pintadas com diversas cores e são carregadas com areia e colocada uma vela dentro dela. Feito isso, são adaptadas sobre uma prancha de isopor e levadas pelos os barcos dos comunitários para serem colocadas com as velas acesas no rio Jacuí, iluminando as águas. Esses acontecimentos causam uma reflexão no espectador, ao observarem o sentido e a importância do evento para a comunidade, haja vista que, todos os trabalhos desse artista contribuem para as práticas sociais. Esses fenômenos envolvem as comunidades para uma realidade baseada em experiências estéticas adquiridas ao longo da vida, cujo propósito está em direcionar o processo metodológico durante toda a estratégia de ensino.

O evento acontecimento Mboitatá<sup>16</sup> do Rio Jacuí trata-se de uma ação em clima das festividades de fim de ano. O evento decorre das experiências estéticas anteriores, que deram certo, onde a empolgação tomou conta dos comunitários em quererem realizar mais um evento. O mais importante é que o interesse em realizá-lo partiu dos próprios comunitários e que após reunião de alguns líderes se fez necessário o acompanhamento do artista para a preparação do evento. Nesse evento, diferente dos outros dois anteriores, as lanternas são levadas para compor uma instalação no rio, onde ficam flutuando de formas ordenadas como parte do processo criativo proposto pelo o artista, tem uma proposta que vai além. No processo, as lanternas são amarradas nos barcos dos pescadores da comunidade e que seguem um cortejo sincronizado de acordo com as estratégias elaboradas entre os envolvidos na ação e o artista. Como parte do evento realizado no rio, uma instalação artística é montada na praça Z-17 Colônia de pescadores, onde as lanternas compõem um desenho do formato de um Mboitatá. Para o sucesso do evento, o artista destaca que o papel do artista não foi de ser o autor ou idealizador, e sim de escutar e de fazer as coisas que os pescadores disseram como deveriam ser feitas. (BIASOTTO, 2018). Em seu processo artístico, o artista enfatiza ainda a importância da tradição da oralidade como dispositivo de aprendizagem e compartilhamento. Sendo que o resultado produzido por essa experiência estética é uma ação social fruto do processo de arte participativa.

Participar é fazer atividades para cumprir algum objetivo, mas daí pode ser que você pode ser um pouco obrigado pelo o seu chefe, seu diretor de escola que diz para uma professora vocês tem que ajudar então é uma organização aí local, participar também pode ser uma posição passiva, a passividade é uma posição política, e tem muitas pessoas que não se interessam, então essas pessoas não estão nunca aí, e coisas que tento é que cada pessoa participe do jeito que ela quer, que ajude digamos assim no que puder, não precisa fazer de um jeito ou de outro, uma coisa é que a participação é quase como negar qualquer atividade passiva de observador. (BAPTISTA, 2017, p.166).

---

<sup>16</sup> Mboi-Tatá. Em 1560, o missionário jesuíta José de Anchieta nas palavras de Cascudo (2022, p 143) citado pela primeira vez ou baetatá traduzido como “coisa de fogo, ou que é tudo neblina”. O jesuíta viu: “um facho cintilante correndo por aí.” Esta parece ser uma derivação da palavra tupi mba que significa cobra. Mbai – tatá coisa de fogo. Mboi- tatá cobra de fogo. Um pouco mais tarde isso. O mesmo autor refere-se ao mito do Rio Grande do Sul, segundo o qual uma cobra abriu os olhos demais para ver melhor e uma variante em que essa mesma cobra devorou milhares de olhos e ficou brilhante por causa da multidão de pupilas que tinha em seu corpo. Poderia estar relacionado ao fogo fátuo; aquele fenômeno em que uma chama noturna aparece e depois desaparece sem deixar vestígios e isso desperta centenas de explicações e especulações.

Trabalhar com comunidades e processos sociais de aproximação com pessoas não é uma tarefa fácil, é preciso conquistar a confiança diária e não faltar em nenhum encontro, pois cada projeto precisa ter início, meio e fim e com datas previstas para o começar e terminar tal projeto. E o mais importante de tudo, tem que ser uma relação de troca onde os atores envolvidos produzirão conhecimento e arte de maneira fraterna, sem que um lucre ou se beneficie à custa do outro. A estratégia metodológica que foi realizada para o desenvolvimento da pesquisa consistiu na implantação de uma série de atividades baseadas em relações dialógicas horizontais entre o artista e a comunidade, por meio da qual uma troca de conhecimentos e sinergia que permite a criação de um evento acontecimento como obra de arte.

Como o interesse das PAPC não está subordinado à busca de dados concretos e quantitativos, relacionando-se muito mais com o reconhecimento das redes sociais locais, das práticas de vida cotidiana e das formas de atuação da comunidade, o trabalho qualitativo se mostra mais adequado. As informações coletadas nas reuniões e conversas informais eram posteriormente organizadas como notas de campo, algumas das quais contavam com desenhos mnemotécnicos, utilizados também para auxiliar no planejamento de uma proposta específica a ser apresentada posteriormente a determinados membros da comunidade. O trabalho de campo evidenciou a necessidade de o artista desenvolver uma condição de disponibilidade para conhecer os diferentes aspectos históricos, características sociais, econômicas, políticas, culturais e ambientais da comunidade, por meio da qual o artista atua como facilitador no desenvolvimento do tecido de redes e processos organizacionais para a realização do evento. Fazendo um paralelo com o trabalho desenvolvido pelo artista, realizei metodologia similar para elaboração de minha oficina artística, e nisso precisei fazer uma abordagem lenta e gradativa.

Para abordar qualquer comunidade é essencial ter tempo e a paciência para iniciar um processo que nos permita conhecer uns aos outros. Isso é É preciso ter disponibilidade e disposição para ouvir, para responder o que é questionado, aprender com o interlocutor e ao mesmo tempo levantar e dar conhecer a visão e a opinião pessoal. (BAPTISTA, 2018, p. 237).

Após pedir autorização das pessoas, o registro fotográfico foi abundantemente utilizado. Atualmente, o uso massivo de dispositivos de tecnologia digital facilita e favorece a produção abundante de imagens do cotidiano até em seus

detalhes mais banais. Para desenvolver um projeto PAPC é necessário que o próprio artista pesquisador procure um grupo social ou comunidade ao qual possa apresentar-lhe uma ideia inicial com a qual pretende realizar um projeto específico. Foi assim também que este projeto se desenvolveu, inspirados nas experiências dos Projeto Lanternas Flutuantes, Vagalumes no Jacuí e Mboitatá no rio Jacuí.

A ideia de participação nesses trabalhos, é não receber para isso. Para construir sociedades muitas vezes é resolver problemas em comunidade, coisas que não precisam de dinheiro, por exemplo como pintar essas coisas, trabalhar com materiais descartáveis, esforço coletivo utilizando menos dinheiro possível. (BAPTISTA, 2017, p. 166).

Em sua argumentação, o autor relata que o grau de resposta dos diferentes atores para participar de um projeto proposto por um artista depende de alguma medida de seu grau de empatia e troca horizontal que eles desenvolvem como ator principal com os diferentes atores da comunidade. Para que o projeto consiga uma consistência acadêmica e tenha um embasamento teórico de qualidade, faz-se necessário a utilização de um método que envolva várias áreas do conhecimento.

Para uma melhor compreensão e possibilidade de interação com a comunidade realizando a PAPC, é fundamental colocar em prática um método multidisciplinar que englobe várias áreas do conhecimento acadêmico; no entanto, focou-se no uso de técnicas relacionadas aos métodos qualitativos, especialmente o método etnográfico como o diário de campo, registro fotográfico, conversas informais e observação participante (BAPTISTA, 2018, p.160).

Assim como Ricardo, procurei também realizar uma intervenção artística na comunidade do Macurany, com uma atividade diferente, porém com os mesmos objetivos, construir uma ação participativa com os comunitários, envolvendo outras pessoas de fora da comunidade, como os coletivos: Buriti Artes e Quadrinhos e a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins. Para que todos juntos, pudéssemos construir uma rede de compartilhamento, de experiências, memórias, e de aprendizado, no intuito de materializar o imaginário local por meio de Histórias em Quadrinhos.

A partir do meu laboratório em contexto, com realização da “A Oficina de Histórias em Quadrinhos: “As narrativas orais sobre o imaginário amazônico dos comunitários do Macurany por meio das Histórias em Quadrinhos”, percebi que a minha proposta para a comunidade tinha algo em comum com a pesquisa do meu

coorientador, pois o projeto que vinha desenvolvendo estava ligado a uma prática artística social, assim como a pesquisa que o mesmo desenvolveu na sua tese de doutorado. A diferença maior estava no formato, enquanto a dele se tratava de uma intervenção-ação, a minha intervenção era uma oficina com os moradores da Comunidade do Macurany em Parintins.

No entanto, as duas propostas dialogam uma com a outra, uma vez que ambas têm como foco a questão do contato com comunidades e a participação direta de seus atores, além das tradições, da memória, e da relação do homem com o seu local de vivência. Aos mais desavisados, o projeto pode parecer algo lúdico e sem muita ambição, mas engana-se que assim pensa, pois tais eventos propiciam nos observadores participantes a vivência de uma experiência estética associada à beleza em que estão envolvidos, diferentes sentidos que, como seres humanos, temos consciência de possuir. Audição, visão, olfato, sentido de tempo recepção, propriocepção, e o equilíbrio que promove a experiência sensorial; envolvimento pessoal e coletivo nos elementos do ambiente em que se vive.

Por fim, as PAPC constituem uma estratégia de trabalho e organização comunitária que permite construir coletivamente, neste caso específico, uma obra de arte que envolve todas as contribuições, conhecimentos, esforços dos diferentes grupos e redes sociais que constituem a comunidade valorizando as narrativas orais e a cultura regional, assim como o meio ambiente. A ideia final seria de “Comunicar,” de colocar em comum, que promova uma verdadeira negociação social em que se discutam preocupações de natureza social, política, econômica e cultural.

### 3.3 A MATERIALIZAÇÃO DAS NARRATIVAS POR MEIO DAS HQ'S

As Histórias em Quadrinhos são gêneros discursivos voltados principalmente para a comunicação visual, uma vez que expressam ideias relacionadas às questões culturais e concepções estéticas definidas através da escrita. Dentro das propostas apresentadas durante o percurso inicial das oficinas, foram baseadas as narrativas orais como fonte representativa da linguagem verbal, as quais estabelecem um vínculo entre as memórias coletivas adquiridas por meio dos comunitários e as produções em torno do imaginário amazônico da localidade. Entretanto, os fenômenos contidos no processo criativo dos participantes, transformaram as percepções artísticas locais num conjunto de elementos ligados ao fantástico e sobrenatural encontrado nos seres imaginários da região.

A ação artística também costuma envolver criação grupal: nesse momento a arte contribui para o fortalecimento do conceito de grupo como socializador e criador de um universo imaginário, atualizando referências e desenvolvendo sua própria história. A arte torna presente o grupo para si mesmo, por meio de suas representações imaginárias. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE ARTES, 2001, p. 49).

Dai tem-se a compreensão do assunto, a partir dos relatos obtidos por intermédio das propostas apresentadas, gerando profundas reflexões diante do material coletado no contexto da comunidade. Estes aspectos tornaram-se experiências fundamentais para melhor compreender as representações de cada história contada durante os estudos aplicados acerca deste gênero, onde evidenciam o reconhecimento e a importância das particularidades encontradas no processo de pertencimento de um povo. Os procedimentos utilizados no período de realização dos trabalhos revelaram o quanto os participantes estiveram envolvidos no desenvolvimento das atividades, consistindo prioritariamente na inserção de suas ações dialogais em relação a acontecimentos sobrenaturais transfigurados no campo da imaginação individual. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (2001, p. 61) “as articulações desses elementos nas imagens dão origem configuração de códigos que se transformam ao longo dos tempos.”.

Inicialmente, abordaram-se princípios básicos para o entendimento das Histórias em Quadrinhos (HQ's), que foram demonstradas com base em estratégias presentes numa apostila elaborada especificamente, de acordo com as concepções da autora, Multirio (2001). Essa abordagem se faz presente os pilares necessários para o pleno domínio das técnicas de produção, estabelecendo assim, as normas essenciais de composição referentes a termos aplicados nos desenhos sequenciais.

A função primordial dos quadrinhos tem como função principal o estabelecimento da narração de fatos, uma vez que busca na materialização das imagens os elementos constituem uma base sólida encontrada numa conversação comum. Durante a fase de elaboração dos personagens, as características criadas demonstram as emoções ligadas a palavras e expressões (faciais/corporais). As ideias sugeridas são incorporadas ao quadrinho como forma de transmissão da enunciação junto ao leitor, todavia, os paralelos traçados nesse contexto representativo ligam à literatura as ilustrações. (MARCUSHI, 2008).

Diante dessas circunstâncias, essa série de acontecimentos constituem as ações práticas baseadas em sua totalidade nos elementos de coesão encontrados no

contexto do processo criativo da imaginação. Contudo, as fundamentações pautam-se em descrições decorrentes da escrita, como forma recorrente dos recursos instaurados na composição gráfica, por exemplo, a utilização das dicotomias verbal / não-verbal. (FÁVERO, 2019). O formato identificado nos desenhos é facilmente vinculado ao universo das palavras, consistindo em sua essência no entendimento da história. Pelo fato de se tratar de narrativas, as HQ's se encontram com a escrita, embora, as inúmeras tentativas de reprodução da fala sejam geralmente de ordem informal. No entanto, na essência, a narração é decorrente de roteiros escritos encontrados também no cinema, onde são aplicados as interjeições, reduções vocabulares, onomatopeias, gírias e etc. (MARCUSCHI, 2008).

Aqui em Parintins destaco a presença do artista plástico e visual Marlon Brandão, que, através de seu processo criativo, busca despertar o interesse dos iniciantes na arte sequencial, entretanto, seus trabalhos fundamentam-se principalmente, nas concepções baseadas no gênero narrativo das histórias em quadrinhos (HQ's).

Eu sou Marlon Brandão Silva, natural do município de Parintins, comunidade do Remanso – Amazonas, meu pseudônimo é, Brandon Lee, tenho 47 anos de idade, sou pai de Miguel Ângelo, 15 anos, meu parceiro de trabalho, na área de artes comis. As narrativas são de minha autoria de criação, o que passo em algumas vezes para minha irmã desenvolver, mas como disse, as histórias são baseadas na história rela da Amazônia. Nesse processo de criação, ocorrem as pesquisas relacionadas a mitos e lendas como fundamentos do imaginário, utilizo como procedimento, o estilo de “Suor Herois Comics,” em minhas lendas. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Este artista procura por meio da materialização das histórias uma forma de transmitir os fenômenos relacionados ao imaginário amazônico, transportando suas ideias no formato de desenhos. Algo bem aceito na comunidade parintinense, suas ilustrações, permitem adentar as percepções inimagináveis do inconsciente da região, pois seus personagens têm características de pertencimento e identidade cultural. Seus métodos de desenvolvimento dos desenhos são decorrentes de inúmeros trabalhos na comunidade de Parintins, o qual aborda alguns pontos do início em sua carreira e de toda trajetória até chegar a ser produtor de revista em quadrinhos.

Minha carreira nos desenhos começou na Escola de Artes, Irmão Miguel de Pascalle, que era professor de artes sacras, missionário católico e escultor de murais na Catedral de Nossa Senhora do Carmo. Participei como colaborador, aos 13 anos auxiliando na produção das obras; e, isso me impulsionou ainda mais, na minha paixão como futuro quadrinista. Eu já desenhava “*Suoer Herois*” em casa e, na escola desde os 5 anos de idade, no Jardim de Infância “Chapeuzinho Vermelho;” minha mãe, Maria do Carmo, comprava nas bancas os “*Gibis estilo Suor Herois Americanos,*” como: *Batman & Robin, Capitão América, Hulk, Superman, Thor e Homem de Ferro*, juntamente com os bonecos da época. Porém, eu descobri que, na mesma época, também existiam mestres por detrás desses heróis, sendo que um deles era o norte americano, Stan Lee, responsável por inspirar o meu pseudônimo. Também fiquei sabendo que, existiam os *Gibis Nacionais*, produzido por Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, pois eu já comprava nas bancas da Ilha e, me incentivou nos traços infanto-juvenis. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Suas produções são bastante variadas, uma vez que se apropria do rico espaço dos mitos contos e lendas para transportar a materialidade presente entre os povos indígenas e populações ribeirinhas ao longo de todo o seu processo criativo. As especificidades presentes nas suas produções independentes retratam com riqueza de detalhes o cotidiano do nosso povo, os animais, as plantas típicas de nossa regionalidade. O seu fazer artístico aborda as questões relacionadas à ancestralidade, como elemento característica presente no norte do país, em especial, a cidade de Parintins-Am através de seu estilo baseado no *comics herois*, como destaca em sua fala.

Adorei outros estilos comics, um deles, HQ's de terror, do mestre Eugênio Colones, o criador da vampira Mirza, porém, fui o primeiro artista do norte do Brasil, escolhido a participar a convite da Editora Serial Book, de São Paulo. Anteriormente, lancei em Parintins, a HQ: “*Titãs da Amazônia,*” com o título: “*Água, o combustível do povo arara,*” essa HQ retrata a realidade e ficção sobre os mananciais da Floresta Amazônica e, de planetas que cito como “*Araraius,*” que é o Planeta Marte. A história conta que, num passado longínquo continha em sua superfície o líquido mais precioso do universo, mas veio a entrar em colapso com disputa entre duas civilizações coirmãs (*Araras Vermelhas e Araras Azuis*), as últimas nações citadas eram os temidos vampiros. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Pressupondo que o objeto de suas produções tem um caráter representativo na sociedade, encontra dentro de seu processo de criatividade uma busca incessante para superar algumas de suas dificuldades. Encontramos algumas formas de continuar suas atividades em relação ao gênero, como possíveis alternativas na

divulgação e apresentação das ideias em seus trabalhos. Para tanto, conhecer melhor a trajetória do artista implica identificar como ele propõe suas concepções estéticas, baseadas nas obras materializadas das narrativas regionais através de sua fala.

No presente momento, ilustramos os desenhos por meio da “*Lei de Incentivo à Cultura Aldir Blanc*,” tendo três de seus projetos contemplados, dois de nossa autoria, os gibis *Garantido e Caprichoso*, os quais somos criadores da ideia e, a *Cartilha Educacional de preservação do meio ambiente*, com os personagens *Garantinho, Chozinho e os Titãs da Amazônia na luta pela preservação do meio ambiente*, com o roteiro da minha irmã e professora, Milene Brandão. O outro projeto aprovado foi da proponente, Andréia Alcântara, da agremiação folclórica Boi-Bumbá Estrelinha, com o título: “*A origem*,” o nosso mais recente trabalho, agora é o projeto: “*Força Extrema - Ameaça Viral*,” lançado em dezembro de 2022, a ser divulgado pela mídia em São Paulo. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Fávero (2019) sugere que, dentre os recursos linguísticos utilizados em torno do gênero HQ, estão os gestos e expressões dos personagens através dos desenhos, em que ficam evidentes uma mensagem transmitida ao leitor, embora não se possa esquecer de alguns recursos essenciais na elaboração dos quadrinhos. Em relação ao imaginário aplicado aos desenhos, estes tornam-se ferramentas fundamentais para a inserção de narrativas ricas em conteúdo acerca da beleza natural encontrada na região amazônica. Essas histórias retratam, principalmente, as figuras de personagens guerreiras e lendárias ambientadas no contexto da floresta e de suas representações simbólicas, como reporta Marlon Brandão, nas suas obras materializadas dentro de seu processo de criação artística.

É que nossa inspiração é um misto de quadrinhos americanos com quadrinhos nacionais, inspirados nas lendas amazônicas indígenas, nórdicas, entre outras, como a História Real do Guerreiro Ajuricaba, que iremos lançá-lo no final de 2022, enquanto que, as lendárias guerreiras Amazonas ou Icamiabas que estamos desenvolvendo, está prevista para ser lançada em 2023. Vale a pena ressaltar que, a nossa produção é feita de forma digital, pois este é o meio que encontramos para trabalhar as narrativas sobre o imaginário amazônico da nossa região. Não esquecendo de que, nossas raízes culturais estão relacionadas ao povo como identidade e pertencimento cultural, uma vez que, observo a transcrição exata das imagens por intermédio da oralidade. Essas atividades em sua maioria, são coletadas entre os simples moradores de comunidades ribeirinhas, de modo especial, na cidade de Parintins-Am. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Em linhas gerais, essas especificidades demonstram a importância da utilização dos elementos específicos nessa composição. Dentre os quais, citam-se os principais: o requadro; o balão; as legendas, que auxiliam os recursos linguísticos (discurso direto, onomatopeias e expressões populares); não verbais (gestos e expressões faciais) e, para linguísticos (prolongamento e intensificação de sons) na compreensão da narrativa. O texto das HQ's é previamente preparado, não apresentando uma formulação livre, uma das características da conversação. Nele, não se percebem as repetições e redundâncias próprias da oralidade, uma vez que, há uma elaboração prévia, assim como acontece num texto literário (MULTIRIO, 2001).

Conseqüentemente, o sentimento de conquista, liberdade e expressão supre essas dificuldades em nossa cidade, uma vez que instiga a produzir em maior escala com poucos recursos financeiros. O artista visual destaca o artista, como funciona o seu objeto de criação acerca da HQ's, contando mais sua trajetória.

Nossas produções são feitas com financiamento federais e estaduais recentemente, mas começamos com as produções independentes em 2017, porém, nossos projetos são bem antigos, antes das redes sociais. Com início por volta dos anos 90, o qual não tínhamos como entrar no mercado nacional, devido ainda, sermos considerados amadores na época. Hoje, conto com a parceira de meu filho, grande entusiasta das HQ's. (MARLON BRANDÃO, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

Nesse caso específico das histórias em quadrinhos, as narrativas adotam um caráter de autonomia quando são inseridas ao contexto de representação da identidade visual, apresentando subsídios necessários para o processo de criação e expansão dos desenhos sequenciais baseados na inclusão do meio digital. Assim, os desafios encontrados na materialização das concepções estéticas e artísticas surgem como uma forma de independência a partir da produção deste gênero literário.

Retratei de maneira transversal, a poética visual do meu processo criativo a partir da elaboração do projeto: Oficina de Histórias em Quadrinhos: “As narrativas orais sobre o imaginário amazônico dos comunitários do Macurany por meio das Histórias em Quadrinhos.” Essa oficina foi concebida dentro da comunidade pertencente ao Macurany, destacando o resultado de uma produção estética baseado na oralidade, onde as informações coletadas entre os participantes dizem respeito à utilização do gênero literário HQ. Esse procedimento corroborativo tem relação às

concepções que estiveram ligados ao regionalismo da localidade, as quais busquei alcançar nos públicos alvos em relação ao desenvolvimento de atividades presente no universo das artes. Procurei os conhecimentos voltados às memórias preservadas de um povo, estabelecendo-se profundas relações entre o fantástico e o sobrenatural presente no lugar.

Em relação aos procedimentos empregados nesta oficina, apresentei a transposição dessas narrativas orais voltadas às memórias coletivas desses comunitários, priorizando de maneira simples as ideias coletadas durante as minhas visitas à comunidade. Num formato de apresentação dessas estratégias de elaboração artística, pude ampliar o campo visual dos três elementos narrativos dispostos durante a pesquisa, ou seja, esse conjunto de ideias formou a composição da arte final, uma vez que a transformou num único desenho feito em papel *Canson*, tipo A3. O processo mostrou o passo a passo dessa produção, que vai do início até a sua finalização com a obra materializada. Para dar mais destaque à organização dos desenhos pré-concebidos, preocupe-me com a finalização por meio do *App Corel Draw*. Com o auxílio de uma equipe especializada, de apoio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, que estão me auxiliaram de forma voluntária.

Após a conclusão deste trabalho prático, apresentei aos comunitários o resultado através da exposição de um painel elaborado com uma imagem dessa composição, que ficou exposto no “mural informativo da Escola Municipal Santa Luzia do Macurany”, para conhecimento de todos os moradores acerca do projeto. Entendo que, desta forma, contribui com dedicação e boa vontade junto aos comunitários ao dispor de seu tempo, todavia, estas são as obras materializadas nas práticas colaborativas encontradas por meio de suas narrativas. Para realização desse projeto, foi necessário avaliar as informações que os mesmos retrataram no imaginário amazônico, atribuindo a existência imaginária de seres encantados no contexto popular. Tais prerrogativas marcaram a identidade cultural e social que paira sobre a história da comunidade, sendo decorrentes dos processos de construção das oficinas elaboradas acerca do assunto proposto.



Figura 50 - Elaboração do trabalho prático

Iniciei a prática do meu trabalho pensando primeiramente na maneira como iria realizá-lo e como encontrar a melhor forma de materializar as narrativas orais que foram coletadas durante minhas visitas à comunidade do Macurany. No primeiro momento, pensei em materializar as três narrativas por meio de desenhos em quadrinhos. No entanto, após analisar o fato, cheguei à conclusão de que, em outro trabalho, já havia usado dessa mesma técnica. Então, resolvi buscar algo inédito entre meus rascunhos e rabiscos, meus documentos de trabalho que me auxiliaram nesse processo. Neste ponto, uma conversa com os colaboradores da AAPP foi importante, pois, ideias e sugestões foram surgindo, clareando minha imaginação em relação ao meu propósito. A partir daí, pude concluir que a apresentação do trabalho unificando as três narrativas em uma única imagem ampliada no papel A3 seria ideal pra esse momento. Usando uma folha de papel A4, comecei o estudo dos elementos que vão compor minha produção. Minha imaginação foi fluindo naturalmente em relação ao cenário do meu imaginário. No decorrer desse estudo, procurei respaldar o respeito à religiosidade do lugar e os elementos da natureza, como as matas, o rio, o céu noturno e a lua que alimentam o imaginário da cultura popular.



Figura 51 - Rabiscos no papel

Formatada a ideia, comecei a rascunhar numa outra folha de papel A4 a minha percepção imaginada, retratando a paisagem, preservando as características do lugar, para que eu pudesse mostrar não só as narrativas orais (personagens), como também, as belezas naturais da comunidade. Como plano central, estão as histórias fantásticas da região, representadas nas telas com um tratamento estético extraordinário, evidenciando a riqueza das narrativas orais transformadas em desenhos.



Figura 52 - Composição inicial do cenário

Nessa minha composição, incluí as estradas que dão acesso à comunidade, as matas e ao fundo uma casa típica ribeirinha que fica à margem do Rio Parananema,

ilustrando com riqueza de detalhes o cotidiano do lugar. Estão nessas representações, os moradores da comunidade, os objetos foram transpostos na minha imaginação através de uma pessoa andando de bicicleta, cenário completo, em que inseri os meus personagens o “Pau da Visagem”, “Calça Molhada” e “Mulher de Branco”. Para destacar a devoção religiosa da comunidade, inseri como elemento central do meu cenário a Igreja Santa Luzia do Macurany. Além disso, representei a fé e a religiosidade local como o elemento central da comunidade, na qual os comunitários se reúnem até os dias de hoje, aos domingos, para debaterem assuntos de interesses de todos.

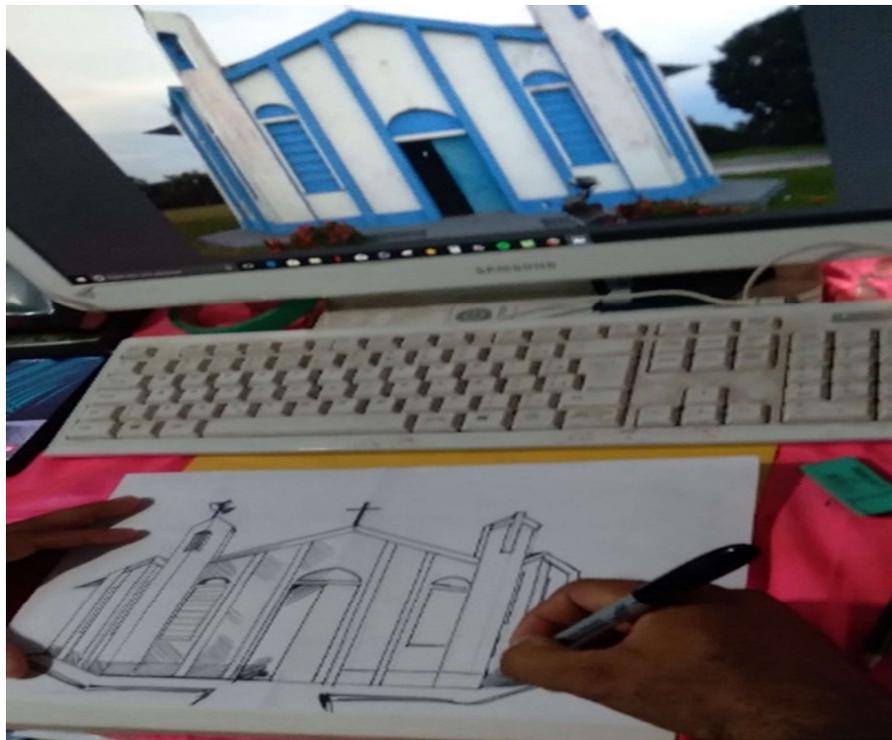


Figura 53 - Desenho da Igreja de Santa Luzia

Para produzir o desenho da Igreja de Santa Luzia, preservei seus detalhes em estilo neoclássico para finalização do objeto materializado, entretanto, eu, como artista/pesquisador, me desloquei até à comunidade para tirar uma fotografia. Abaixo, demonstro o desenho concluído, em que fiz um scanner da imagem reproduzida para iniciar sua edição. Utilizei para tanto, o App Corel Draw, em que colori e fiz as devidas montagens para finalização do plano ao fundo.

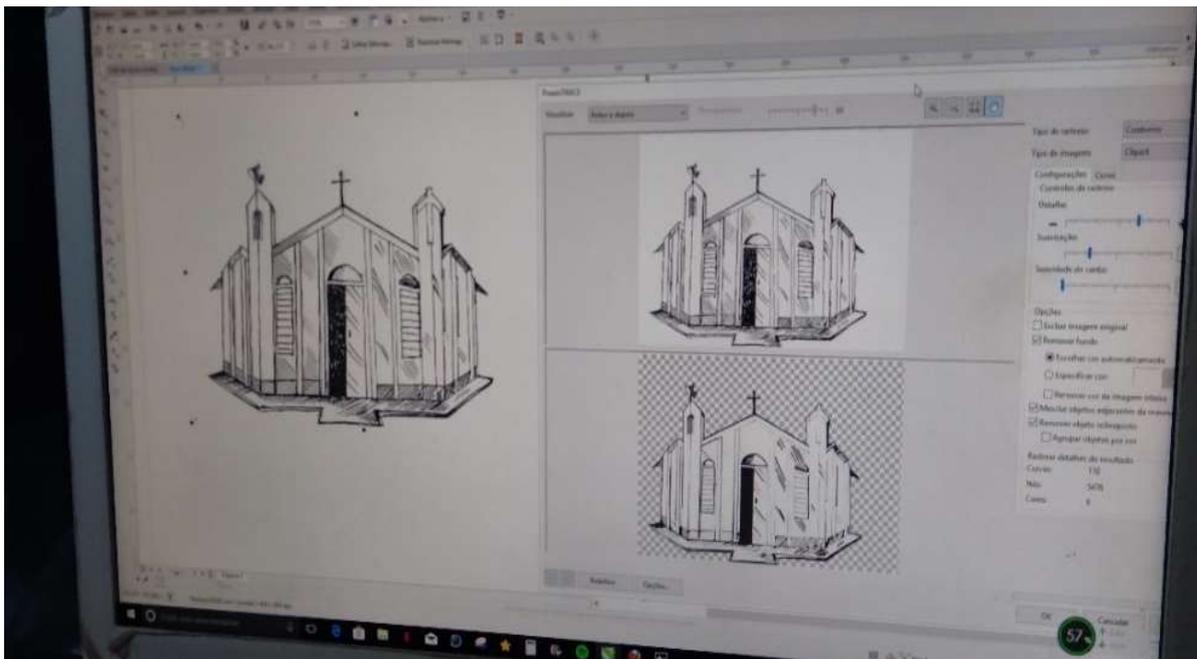


Figura 54 - Processo de colorização no Core Draw

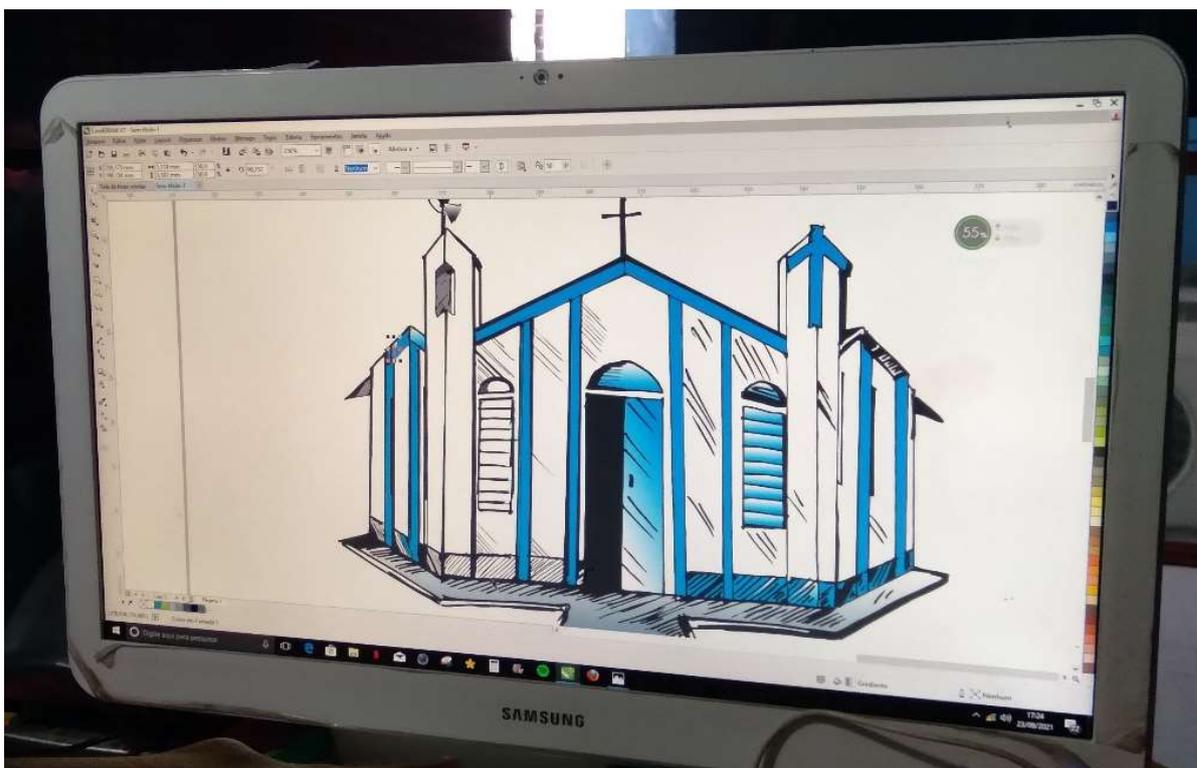


Figura 55 - Colorização no Corel Draw do desenho da Igreja de Santa Luzia

Aplicuei o Corel Draw para esse tipo de trabalho, o qual me possibilitou muitas facilidades na hora de editar as imagens. Entendi que é de extrema necessidade a pessoa agregar o elemento tecnológico ao seu processo de trabalho, como forma de obtenção de um resultado mais satisfatório acerca do conteúdo produzido. A partir

daí, comecei a segunda fase do processo que foi dar cores à composição, para assim, finalizar com mais exatidão os momentos das histórias presentes nos relatos.

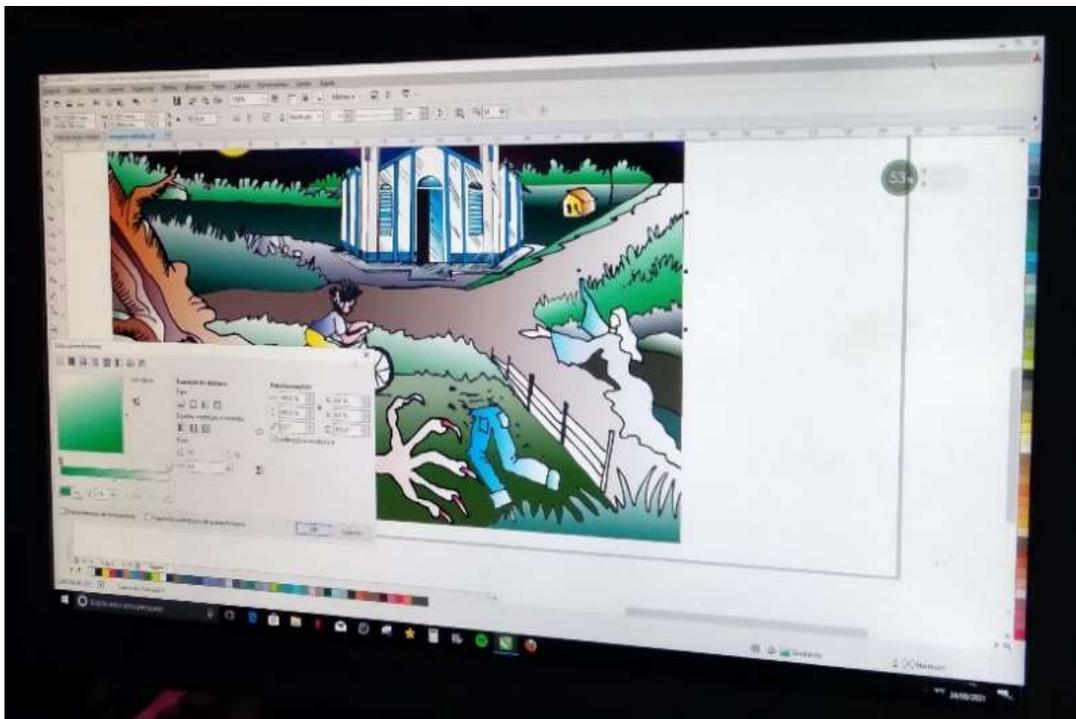


Figura 56 - Processo de colorização da composição

Como resultado final de todo esse processo, apresentei a composição materializada “As narrativas orais do Macurany: “Pau da visagem”, Mulher de branco” e Calça Molhada”. Uma imagem com características de um período noturno, dando ênfase ao imaginário dos comunitários, pois, segundo eles, é nas noites sombrias que esses seres sobrenaturais aparecem causando medo, pavor e arrepios em quem ouça andar em determinados horários pela comunidade. Durante o processo, consegui identificar dois conceitos sobre a imaginação e o imaginário, onde ambos estão diretamente imbricados ao contexto em questão em que estão inseridos acerca do imaginário.

A imaginação deu-se por conta no ato da criação do artista, em que muito contribuiu na construção daquilo que ele imaginou e a forma imaginada, ou seja, o fazer estético e artístico sob as memórias coletivas de um povo, com o propósito de materialidade por meio de uma única obra de representação em relação aos moradores. Associados a esses dois conceitos, a materialização aconteceu através de uma forma ligada ao uso da tecnologia, subsidiando os principais elementos de ligação das práticas de produção das obras em artes. A ferramenta que utilizei para

esse fim, é o Corel Draw, pressupondo a existência de uma roupagem baseada na configuração do formato de apresentação contido no objeto materializado. Entendo dessa forma que utilizei o computador como auxiliar, no meu processo como artista e de uma produção sob o aspecto dos comunitários, onde demonstrei os resultados significativos diante das produções elaboradas a partir da estética visual da obra.

Sob a perspectiva das narrativas, observei que estas são carregadas de elementos culturais sobre o lugar, pressupondo a existência de uma experimentação capaz de representar a identidade e o pertencimento presente em cada morador. Pressupõe-se nesse aspecto que fiz uma pesquisa em que compreendi a ação do objeto materializado. Reforcei a ideia de transposição do imaginário por meio de uma obra de arte, com o objetivo principal de estabelecer este estudo em que estive preocupado com o ato de estabelecer uma conexão concisa entre o método da experimentação e a arte. Portanto, encerrei o momento da oficina, como foi mencionado no início do capítulo, com a apresentação de uma obra estética composta por três principais narrativas do imaginário amazônico. Esses fenômenos formaram uma composição materializada das narrativas presentes na obra, que ficou exposta no mural da Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.



Figura 57 - Composição materializada "As narrativas orais do Macurany"

A partir do processo de materialização da composição das narrativas das três narrativas, procurei desenvolver essa mesma experiência baseada na experimentação, onde foi possível concretizar as concepções artística por meio das cinco narrativas dos participantes da oficina, a qual ocorreu a transposição do imaginário contido na revista. O sentimento de pertencimento representa as raízes identitárias e culturais de um povo no contexto das comunidades ribeirinhas de uma região, surgindo como instrumentos de facilitação das propostas baseadas no imaginário amazônico da comunidade do Macurany. Eu como artista/pesquisador, não poderia deixar o meu agradecimento pelo carinho recebido pelos comunitários, uma vez que as concepções a mim apresentadas são as narrativas coletadas por meio de cinco entrevistas adquiridas entre os participantes da localidade. Pude idealizar as narrativas do meu imaginário, oportunizando o andamento de meus estudos de materialização de Histórias em Quadrinhos. Os passos para concretização da obra foram incorporados inicialmente, com a entrega das narrativas e o roteiro, juntamente com o desenho produzido por cada aluno participante.

Os cinco relatos adquiridos por entrevistas colaboraram no método de transposição que contou com o apoio da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, contudo, as ideias apresentadas para a composição das telas receberam o tratamento artístico necessário dentro da proposta sugerida nesta trajetória. Como aborda o artista Rob Barbosa, em sua fala sobre os trabalhos realizados em torno do imaginário amazônico e de sua representação estética como obra através das considerações do processo artístico realizado na AAPP:

Dentro da proposta sobre o imaginário amazônico dos comunitários da localidade do Macurany-Parintins/AM, iniciou-se com a exposição original das imagens criadas pelas crianças da comunidade através de desenhos feitos em papel ofício, baseados nos relatos de seus pais sobre as histórias aqui referidas. A Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, entidade sociocultural sem fins lucrativos que sempre se engajou para dar sustentação a projetos sociais relevantes à comunidade parintinense, no momento em que Roberto Azevedo, associado, artista e articulador social, buscou integrar seu trabalho acadêmico com o objeto da entidade; não restou dúvida que isso só viria fortalecer a relação social entre os dois núcleos. Assim, por se tratar de uma ação prática artística e social a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins disponibilizou seu equipamento e uma equipe de parceiros para ajudar na edição de cada peça (desenho), através da ferramenta Corel Draw. Cada peça foi configurada através do escaneamento e transformada em imagem. Essas imagens, foram submetidas a um rastreamento de contorno e através da ferramenta Clipart

e foram transformadas em vetor para receberem as devidas cores. Foi um processo que envolveu a correção do contorno de cada desenho, com marcador à nankin para que, pudessem ser desagrupadas e receber a devida cor. Após esse processo as imagens já coloridas, foram transformadas em quadrinhos e, devidamente diagramadas para comporem a narrativa, ou seja, para configurar a história em quadrinho propriamente dita. (ROB BARBOSA, ENTREVISTA DE CAMPO, 2022).

As propostas acima citadas identificam como ocorreu o processo final de materialização das obras em telas, consistindo na elaboração do produto finalizado em relação à Revista de Histórias em Quadrinhos, em que estão as transposições das narrativas coletadas na comunidade do Macurany. Neste momento, elas receberam tratamento estético para a concepção das ideias sob o pertencimento e memórias de um povo, sendo esta a apresentação de toda a trajetória de estudos a partir do assunto proposto com essa finalidade pela revista, a qual será mostrada ao fim deste trabalho.

Apresento os resultados obtidos a partir da produção da revista, que devolvo para os participantes, tão integrados a este projeto tal como o sentimento de pertencimento que eles sentem pela sua comunidade. Em um sábado à tarde, me desloquei até a comunidade do Macurany, para apresentar para os comunitários a revista de HQ's "As Narrativas Orais dos Comunitários do Macurany em Parintins, Amazonas". Entreguei para cada participante um exemplar da revista e, como pode-se observar nas imagens, se sentiram orgulhosos de fazerem parte da materialização deste projeto sobre sua cultura local.



Figura 58 - Entrega dos exemplares aos participantes da produção da revista



Figura 59 - Participante: Yasmin Cris Silva Mendonça



Figura 60 - Participante: Vinícius Caldas de Andrade



Figura 61 - Participante: Yan Gabriel de Azevedo Castro



Figura 62 - Participante: Emily Souza Batista



Figura 63 - Participante: Layne Ribeiro Graça

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, confesso que senti dificuldades em sintetizar minhas ideias e, principalmente, focar no objetivo principal desse trabalho, que é falar de narrativas como poéticas visuais. Materializar toda essa riqueza cultural das narrativas em histórias em quadrinhos não é algo tão simples, pois é preciso explorar todo universo mítico e imaginário que permeia a comunidade pesquisada. No entanto, tem sido um grande prazer poder adentrar nessas narrativas por meio das memórias e lembranças de seus moradores que repassam essas histórias de geração para geração. Entendo que o estudo em questão é uma construção coletiva que envolve muitos saberes e conhecimentos ao longo de todo processo. Daí, a importância de se abarcarem os atores de ontem e de hoje, através de relatos e memórias das narrativas que, prioritariamente, passaram de geração a geração.

Através do contato com os comunitários, foi possível compreender a relação de pertencimento com as narrativas e o orgulho pelo resgate da memória daqueles que ajudaram a construir a história do lugar com suas riquezas, costumes e tradições. Nessa relação, pude refletir acerca dos processos artísticos com aqueles que não convivem com arte em seu cotidiano. A materialização das narrativas em histórias em quadrinhos tem como proposta principal oferecer a possibilidade de ampliação das narrativas baseadas no fazer artístico dos moradores da comunidade. Entendi, portanto, que o artista pesquisador precisa motivar aqueles que estão permanentemente em seu contato diário, pois além do embasamento teórico é importante ter uma abordagem multidisciplinar. Dentro dessas circunstâncias, deve-se estabelecer o conhecimento prévio dos aspectos acadêmicos aliados com o empírico presente na pesquisa, não se esquecendo dos saberes tradicionais recorrentes na linha do imaginário amazônico local.

Para melhor catalogar as narrativas e explorar o universo das HQ's, contei com a valiosa ajuda dos parceiros da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins e Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins. Fiz uma intervenção trabalhando arte junto com educação, no intuito de provocar naquele morador da comunidade o sentimento de pertencimento. Ao mesmo tempo, procurei instigar a valorização de seus costumes e tradições que são detalhados em suas narrativas orais, buscando

meios de materializá-las, transportando-as do universo mítico e sobrenatural para uma realidade carregada de significados.

Para a elaboração do meu trabalho de pesquisa, tive como base a proposta do artista Ricardo Moreno, por intermédio de uma reflexão sobre os processos artísticos presentes nas comunidades. Esse pensamento esteve voltado para as pessoas distantes dos sistemas que integram os processos estéticos e artísticos, todavia, sua abordagem está no papel dos diferentes agentes participantes da comunidade em cada procedimento adotado durante a realização das oficinas. Dentre as metas estipuladas no desenvolvimento de ensino, esteve o papel do artista entre os comunitários e como se desenvolvem os métodos em artes na prática; que foram além do campo das ideias e necessitaram de uma profunda ponderação de minhas expectativas. Além disso, foram estabelecidas as relações presentes no fazer artístico com a comunidade, os saberes tradicionais locais e populares. Tais prerrogativas tornaram-se essenciais na construção de valores voltados as narrativas poéticas visuais, evidenciando, por meio dessa temática, a funcionalidade das questões colocadas em curso em decorrência da trajetória relacionada até a materialidade das obras.

As sugestões acima sugeridas nortearam as minhas concepções acerca do imaginário amazônico das comunidades ribeirinhas, pressupondo o desenvolvimento de atividade no contexto da comunidade do Macurany. Acredita-se que a arte está baseada no princípio de formação identitária e cultural, situando os membros pertencentes às comunidades numa ação participativa, em prol de uma sociedade mais justa e libertária. A atuação comunitária aconteceu num ambiente independente de qualquer questão ideológica, conduzindo os estudos principalmente para o interesse da comunidade em que vivem. As experiências adquiridas durante suas investigações foram fundamentais para se alcançar resultados significativos em torno da participação dos moradores que preservam suas próprias histórias transfiguradas em memórias coletivas. Os relatos são fundamentalmente a transmissão das narrativas perpassadas com o passar dos tempos, a fim de atingir novos públicos e continuar existindo por intermédio de recursos linguísticos essenciais a conservação da imaginação.

Toda essa consistência em proporcionar experiências compartilhadas são frutos de um sistema de colaboração comunitária, ou rede, como sugerem as práticas trabalhadas por Baptista. A abordagem dessas ações está no simples fato de se

ampliar o compartilhamento artístico, como forma de se estabelecimento da arte em comunidades. As marcas presentes nas pesquisas demonstraram o sentimento de pertencimento em cada participante, possibilitando os meios de caracterização de uma identidade simbólica presente no aspecto estético e visual. Essa série de acontecimentos ou discussões possibilitaram profundas ponderações no espectador, ao se observar o sentimento e a importância das práticas sociais como mediadoras das experiências narrativas e imaginárias em pleno contexto amazônico.

As atitudes adotadas envolveram os comunitários para uma realidade baseada em conhecimentos estáticas adquiridas ao longo da vida. A tradição da oralidade esteve ligada ao processo de aprendizagem, em que se utilizou de um instrumento capaz de instaurar o compartilhamento das ideias, uma vez que todas as ações estiveram interligadas ao desenvolvimento das aprendizagens. Os procedimentos utilizados tornam-se eficazes quando se propuseram a atender as expectativas dos participantes, em que todos ficaram satisfeitos com os resultados através da transmissão dos conhecimentos acerca do assunto abordado na ocasião.

Observou-se a importância das questões metodológicas, como sugestões de atividades que envolveram, principalmente, o campo da informação sintetizadas ao campo do processo dialogal e imaginário. Pressupondo-se que a instrumentalização dessas atividades como recursos de transposição da arte foram fontes inesgotáveis na integração das possibilidades artísticas em ascensão; obtive com sucesso o engajamento de produção entre os comunitários. Assim, o contexto participativo foi, em sua essência, um elemento primordial na mediação dos estudos, visto que sua utilização primou pela inserção das estratégias metodológicas de desenvolvimento da pesquisa.

Como artista pesquisador, sigo em frente com o sentimento de dever cumprido, da sensação que todo o esforço valeu a pena para que a pesquisa fosse desenvolvida com grande êxito. As minhas atribuições nesse processo não foram somente materializar o imaginário de uma comunidade rural por meio de uma revista ou somente divulgar a cultura do lugar, mas, antes de tudo, valorizar o que o caboclo ribeirinho tem de melhor em sua sabedoria popular e devolver a ele o sentimento de pertencimento que sente pela sua localidade. Tal sentimento pude notar durante a apresentação dos resultados da pesquisa na comunidade, onde cada participante da produção da revista “As Narrativas Orais dos Comunitários do Macurany” recebeu um exemplar como forma de agradecimento por toda a dedicação e o compromisso com

o projeto em questão. Percebi o quanto ficaram orgulhosos, o quanto se sentiram valorizados por morarem em sua comunidade e quão ficaram felizes com os seus nomes estampados na ficha técnica da revista. Momentos como esses me fizeram entender a dimensão e a importância da pesquisa para a comunidade.

No entanto, além da relevância sociocultural, vale ressaltar a importante contribuição que a pesquisa tem para as artes visuais, pois passa a mostrar um novo olhar para a nona arte, assim como ficou conhecida a arte sequencial, uma arte que muitas vezes foi subestimada, não recebendo o devido valor. Logo, passa-se a criar uma nova linha de pensamento em relação à produção artística das HQ's do método de construção durante todo o processo criativo do artista pesquisador.

A pesquisa em artes visuais, realizada no Macurany, se torna uma nova fonte de pesquisa para estudantes e pesquisadores interessados nessa temática relacionada à arte e à cultura. A partir desse projeto, a arte dá voz aos moradores de uma comunidade amazônica, para divulgarem sua cultura e apresentarem o lugar onde vivem, o qual, muitas vezes, é esquecido.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston, 1884-1962. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Coleção Tópicos.

BAPTISTA, Ricardo Alfonso Moreno (2018). *Lanternas flutuantes: praticas artísticas de participação comunitária com habitantes das ilhas no bairro Arquipélagos em Porto Alegre, na era do Antropoceno*. Tese (Doutorado em Artes Visuais), Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178630>. Acesso em: 10 de jun.de 2021.

BIASOTTO, Livia Donida. (2018). *Processos artísticos em ação: modos de fazer cidade*. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180538> Acesso em 21 jan. de 2023.

BENJAMIN, W. (Ed.). *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITES, Blanca; TESSLER, Élide, (org.) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: UFRGS, (2002).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Lendas Brasileiras*. 7 ed. São Paulo: Global, 2001.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15ª ed. Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995 ISBN 85-11-01046.

COLI, Jorge. *Professor de história da arte na Unicamp*, autor de “O Corpo da Liberdade” Ilustríssima, Folha de S. Paulo, 27.mai. 2018.

CORTÁZAR, Julio. *Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores*. In Valise de cronópio. Trad. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DAMISCH, Hubert. Ciclo de conferências organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian. *Que Valores para este Tempo?* 25-27 outubro de 2006.

DIONÍSIO, A. P. *Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita*. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. 3ª Ed. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Mircea Eliade; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Trópicos).

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. 4ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Linguística textual: História, delimitações e perspectivas*. Revista Linguística textual - linguística textual e análise de conversação: conceitos e critérios de análise. São Paulo: USP & PUCSP, 2019 - V. 13, N. 25.

FIORUSSI, André. *In: Antônio de Alcântara Machado et alii. De conto em conto*. São Paulo; Ática, 2003.

JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. H. W. Janson, Anthony F. Janson; (tradução Jefferson Luiz Camargo) – São Paulo – SP: Martins Fontes, 1988.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup. 1995.

\_\_\_\_\_. João de Jesus Paes. *Obras reunidas: poesia I*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MAFFESOLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS. Porto Alegre: Quadrimestral, 2001, agosto, nº 15.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEIHY E SEAWRYGHT, José Carlos e Leandro. *Memórias e narrativas: História oral aplicada*. Editora Pinsky Ltda. São Paulo: contexto, - 2020.

NOGUEIRA, Wilson. *Boi-bumbá – Imaginário e espetáculo na Amazônia*. Editora Valer, Manaus 2014.

ROJO, R. *O texto no ensino-aprendizagem de línguas hoje: desafios da contemporaneidade*. *In: TRAVAGLIA, L.C.; FINOTTI, L.H.B.; MESQUITA, E.M.C. (Orgs). Gêneros de texto: Caracterização e ensino*. Uberlândia: EDUFU, 2008. Cap. 1, p. 9-43.

SAUNIER, Tonzinho. *Parintins: Memórias dos acontecimentos históricos Manaus*: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SILVA, Almiro Lima da. *História da Comunidade do Macurany: As problemáticas sociais decorrentes do crescimento da cidade de Parintins - AM*. (Relatório de pesquisa apresentado ao Programa de Apoio a Iniciação Científica – PAIC) do CESP/UEA. AM: Parintins, 2013.

\_\_\_\_\_. Almiro Lima da. *A Memória e o presente da comunidade do Macurany, em Parintins-AM: Análise discursiva*. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6329>> Acesso em 21 jan. de 2023.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Juremir Machado da Silva – Porto Alegre: 3a Edição, Sulina, 2020

VALENTIN, Andréas. *Vermelho: um pessoal Garantido*, Rio de Janeiro; Ponto de Vista, 1998.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos*. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2017.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: Estudo do homem nos trópicos*. tradução de Clotilde da Silva Costa. – 3. ed. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. *As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas Oral*. Universidade Federal do Pará (UFPA), Letras, Santa Maria, v. 27, n. 55, p. 109-128, jul./dez. 2017.

SIMÕES, Maria do Socorro Galvão. *Memória e Imaginário: Percepções sobre a rádio educadora em Bragança – PA*. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 12, nº 01 - jan/jul, 2020. ISSN: 2176-9125

*Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

MULTIRIO. *Quadrinhos Guia Prático*. Rio de Janeiro – RJ: WalPrint Gráfica e Editora, Setembro de 2011. 65p.

**ANEXOS**

1. Revista Narrativas Oraís dos Comunitários do Macurany.....135
2. Portfolio de José Roberto Costa de Azevedo.....151

# AS NARRATIVAS ORAIS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY

Jose Roberto Costa de Azevedo  
na Comunidade do Macurany



PARINTINS - AMAZONAS

**Organizador**

José Roberto Costa de Azevedo

**Editores**

José Roberto Costa de Azevedo e Jhonatan Beltrão

**Pesquisa e Fundamentação**

José Roberto Costa de Azevedo

**Roteiro**

José Roberto Costa de Azevedo

Rob Barbosa

José Valdenilson Simas

Layne Ribeiro Graça

Iasmin Cris Silva Mendonça

Emily Souza Batista

Yan Gabriel de Azevedo Castro

Vinícius Caldas de Andrade

**Revisão**

José Valdenilson Simas

**Ilustração capa**

José Roberto Costa de Azevedo

**Capa**

Jhonatan Beltrão

**Desenhos**

Layne Ribeiro Graça

Iasmin Cris Silva Mendonça

Emily Souza Batista

Yan Gabriel de Azevedo Castro

Vinícius Caldas de Andrade

**Vetorização**

Rob Barbosa e Jofre Mendes da AAPP

**Balões e Recordatórios**

Layne Ribeiro Graça

Iasmin Cris Silva Mendonça

Emily Souza Batista

Yan Gabriel de Azevedo Castro

Vinícius Caldas de Andrade.

**Diagramação**

Jhonatan Beltrão

**Colaboradores**

Associação dos comunitários do Macurany

Coletivo Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins

Associação dos Artistas Plásticos de Parintins

**Agradecimentos**

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros (UFAM)

Prof. Dr. Paulo Antonio de Menezes Pereira da Silveira (UFRGS).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Narrativas orais dos comunitários do Macurany  
[livro eletrônico] / organizadores José Roberto  
Costa de Azevedo, Maria Ivone dos Santos,  
Ricardo Afonso Moreno Baptista. -- Parintins, AM :  
José Roberto Costa de Azevedo, 2022.  
PDF

Vários colaboradores.  
ISBN 978-65-00-57255-1

1. Comunidade do Macurany - Parintins (AM)  
2. Folclore - Brasil 3. Folclore - Parintins (AM)  
4. Histórias em quadrinhos I. Azevedo, José Roberto  
Costa de. II. Santos, Maria Ivone dos. III. Baptista,  
Ricardo Afonso Moreno.

22- 136647

CDD - 741.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Histórias em quadrinhos 741.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB- 8/9380

**Impressão**

**HR Inovações Gráficas**

Rua Paulino de Melo, 34 – Centro

CEP: 69.160-000 - Barreirinha – Amazonas – Brasil

Telefones: (92) 99318-4636

## APRESENTAÇÃO

Essa revista de Histórias em Quadrinhos é resultado da pesquisa de Mestrado Interinstitucional, MINTER, turma 28, área de Concentração de Poéticas Visuais, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV-UFRGS, em acordo de Cooperação Técnica com a Universidade Federal do Amazonas UFAM.

A pesquisa AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY EM PARINTINS-AM POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS foi desenvolvida sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Ivone dos Santos e do coorientador o Prof. Dr. Ricardo Alfonso Moreno Baptista,

O trabalho aqui apresentado foi realizado com os comunitários do Macurany, na zona rural do Município de Parintins, AM. As cinco narrativas Rio Negro e Solimões, As Cobras do Parananema, A Sereia do Lago Parananema, O Encantado Marinho e o Bicho Folharal são resultado da oficina de HQ's oferecida aos comunitários da localidade durante o laboratório em contexto na prática de campo em 2020. Os jovens coletaram narrativas orais em seu seio familiar, produzindo os roteiros que serviram para a elaboração dos desenhos nos quadrinhos, contribuindo, dessa forma, para a produção da revista. A oficina contou com a colaboração dos coletivos: Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins e a Associação dos Artistas Plásticos de Parintins - AAPP.

A publicação reúne cinco desenhos elaborados por Layne Ribeiro Graça, Iasmin Cris Silva Mendonça, Emily Souza Batista, Yan Gabriel de Azevedo Castro e Vinícius Caldas de Andrade, que foram posteriormente contornados, coloridos e preparados para a publicação pelos artistas da AAPP. Uma homenagem a todos os comunitários e colaboradores que abraçaram esse projeto desde o primeiro momento em que chegamos à localidade até a sua conclusão. Compartilhamos narrativas orais transmitidas de geração a geração, aqui materializadas pelos próprios comunitários. São eles que nos conduzem pelo maravilhoso mundo dos encantados que povoam a Cultura Amazônica.

José Roberto Costa de Azevedo  
Parintins, 2022

## SUMÁRIO

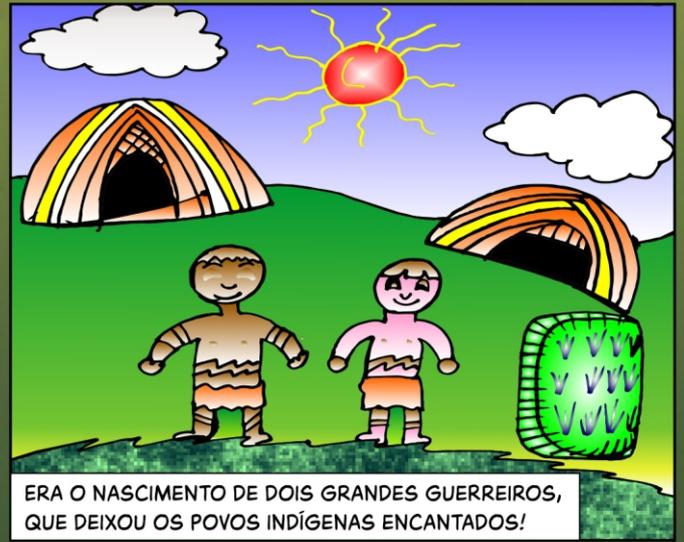
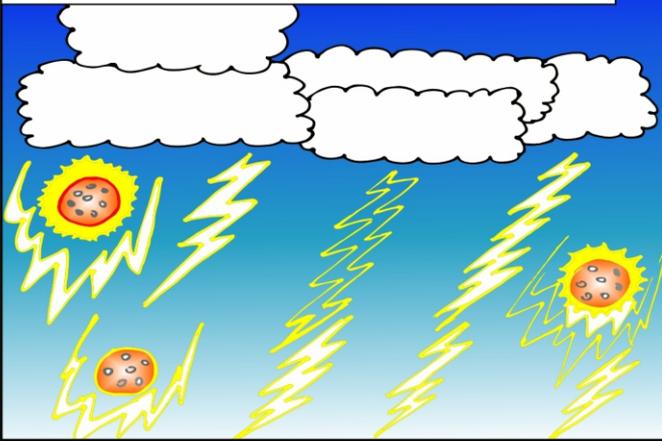
RIO NEGRO E SOLIMÕES.....	5
AS COBRAS DO PARANANEMA.....	7
A SEREIA DO LAGO DO PARANANEMA.....	9
O ENCANTADO MARINHO.....	11
BICHO FOLHARAL.....	13



# RIO NEGRO E RIO SOLIMÕES

Por: Maria Lurdes Silva Ribeiro  
Pesquisa: Layne Ribeiro Graça  
Local: Com. de Macurany - 2022

UM DIA HOUVE NO CÉU TROVÕES E SARAIVADAS DE FOGO POR TODO O PLANETA!



ERA O NASCIMENTO DE DOIS GRANDES GUERREIROS, QUE DEIXOU OS POVOS INDÍGENAS ENCANTADOS!

O MORENO ERA O "NEGRO", O BRANCO ERA O "SOLIMÕES"!



ELES DEFENDIAM AS TRIBOS CONTRA A INVEJA DE UM FEITICEIRO DA TRIBO RIVAL!

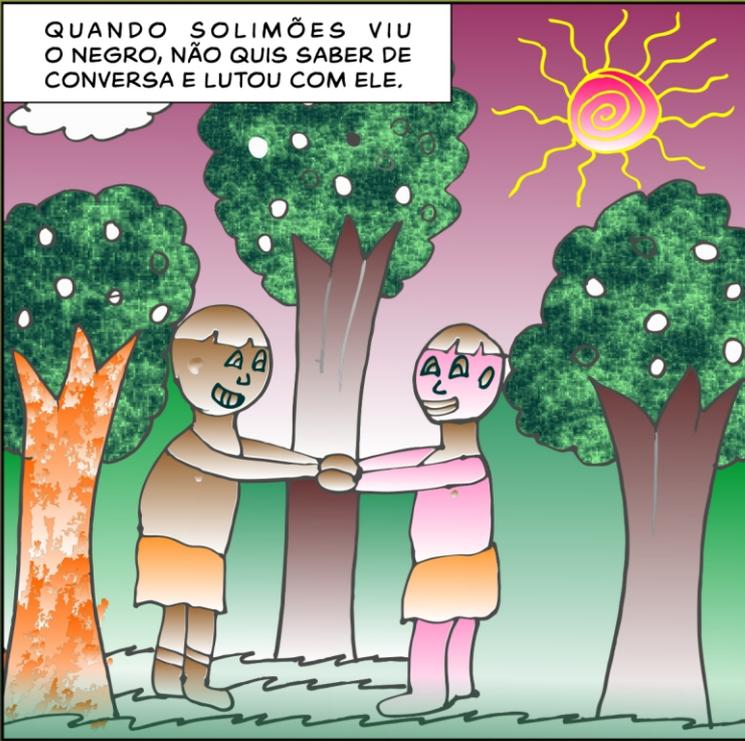
PARA CAUSAR DESUNIÃO, O FEITICEIRO CRIOU MENTIRAS. INDO ATÉ SOLIMÕES, DISSE-LHE:



OS POVOS INDÍGENAS PREFEREM O NEGRO, PORQUE ELE É MAIS CORAJOSO. NÃO É COMO VOCÊ QUE VIVE AGITADO. O NEGRO FICA FALANDO QUE VOCÊ É FALSO!



QUANDO SOLIMÕES VIU O NEGRO, NÃO QUIS SABER DE CONVERSA E LUTOU COM ELE.



CONFUSO E QUASE SEM FORÇAS NEGRO DIZIA:

PORQUÊ DÁ OUVIDO AO FEITICEIRO? VOCÊ É MEU MELHOR AMIGO!



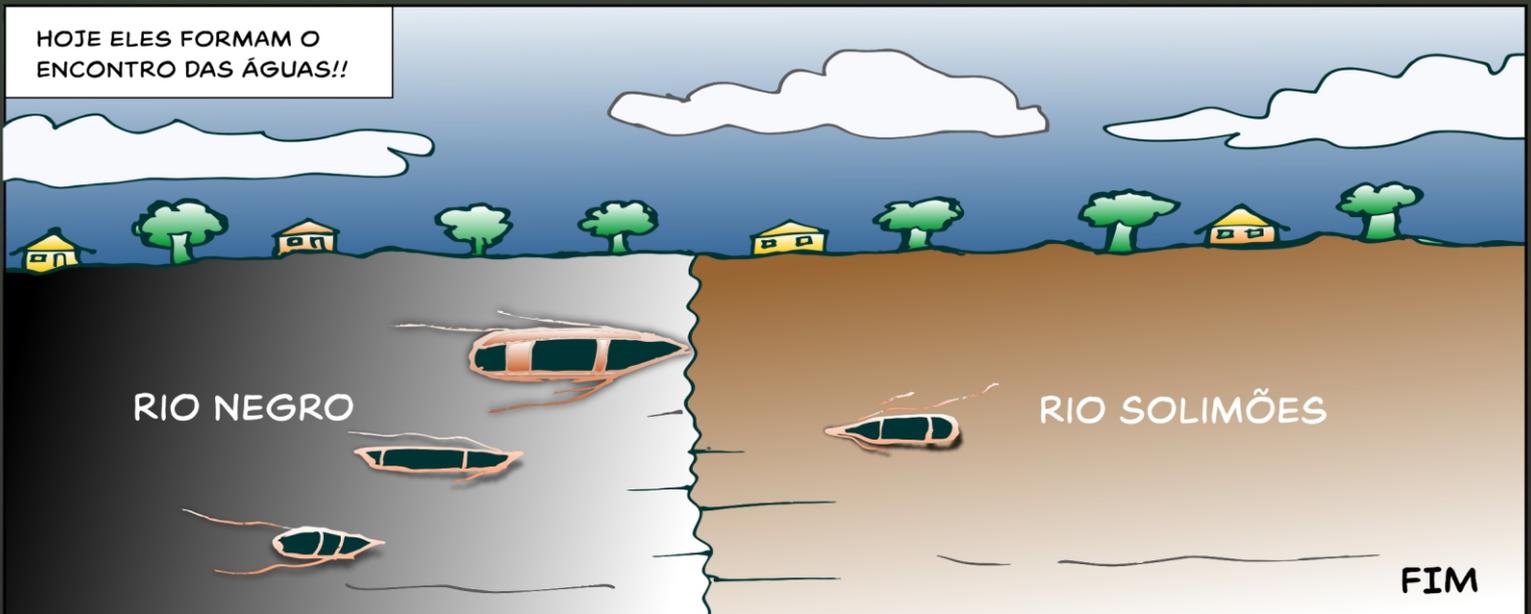
OS DOIS SE ABRAÇARAM E SANGRARAM ATÉ A MORTE!!



OS INDÍGENAS COLOCARAM OS CORPOS NA ÁGUA E ELAS SE TRANSFORMARAM NOS RIOS NEGRO E SOLIMÕES!



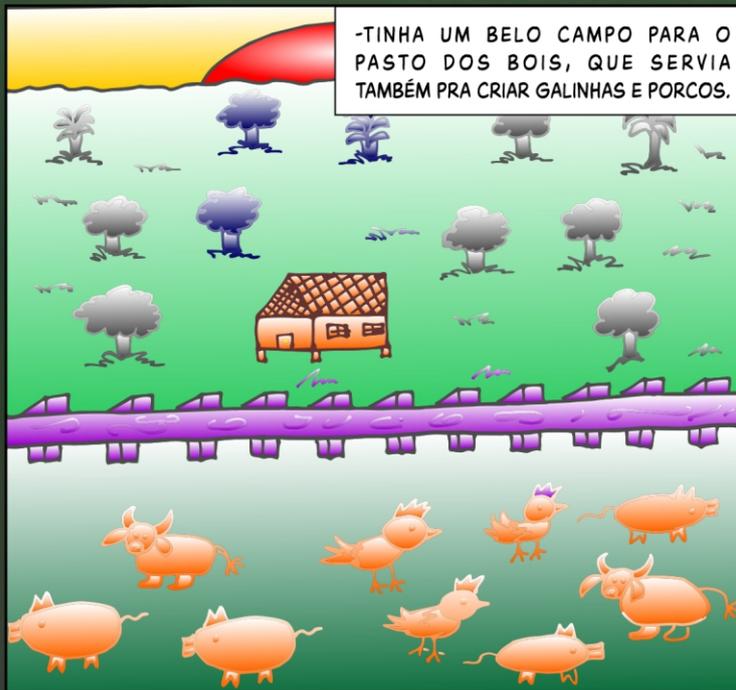
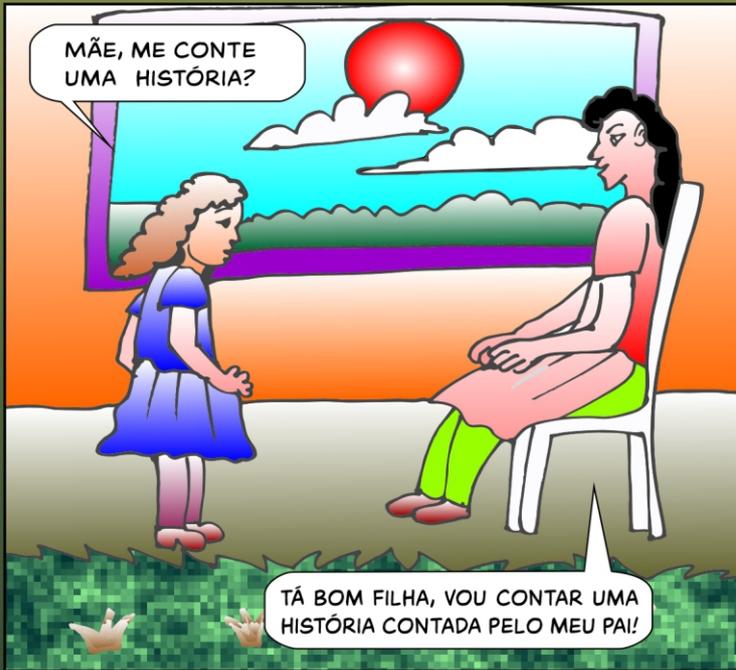
HOJE ELAS FORMAM O ENCONTRO DAS ÁGUAS!!



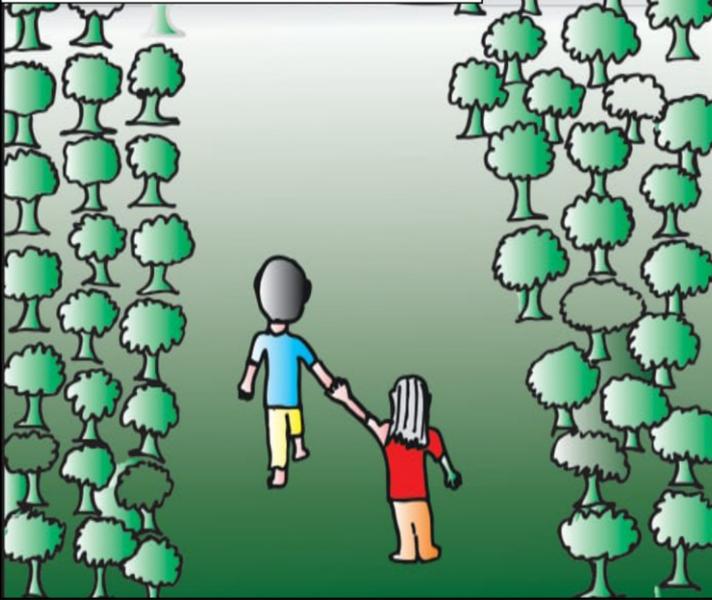
FIM

# AS COBRAS DO PARANANEMA

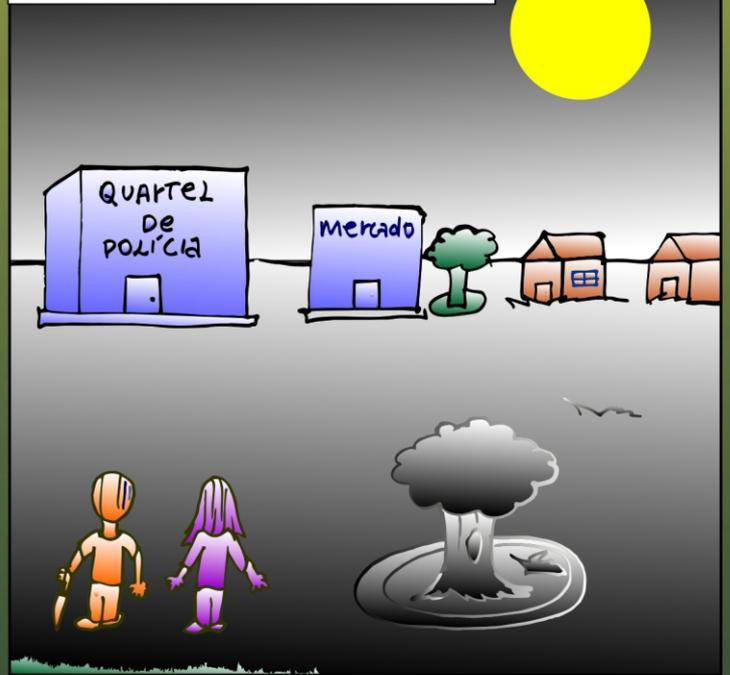
Por: Inês Cândido da Silva  
Pesquisa: Iasmim Cris Silva Mendonça  
Local: Com. do Macurany - 2022



-COM TERÇADO EM PUNHO, SAIRAM PELA MATA À DENTRO ATÉ CHEGAREM A UMA ESTRADA. ESTA ERA A ÚNICA SOLUÇÃO PARA PEDIREM AJUDA NA CIDADE...



-AO CHEGAREM NA CIDADE, FORAM ATÉ AO QUARTEL DE POLÍCIA E CONTARAM O OCORRIDO.

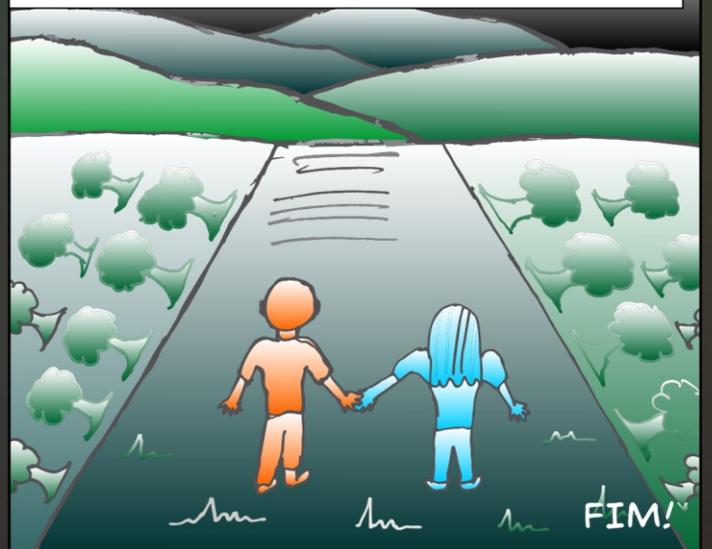


-ENTÃO, PEDIRAM DAS AUTORIDADES PARA QUE VÁRIOS HOMENS ARMADOS FOSSEM ATÉ A LOCALIDADE, PARA VERIFICAREM O OCORRIDO.



-AS SERPENTES DEIXARAM UMA GRANDE LISURA E UM TERRÍVEL PITIÚ NA MORADIA DO CASAL.

-OS DONOS FORAM OBRIGADOS A VENDEREM SUAS TERRAS, POIS FICARAM COM MEDO QUE AS COBRAS VOLTASSEM PARA LHES FAZEREM MAL!



# A SEREIA DO LAGO DO PARANANEMA

Por: Onildo Souza Batista  
Pesquisa: Emily Souza Batista  
Local: Comunidade: Macurany - 2022





FIM

# O ENCANTADO MARINHO

Por: Tereza Azevedo - 11 anos  
Pesquisa: Yan Gabriel de Azevedo Castro  
Local: Com. do Macurany - 2021



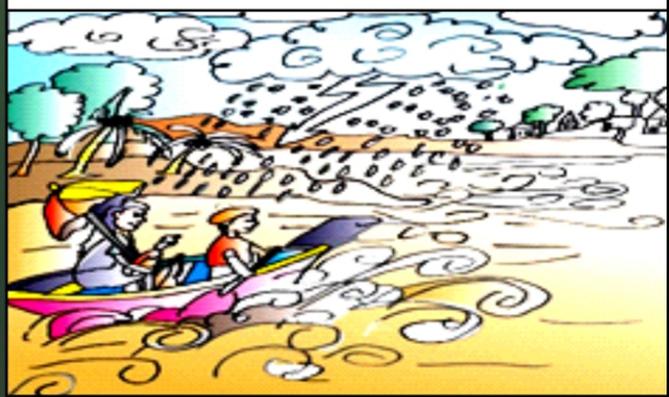
-FOI NO LAGO DO MAMURIAÇÁ QUE ACONTECEU UM FATO MISTERIOSO EM QUE UMA CRIANÇA RECÉM-NASCIDA CHAMADA MARINHO DESAPARECEU E NUNCA MAIS FOI ENCONTRADA. ELA SE TORNOU O «ENCANTADO MARINHO» E JUIVA DAS MULHERES MESNTRUADAS, DE RESGUARDE, OS BÉBADOS QUE O DEIXAVA IRRITADO.



-MARINHO NASCEU DE PARTO NORMAL, E SUA MÃE DEU-LHE ESTE NOME, NO ENTANTO, APÓS O RESGUARDE, ELA TEVE UMA HEMORRAGIA GRAVE. SEM RECURSOS NA COMUNIDADE, EM UMA CANOA O PAI, MÃE E O FILHO SEGUIRAM PARA A CIDADE DE NHAMUNDÁ EM BUSCA DE ASSISTÊNCIA MÉDICA.



-MAS, AO SE APROXIMAREM DE UMA CABECEIRA PRÓXIMO À COMUNIDADE DE SANTO ANTÔNIO, UMA GRANDE TEMPESTADE COM VENTOS FORTES OS SURPREENDEU.



UMA GRANDE ONDA VIROU A CANOA COM O CASAL E SEU BEBÊ RECÉM-NASCIDO. O ESPOSO CONSEGUIU DESVIRAR A CANOA E COLOCOU A ESPOSA E A CRIANÇA DENTRO, POIS NÃO PODIAM FICAR ALÍ COM AQUELA TEMPESTADE E O FORTE VENTO.

ENTÃO APÓS ISSO ELE SEGUIU. SEGUNDOS DEPOIS ELE VOLTOU COM UM HOMEM IDÊNTICO AO SEU ESPOSO E PEDIU SEU BEBÊ, ELA INOCENTE E DESESPERADA ENTREGOU O BEBÊ AO SEU SUPOSTO ESPOSO



EM UM CURTO TEMPO SEU ESPOSO VOLTOU E PEDIU O BEBÊ. FOI AÍ QUE PERCEBERAM QUE TINHA ALGO ESTRANHO ACONTECENDO. QUANDO A TEMPESTADE PAROU, INICIOU-SE UMA DISCUSSÃO ENTRE O CASAL.

EU TE ENTREGUEI A CRIANÇA A G O R A H Á P O U C O , CADÊ ELA??

MULHER VOCÊ NÃO ME DEU NÃO, EU FUI PEDIR AJUDA E SÓ CHEGUEI AGORA!

MAS COMO? SE EU TE ENTREGUEI ELE! CADÊ MEU FILHO, CADÊ MEU FILHO??



A ESPOSA AFIRMAVA COM CONVICÇÃO QUE TINHA ENTREGADO O SEU BEBÊ AO SEU ESPOSO E ELE NEGAVA. NO DIA SEGUINTE FIZERAM UM GRANDE «PUXIRUM» FORMADO POR MUITAS PESSOAS COM O ÚNICO OBJETIVO DE ENCONTRAR O CORPO DO BEBÊ DESAPARECIDO, NÃO CONSEGUIRAM ENCONTRA-LO, USARAM ARRASTÕES DE PESCA E NÃO TIVERAM SUCESSO, A ÚNICA COISA QUE ACHARAM FOI A TOUQUINHA E A CAMISINHA DO BEBÊ QUE FICOU PENDURADA EM UM GALHO DE ARAÇAZEIRO.



APÓS SETE ANOS DO FATO ACONTECIDO, O MENINO VEIO NO SONHO DE SUA MÃE E CONTOU TUDO COMO HAVIA ACONTECIDO E PEDIU PRA ELA QUE NÃO SE PRECUPASSE COM ELE, POIS ELE ESTAVA BEM, NUM LUGAR LINDO E QUE SE TORNARA O GUARDIÃO DA ÁGUAS DESSE RIO E TODOS TERIAM QUE RESPEITÁ-LO OU SOFRERIAM AS CONSEQUÊNCIAS.



HOJE MUITOS JÁ FORAM VÍTIMAS DESSE SER ENCANTADO QUE PAIRA E REINA NAS PROFUNDEZAS DAS ÁGUAS DO CONHECIDO LAGO DO MAMURIACÁ, LOCALIZADO NA REGIÃO DE NHAMUNDÁ, O FAMOSO ENCANTADO MARINHO!



FIM

# BICHO-FOLHARAL

Por José Domingos Ferreira de Souza, 60 anos  
Pesquisa: Vinícius Caldas de Andrade - 14 anos  
Escola estadual São José Operário - 2021



HÁ MUITO TEMPO ATRÁS NA ESTRADA DA COMUNIDADE MACURANY, CONTAVAM QUE A PARTIR DAS 18H DA TARDE NÃO ERA ACONSELHÁVEL ANDAR PELA ESTRADA.

PORQUE QUEM TEIMASSE PASSAR, ERA PERSEGUIDO PELO BICHO-FOLHARAL QUE FAZIA AS PESSOAS FICAREM ASSUSTADAS E CORRIA ATRÁS DE QUEM PASSAR POR ALI FORA DE HORA.



O LUGAR QUE ELE MAIS FICAVA ERA PRÓXIMO DA CURVA DA CRISTINA, UM BALNEÁRIO MUITO CONHECIDO POR TER UM RIACHO DE ÁGUAS CORRENTES VINDO DE DENTRO DE UM CHAVASCAL.



ENTÃO QUEM PASSASSE DE NOITE, LEVAVA CARREIRA DO BICHO-FOLHARAL.



UM SENHOR LÁ DA COMUNIDADE DO PARANANEMA, DE NOME JANUÁRIO COSTA, MAIS CONHECIDO COMO SEO JANUCA, HOMEM DE ESTATURA BAIXA, CORAJOSO, ANDAVA SEMPRE COM UM PUNHAL AFIADO DOS DOIS LADOS.



SEO JANUCA RESOLVEU CONHECER O TAL BICHO-FOLHARAL.  
FEZ UMA VIAGEM PRA CIDADE E RESOLVEU VOLTAR SÓ  
A NOITE DE PROPÓSITO PARA ENCONTRAR O BICHO.



SEO JANUCA NÃO SE INTIMIDOU,  
SE APROXIMOU E FALOU:



VENHA SEJA QUEM FOR,  
HOJE VAMOS TIRAR NOSSA  
DIFERENÇA!!

ENTÃO, CHEGANDO PERTO DO BICHO, PUXOU O PUNHAL DA CINTURA  
E METEU FOLHA À DENTRO, ALCANÇANDO A BARRIGA DO BICHO,  
QUE NUM GRANDE SALTO GRITOU:



ENTÃO EM VEZ DE SEO JANUÁRIO CORRER,  
FOI O BICHO-FOLHARAL QUE CORREU.  
ASSIM, TODOS FICARAM SABENDO QUE  
NÃO EXISTIA BICHO NENHUM.



NÃO ME FURE SEO JANUCA, SOU EU  
QUE ASSUSTAVA AS PESSOAS!!



FIM!

## OFICINA DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS

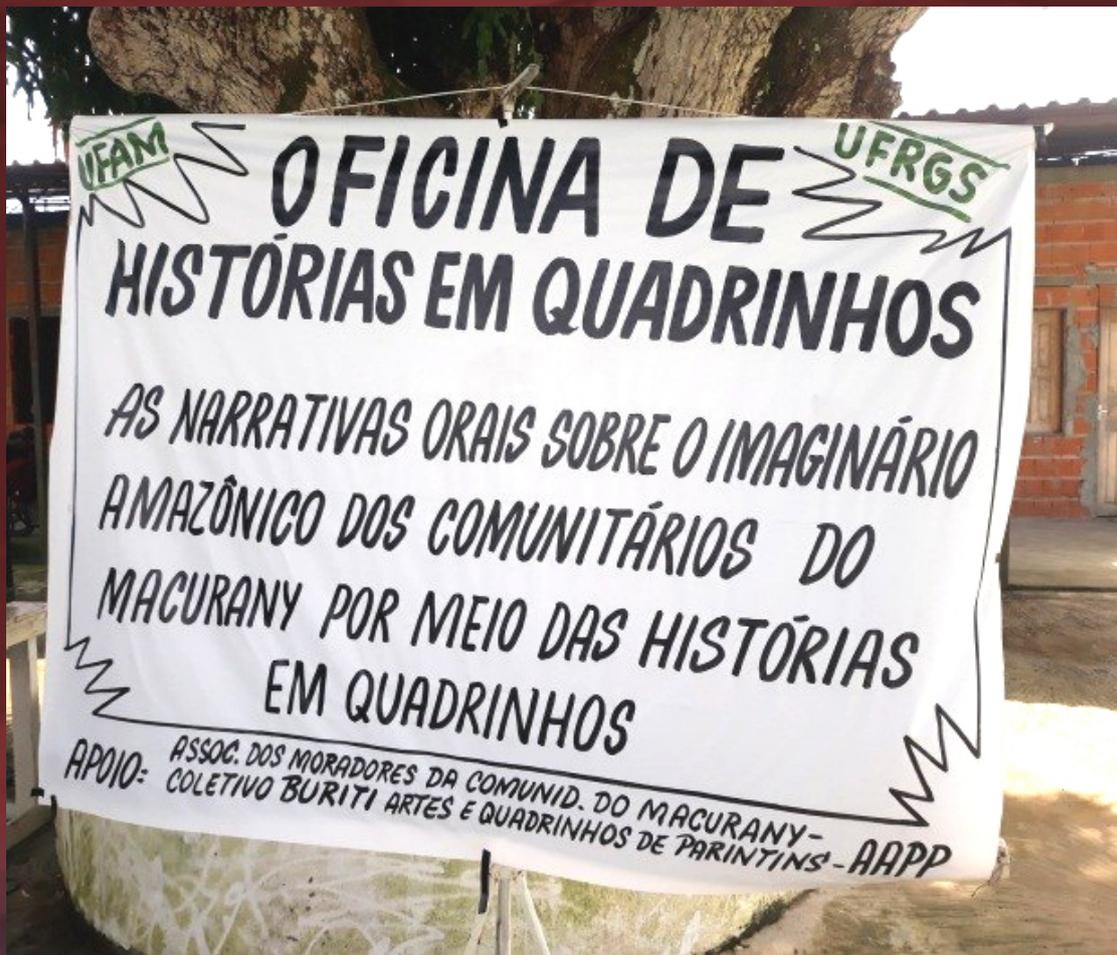
JUNHO DE 2021



## PROCESSO DE VETORIZAÇÃO

JUNHO DE 2021 A NOVEMBRO DE 2022





**PORTFÓLIO DE JOSE ROBERTO COSTA DE AZEVEDO  
MACURANY: A POÉTICA DE UM IMAGINÁRIO  
2020-2022**



## **Um olhar sobre os Imaginários amazônicos**

O presente portfólio reúne cinco pinturas elaboradas por mim posteriormente ao Laboratório em Contexto realizado na Comunidade de Macurany, em Parintins Amazonas, em 2021. Essa proposta surge como desdobramento do meu mestrado. A observação da documentação fotográfica realizada durante o trabalho de campo na Comunidade do Macurany evidenciava o contexto de coleta das imagens e os meios de registros de história oral. Considerados desde então como documentos de trabalho, passo a transpor essas imagens a outro suporte, alterando seu tamanho e aspecto e as associando à minha interpretação poética das narrativas orais coletadas pelos participantes naquela ocasião. Busco, através de um olhar autoral e da linguagem da pintura, elaborar e justapor a complexidade que percebo naquelas captações. O ponto central das imagens é evidenciado pela presença de um elemento novo, um marcador do tempo presente, em meio ao contexto e os imaginários ali figurados. Ao operar passagens entre registros associo o fotográfico à pintura tendo por base imaginativa as narrativas verbais coletadas junto aos comunitários, transcritas pelos participantes daquela atividade. Nesses trabalhos, a presença do celular aponta para a problemática do “um espelho quebrado do imaginário”, descrito por Paes Loureiro, como resultante da presença das mídias televisivas e agora portáteis num território amazônico complexo onde convivem problemas reais, com a potência imageante de um pensamento mítico, o que nos deixa algumas pistas para a continuidade da pesquisa e para outro projeto. Como uma forma de agradecimento, faço minhas homenagens a essa maravilhosa comunidade rural, que, a partir do primeiro contato, se colocaram à disposição em contribuir com a pesquisa. Todo o carinho recebido durante a realização do projeto retribuo devolvendo o sentimento de pertencimento que os comunitários sentem pela sua localidade.



Roberto Azevedo. **RIO NEGRO E SOLIMÕES**. 2022.  
Técnica: Acrílica sobre tela. Tamanho: 1m x 80 cm.

## RIO NEGRO E SOLIMÕES

Um dia, houve no céu grandes trovões e saraivadas de fogo, que foram presenciadas por todo planeta. Era o nascimento de dois grandes guerreiros, que eram tão formosos, um mais valente que o outro; e, ao mesmo tempo, eram tão bonitos que os povos indígenas ficavam encantados com eles. Eles eram tão belos, mas tinham cores diferentes, por exemplo, o que era moreno como a noite, foi chamado de Negro; o outro, que era quase branco como a cor do barro, chamaram de Solimões. Viviam sempre juntos, eram tão unidos que viviam para defenderem as tribos indígenas da inveja de um grande feiticeiro de uma tribo distante. O feiticeiro criou mentiras, indo até Solimões e dizendo:-- Os povos indígenas preferem o Negro, pois ele é tão corajoso, forte e não teme nada. Suas conversas são transparentes e seu jeito é calmo e belo. -- Não é como você, Solimões, que vive agitado e nunca fica calmo. -- O Negro, fala que você é muito falso! O Solimões ficou tão bravo contra o Negro, por ter falado mal dele; logo ele, o melhor amigo que tivera durante toda a vida. Ele ficou muito zangado, tanto que jurou: -- Vou matar ele e a todos que falaram mal de mim, logo eu, que sempre ajudei a todos com força e coragem. O feiticeiro saiu rindo, e foi lá com o Negro e falou mal do Solimões: -- Teu amigo está furioso contra você, é que ele acredita no que dizem. -- Ele disse que você é mesmo, muito metido! Negro saiu triste e disse que ia procurar seu amigo para conversar, atracou-se com ele e o atacou, rolando pelo o chão. Era chute e murro por toda a parte, numa luta quase sem fim. Negro, como sempre calmo, dizia: -- Amigo, eu te amo, vamos parar com essa luta! Ainda que eu morra, você sempre será o meu melhor amigo que tive. -- Nossa amizade é eterna, sempre vamos ser amigos e unidos para sempre; tudo isso é fofoca daquele feiticeiro. -- Que veio aqui destruir nossa amizade! Solimões parou, e chorou tanto com seu amigo Negro, que suas lágrimas encheram os rios. O feiticeiro viu que seu plano não tinha dado certo e ficou muito zangado, pois não pode fazer nada com a amizade dos dois amigos. O feiticeiro viu Negro estar ferido e Solimões sangrando.

Solimões lamentava muito porque via seu amigo agonizar; e, já sem forças pedindo perdão por duvidar da sua amizade. Negro, quase sem força, dizia: -- Você sempre será o meu melhor amigo! Os dois se abraçaram e sangraram até morrer. Os índios, orientados pelo pajé colocaram os corpos na água, os quais se transformaram em dois grandes rios. Batizaram-nos como rio Negro e Solimões, conhecidos pelo encontro das águas, onde as águas não se misturam. Além de serem os dois maiores rios do Amazonas, este é o local do encantamento eterno. Hoje, os rios encantam os turistas com suas belezas naturais, sendo lembrados pela fantástica luta de uma amizade que resistiu até a morte.

Por: Maria Lurdes Silva Ribeiro, 76 anos.  
Pesquisa: Layne Ribeiro Graça, 10 anos - 5º ano.  
Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.



Roberto Azevedo **AS COBRAS DO PARANANEMA**. 2022.  
Técnica: Acrílica sobre tela. Tamanho: 1m x 80 cm. Autor: Roberto Azevedo.

## **AS COBRAS DO PARANANEMA**

Antigamente aqui no Paranema nas proximidades do Campo Grande, hoje conhecido como Areal, tinha uma casa bem feita de assoalho e coberta de palha branca, onde morava um casal que não possuíam filhos. Tinham um belo campo onde os bois pastavam, servindo também para a criação de galinhas e porcos. Uma bela noite de luar estavam dormindo, quando ouviram um assobio fino e forte que parecia “vim” de muito longe. Então resolveram ver o que havia acontecido, então pegaram a lanterna e acenderam-na para verificar de onde vinha o assobio. Neste exato momento resolveram pegar também o rifle (espingarda), quando se depararam com duas imensas cobras que estavam enroladas neles. Com a lanterna acesa pegaram um terçado e saíram pela mata adentro até chegarem na estrada, visto que esta era a única alternativa para pedirem ajuda na cidade. Ao chegarem ao quartel de polícia chamaram vários homens armados para irem até a localidade para que verificassem o ocorrido, pois ao chegarem na comunidade as cobras tinham ido embora. Assim que partiram da propriedade onde morava o casal, as serpentes deixaram uma grande lisura e um terrível pitiú. Os donos foram obrigados a venderem as suas terras, deixando tudo para atrás, embora fosse um local muito bonito temiam que as cobras voltassem para lhes fazerem mal.

Por Inês Cândido da Silva, 53 anos.  
Pesquisa: Iasmin Cris Silva Mendonça, 12 anos - 6º ano.  
Escola Municipal Santa Luzia do Macurany



Roberto Azevedo. **A SEREIA DO LAGO PARANEMA**. 2022.  
Técnica: Acrílica sobre tela. Tamanho: 1m x 80 cm.

## **A SEREIA DO LAGO PARANANEMA**

Como eu nasci e me criei aqui na comunidade, eu conheço algumas histórias. Eu lembro que quando tinha uns oito anos de idade, mas ali na frente no rio Parananema, tinha um pedral grande assim como uma laje. Lá aparecia uma sereia com os cabelos pretos bem compridos e muito bonitos; era uma bela morena com um rabo de peixe. Vou te contar a história da sereia, que eu cheguei a ver quando tinha 8 anos de idade. Eu e os meus cinco irmãos, íamos em horário de meio dia para a casa da nossa tia. Foi quando avistamos uma sereia em cima de umas pedras que estavam na beira do lago. Parecia todo o corpo dela, cauda de peixe, cabelos bem pretos e ela era muito linda!

Contamos o que vimos para o teu avô, e ele falou que não era pra vermos e nem ouvirmos o canto dela. Mas porquê pai?

Não sei minha filha, ele nunca explicou o porquê da gente não podia escutar o canto dela. Mas ela nunca fez nada para ninguém. Os antigos contam que ela mora no fundo do lago. E quem ouça ouvir o seu canto, ficaria encantado e levaria para o fundo lago. Então essa é a história minha filha da Sereia do Lago Parananema.

Por Onildo Souza Batista, 52 anos.  
Pesquisa: Emily Souza Batista, 17 anos - 9º ano.  
Escola Municipal Santa Luzia do Macurany.



## **O ENCANTADO MARINHO**

Numa comunidade chamada Santa Maria do Mamuriacá pertencente a cidade de Nhamundá, localizada próxima a Parintins, situa-se a famosa Ilha das Icamiabas. Nesta localidade existe uma lenda assustadora contada pelos moradores da região, o qual o autor principal dessa história o famoso “Encantado Marinho,” o dono das águas da região. Marinho foi o nome que recebeu de sua mãe ao nascer, ele impera no lago entre a comunidade do Santa Maria do Mamuriacá até a comunidade de Santo Antônio do Mamuriacá. O Encantado Marinho, nasceu como um bebê humano normal, quando sua mãe completou 37 dias após seu nascimento. A grávida teve uma hemorragia intensa, fato considerado como muito grave na época do ocorrido, visto que não havia nenhum tipo de recursos ou transportes além da canoa. Junto de seu filho recém-nascido e seu esposo, seguiram rumo a Nhamundá por ser o único lugar mais próximo para se conseguir medicamentos. Ao se aproximarem de uma cabeceira próximo a comunidade de Santo Antônio do Mamuriacá, uma grande tempestade inesperada os surpreendeu. Este acontecimento descrito era carregado de um crescente fenômeno da natureza cercado de um elemento simbólico misterioso, o qual se faz presente na forma de ventos fortes nunca vistos por aqueles ribeirinhos daquela região.

Remaram com todas as suas forças para chegarem até a margem do lago, mas os ventos fortes e a neblina confundiram a visão deles, os levando para o meio do lago. O fantástico episódio é marcado por uma triste ocorrência aliada a uma forte onda que virou a canoa com o casal e seu bebê recém-nascido com 37 dias, onde o esposo conseguiu virar a canoa de bruços, junto com a esposa e o recém-nascido nos braços. Não podiam ficar ali com toda aquela grande tempestade que não cessava, contudo a consistência dos ventos não permitia colocar a canoa na posição correta. Então o pai disse: Mulher segure-se nas beiradas da canoa que irei tentar chegar até a margem do lago pedir ajuda, que sozinho não consigo levá-la com o nosso bebê em segurança.

Então, após o incidente o pai da criança seguiu. Segundos depois, voltou um homem idêntico ao esposo e pediu seu bebê, desesperada com o ocorrido a mulher entregou o bebê ao suposto esposo. Num curto espaço de tempo seu esposo voltou e pediu o bebê, foi aí então que perceberam que tinha acontecido um inusitado fato, culminando com o abrandamento da tempestade. Essa circunstância deu margem para o surgimento de um ambiente sinistro preparado

para se iniciar uma discussão entre o casal, onde a esposa afirmava com convicção que tinha entregado seu bebê ao seu esposo e o mesmo negava.

No dia seguinte juntaram um grande “puxirum,” formado por um grupo constituído de muitas pessoas com o único objetivo de encontrar o corpo do bebê. Não conseguiram encontrá-lo, mas usavam arrastões de pesca e não obtiveram o tão sucesso almejado, cuja única coisa que acharam foi a toquinha e a camisinha do bebê que ficou pendurada no araçazeiro. Após 7 anos do acontecido, o menino veio no sonho de sua mãe e contou que havia acontecido, pedindo-lhe para que ela não se preocupasse com ele. De acordo com o menino, ele estava bem num lugar lindo e não sofrera com o acontecido, pois havia se tornado o guardião das águas deste mesmo rio que o acometera do assustador naufrágio. Todos teriam que respeitá-lo ou sofreriam com as consequências por não se tratar de um menino normal como os demais, mas especificamente trata-se de um ser maravilhado. Hoje muitos já foram vítimas desse ser encantado que paira no reino abissal do conhecido como lago do Mamuriacá, região de Nhamundá. Esta localidade é muito temida pelos moradores da região, porém é o berço desta fantástica narrativa sobre o famoso “Encantado Marinho.”

Por Tereza Azevedo Costa, 71 anos.

Pesquisa: Yan Gabriel de Azevedo Castro, 6º ano do Ensino Fundamental.

Local: Comunidade do Macurany.



Roberto Azevedo **O BICHO FOLHARAL**. 2022.  
Técnica: Acrílica sobre tela. Tamanho: 1m x 80 cm.

## **O BICHO FOLHARAL**

Eu conheço uma história que a Dona Inêz me contou. Ela me falou que há muito tempo aconteceu um fato interessante na estrada da Comunidade do Macurany. Contavam que a partir das 18h não era aconselhado andar pela estrada sob o medo de ser perseguido pelo Bicho Folharal, o qual assustava as pessoas correndo atrás de quem se atrevesse a passar em horário impróprio. O lugar recorrente para o aparecimento deste ser encantado ficava bem próximo a lugar conhecido como “Curva da Cristina,” um balneário muito conhecido por ser um riacho de águas correntes advindas de um chavascal por onde passa o denominado Campo Grande. Então quem passasse de noite, ignorando as advertências dos mais velhos levava carreira do bicho. O senhor Januário Costa pertencente a comunidade do Parananema, é conhecido como Januca, tem uma baixa estatura física, é corajoso e de poucas palavras. Segundo informações prestadas pelo morador, este resolveu conhecer o Bicho Folharal quando fez uma viagem para a cidade, mas foi precavido com um punhal bem afiado dos dois lados como medida segura de prevenção. Chegando lá no local, o senhor Januca não se intimidou e se aproximando falou:- Venha, seja quem for, que hoje vamos tirar nossas diferenças. Então chegando perto do bicho, puxou o punhal da cintura e meteu pela folhagem adentro para alcançar a barriga do bicho. Num grande salto gritou! Não me fure seu Januca, sou eu quem assustava as pessoas que passavam por aqui.

Então em vez de seu Januário correr, o bicho - homem que correu dele. Então todos ficaram sabendo que não existia Bicho Folharal nenhum.

Por José Domingos Ferreira de Souza, 60 anos.  
Pesquisa: Vinícius Caldas de Andrade, 14 anos - 9º ano.  
Escola Estadual São José Operário.

Jose Roberto Costa de Azevedo

2022

Mestrado Interinstitucional, MINTER, Area de Concentração de Poéticas Visuais, Linha de Pesquisa Linguagens e Contextos de Criação, realizado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV. Acordo de Cooperação Técnica com a Universidade Federal do Amazonas UFAM.

Jose Roberto Costa de Azevedo. **AS NARRATIVAS ORAIS IMAGINÁRIAS DOS COMUNITÁRIOS DO MACURANY EM PARINTINS-AM POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS**, Dissertação de mestrado desenvolvida sob orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Ivone dos Santos, e coorientação do Prof. Dr. Ricardo Alfonso Moreno Baptista.